

ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA
DE VITÓRIA – EMESCAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E
DESENVOLVIMENTO LOCAL

LUCYANO JESUS RIBEIRO

**TV é CIENCIA: CAMINHOS DO JORNALISMO CIENTÍFICO
NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**

VITÓRIA

2013

LUCYANO JESUS RIBEIRO

**TV é CIENCIA: CAMINHOS DO JORNALISMO CIENTÍFICO
NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória - EMESCAM, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local.

Orientador: Dr. Prof. Cesar Albenes de Mendonça Cruz

Coorientador: Dr. Prof. José Edgard Rebouças

VITÓRIA

2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

(Biblioteca da EMESCAM, Espírito Santo, ES, Brasil)

Ribeiro, Lucyano Jesus

R484t TV é ciência : caminhos do jornalismo científico no estado do Espírito Santo / Lucyano Jesus Ribeiro. – 2014.

167f. il.

Orientador: Cesar Albenes de Mendonça Cruz.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, EMESCAM.

1. Jornalismo científico. 2. Política pública de comunicação social. 3. Comunicação da ciência. I. Cruz, Cesar Albenes de mendonça. II. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória. EMESCAM. III. Título.

CDU: 36

LUCYANO JESUS RIBEIRO

**TV é CIENCIA: CAMINHOS DO JORNALISMO CIENTÍFICO
NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória - EMESCAM, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local.

Aprovada em 15 de maio de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Prof. Cesar Albenes de Mendonça Cruz
Escola Superior de Ciências da Santa Casa de
Misericórdia de Vitória – EMESCAM
Orientador

Dr. Prof. José Edgard Rebouças
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Coorientador

Dr. Prof. Gilsa Helena Barcelos
Escola Superior de Ciências da Santa Casa de
Misericórdia de Vitória – EMESCAM

Dedicado à professora de Ciências Marta
Regina Fernandes de Jesus e ao estudante das
primeiras séries do fundamental Felipe Jose
Nader Ribeiro.

Minha mãe, meu filho, meus irmãos.

Agradecemos à equipe do TV é CIENCIA; aos colegas e professores da Emescam; aos amigos e amigas da SECTTI/FAPES, CDV/PMV, TVE-ES e TV Brasil; aos pesquisadores da Ufes, Ifes e Particulares; aos Divulgadores de Ciências e Inventores e; aos leitores e telespectadores.

É necessário que cada homem que pensa tenha a possibilidade de participar com toda lucidez dos grandes problemas científicos de sua época, e isso mesmo se sua posição social não lhe permite consagrar uma parte importante de seu tempo e de sua energia à reflexão científica. É somente quando cumpre essa importante missão que a ciência adquire, do ponto de vista social, o direito de existir (EINSTEIN, Citado por STUDART, 2005, p. 142).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a análise do programa *TV é CIENCIA*, veiculado pela *TV Educativa* do estado do Espírito Santo, dentro de uma perspectiva crítica das ciências sociais, para tentar entender como seus realizadores se articulam e se relacionam para cumprir, ou não, as intencionalidades e promessas de divulgar a ciência e a tecnologia por meio da televisão. Análise crítica nas dimensões: de suas relações com a ciência; com as políticas públicas sociais de comunicação no Brasil e estado do Espírito Santo e; sua possível categorização em relação a gêneros e formatos televisivos e do modo de produção e endereçamento dos enunciadores do Programa *TV é CIENCIA*. Para tal, as pesquisas bibliográfica e documental, além de entrevistas e análises de edições veiculadas do Programa *TV é CIENCIA*, entre os anos de 2007 e 2011, foram as principais fontes. O trabalho se justifica pela quase inexistência de bibliografia e trabalhos acadêmicos voltados ao assunto e pelo pioneirismo do programa *TV é CIENCIA* entre as televisões do Espírito Santo na divulgação da ciência e tecnologia. Concluímos que os enunciadores do Programa se utilizam de vários gêneros e formatos no seu modo de produção, e que o Programa *TV é CIENCIA* pretende ser um lugar de aproximação e familiarização da ciência e tecnologia aos telespectadores médios, além de buscar o estímulo à prática e reflexões sobre ciência e tecnologia, nas grandes Áreas do conhecimento científico, no Espírito Santo.

Palavras-chave: Jornalismo científico. Comunicação da ciência. Política pública de comunicação social. Televisão.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the TV program is SCIENCE, aired on state TV Educativa of the Holy Spirit, within a critical social science perspective, to try to understand how their makers articulate and relate to fulfill, or not, the intentions and promises to popularize science and technology through television. Critical analysis in the dimensions: its relationship with science; with social communication public policies in Brazil and Espírito Santo and; their possible categorization in relation to television formats and genres and the mode of production and of speakers addressing the TV program is SCIENCE. For this, the bibliographic and documentary research, interviews and analysis of the issues aired TV program is SCIENCE, between the years 2007 and 2011 were the main sources. The work is justified by the almost complete lack of bibliography and directed to issue academic work and for pioneering the TV program is SCIENCE between televisions of the Holy Spirit in the dissemination of science and technology. We conclude that enunciators Program make use of various genres and formats in their mode of production, and the TV program SCIENCE is intended to be a place of closeness and familiarity of science and technology to the average viewers, and seek the encouragement and reflections on science and technology, in large areas of scientific knowledge, in the Espírito Santo.

Keywords: Scientific Journalism. Communication Science. Social Communication Public Policy. Television.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Região Sudeste – participação (%) no PIB do Brasil – 2008 e 2009.....	35
Tabela 2 - Indicadores Oficiais das Contas Regionais – Brasil e Espírito Santo – 2009.....	36
Tabela 3 - Primeiros colocados no Ranking de Estados no PIB per capita do Brasil, 2005 - 2009.....	36
Tabela 4 – Desempenho das Principais Atividades Econômicas no Espírito Santo – Valor Adicionado Bruto – 2008 e 2009.....	37
Tabela 5 – Frequência das abordagens do programa TV é CIÊNCIA por Área de Conhecimento.....	65
Tabela 6 – Definição da amostra para análise qualitativa do programa TV é CIÊNCIA.....	73
Tabela 7 – Definição dos títulos para análise qualitativa do programa TV é CIÊNCIA.....	73

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentagem das Áreas de Conhecimento nas quatro temporadas.....	67
Gráfico 2 - Percentagem das Áreas de Conhecimento por Áreas Totais nas quatro Temporadas.....	67
Gráfico 3 - Percentagem de abordagens das Áreas de Conhecimento por total de abordagens na temporada 2007/2008.....	69
Gráfico 4 – Percentagem de abordagens das Áreas de Conhecimento por total de abordagens na temporada 2008/2009.....	69
Gráfico 5 – Percentagem de abordagens das Áreas de Conhecimento por total de abordagens na temporada 2009/2010.....	70
Gráfico 6 – Percentagem de abordagens das Áreas de Conhecimento por total de abordagens na temporada 2010/2011.....	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise descritiva da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> Intitulada <i>Meteorologia</i>	74
Quadro 2 – Apontamentos da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> intitulada <i>Meteorologia</i>	76
Quadro 3 – Análise descritiva da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> Intitulada <i>XXI Feira do Verde de Vitória</i>	77
Quadro 4 - Apontamentos da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> intitulada <i>XXI Feira do Verde de Vitória</i>	79
Quadro 5 – Análise descritiva da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> intitulada <i>Inovação Tecnológica</i>	80
Quadro 6 - Apontamentos da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> Intitulada <i>Inovação Tecnológica</i>	82
Quadro 7 – Análise descritiva da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> intitulada <i>Violência e Segurança Pública</i>	83
Quadro 8 - Apontamentos da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> Intitulada <i>Violência e Segurança Pública</i>	85
Quadro 9 – Análise descritiva da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> Intitulada <i>IV Semana de Ciência e Tecnologia</i>	86
Quadro 10 - Apontamentos da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> Intitulada <i>IV Semana de Ciência e Tecnologia</i>	88
Quadro 11 – Análise descritiva da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> intitulada <i>Desafios do Ensi.no Técnico Profissionalizante</i>	89
Quadro 12 - Apontamentos da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> intitulada <i>Desafios do Ensino Técnico Profissionalizante</i>	91
Quadro 13 – Análise descritiva da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> Intitulada <i>VIII SEMANA DE CIENCIA E TECNOLOGIA – PG 1</i> ...92	
Quadro 14 - Apontamentos da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> intitulada <i>VIII SEMANA DE CIENCIA E TECNOLOGIA – PG 1</i>	94

Quadro 15 – Análise descritiva da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> intitulada <i>Desenvolvimento do Espírito Santo e seus Efeitos</i> <i>Colaterais</i>	95
Quadro 16 - Apontamentos da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> intitulada <i>Desenvolvimento do Espírito Santo e seus Efeitos</i> <i>Colaterais</i>	97
Quadro 17 – Análise descritiva da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> intitulada <i>Desenvolvimento de Software</i>	98
Quadro 18 - Apontamentos da edição do programa <i>TV é CIÊNCIA</i> intitulada <i>Desenvolvimento de Software</i>	100
Quadro 19 – Categorias e gêneros dos programas na TV Brasileira	104
Quadro 20 – Categorias, subcategorias e gêneros do programa TV é Ciência.....	109

LISTA DE SIGLAS

ABDC	Associação Brasileira de Divulgação Científica
ABJC	Associação Brasileira de Jornalismo Científico
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
DIO-ES	Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo
EMESCAM	Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória
FAPES	Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo
FAESA	Faculdades Integradas Espírito Santenses
GPTJ	Grupo de Pesquisa e Análise de Telejornais da Universidade Federal da Bahia
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IJSN	Instituto Jones dos Santos Neves
NOMIC	Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação
NTSC	Comitê Nacional do(s) Sistema(s) de Televisão
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PIDC	Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação
RTV-ES	Rádio e Televisão do Espírito Santo
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SECT-ES	Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
SECTTI-ES	Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação, Educação Profissional e Trabalho do Espírito Santo
SEGER	Secretaria de Estado de Gestão e Recursos Humanos do Espírito Santo

SEP-ES	Secretaria de Estado de Economia e Planejamento do Espírito Santo
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TVE-ES	Televisão Educativa do Estado do Espírito Santo
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo
WFSJ	Federação Mundial de Jornalismo Científico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 PERSPECTIVA CRÍTICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	23
2.1 ABORDAGEM TEÓRICA A PARTIR DE TRÊS AUTORES.....	23
2.1.1 Karl Marx – concepção de alienação	24
2.1.1.1 A perspectiva metodológica de Marx.....	26
a PRODUÇÃO	26
b A RELAÇÃO GERAL DA PRODUÇÃO COM A DISTRIBUIÇÃO, TROCA E CONSUMO	26
c O MÉTODO DA ECONOMIA POLÍTICA	27
2.1.2 Émile Durkheim – a escola francesa de sociologia	28
2.1.3 Max Weber – a sociologia compreensiva	30
2.2 ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE CONCEPÇÃO DE CIÊNCIAS.....	33
2.2.1 TEORIAS E MÉTODOS CIENTÍFICOS	35
3 POLÍTICAS PÚBLICAS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL	39
3.1 ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE CONCEPÇÕES E DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS SOCIAIS.....	39
3.2 ORIGEM DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE COMUNICAÇÃO NO MUNDO E SEU DESENVOLVIMENTO.....	43
3.3 POLÍTICA PÚBLICA DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL.....	46
3.3.1 A TV no Brasil	49
3.4 POLÍTICA PÚBLICA DE COMUNICAÇÃO NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO.....	51
3.4.1 O estado do Espírito Santo – contexto	51
3.4.2 Políticas públicas de comunicação no Espírito Santo	54
3.4.3 Um pouco da história da comunicação em solos capixaba	56
3.4.3.1 A TV no Espírito Santo.....	58
3.5 ABORDAGEM TEÓRICA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E	

JORNALISMO CIENTÍFICO.....	60
3.5.1 Concepção de jornalismo	60
3.5.2 Concepção de divulgação científica, jornalismo científico e seus desenvolvimentos.....	63
3.5.3 A relação do jornalista com as fontes	66
4 ANÁLISE DO PROGRAMA TV é CIÊNCIA.....	72
4.1 A CONCEPÇÃO, IMPLEMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA TV é CIÊNCIA.....	73
4.1.1 O contexto capixaba no início do novo milênio.....	73
4.1.2 O TV é ciência entra no ar.....	74
4.1.3 Considerações acerca do Item anterior.....	80
4.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS TÍTULOS POR ÁREA DE CONHECIMENTO.....	81
4.3 ANÁLISE DOS CONTEÚDOS ABORDADOS NAS QUATRO TEMPORADAS.....	89
4.4 ANÁLISE DESCRITIVA DAS EDIÇÕES DO PROGRAMA <i>TV é CIENCIA</i>	91
4.4.1 Considerações parciais da edição <i>METEOROLOGIA</i>	94
4.4.2 Considerações parciais da edição <i>XXI FEIRA DO VERDE DE VITÓRIA</i>	97
4.4.3 Considerações parciais da edição <i>INOVAÇÃO TECNOLÓGICA</i>	100
4.4.4 Considerações parciais da edição <i>VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA</i>	102
4.4.5 Considerações parciais da edição <i>IV SEMANA ESTADUAL E NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA</i>	105
4.4.7 Considerações parciais da edição <i>DESAFIOS DO ENSINO TÉCNICO E PROFISSIONALIZANTE NO ESP. SANTO</i>	109
4.4.8 Considerações parciais da edição <i>VIII SEMANA ESTADUAL E</i>	

<i>NACIONALDE CIÊNCIA E TECNOLOGIA.....</i>	<i>112</i>
4.4.9 Considerações parciais da edição <i>DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO</i> <i>SANTO E SEUS EFEITOS COLATERAIS.....</i>	<i>115</i>
4.4.10 Considerações parciais da edição <i>DESENVOLVIMENTO SOFTWARE.....</i>	<i>118</i>
4.5 ANÁLISE QUANTO AO GÊNERO E FORMATO DO TV é CIENCIA.....	118
4.5.1 Abordagem teórica.....	118
4.5.2 O lugar do TV é ciência.....	121
4.6 O MODO DE ENDEREÇAMENTO E O CONTEXTO COMUNICATIVO DO TV é CIENCIA - AINDA SOBRE GÊNEROS E FORMATOS.....	127
5 CONCLUSÃO.....	138
REFERÊNCIA.....	148
ANEXOS.....	153
ANEXO A.....	154
ANEXO B.....	157
ANEXO C.....	161
ANEXO D.....	166

1 INTRODUÇÃO

Várias ações já foram desenvolvidas no estado do Espírito Santo na tentativa de estabelecer canais eficientes e eficazes de comunicação entre o meio acadêmico e a sociedade com vistas à aproximação de ambos. Mas, a produção e veiculação de um programa de televisão em canal aberto para divulgar a ciência, a tecnologia, a inovação e os processos de produção do conhecimento científico do, e no, Espírito Santo é bem mais recente. O primeiro passo para que isso ocorresse se deu com a veiculação da primeira edição do Programa semanal *TV é CIENCIA*, no dia 13 de março de 2007, pela *TV Educativa do Espírito Santo (TVE-ES)*, canal 2.

Na certidão de nascimento do Programa, consta como principal realizadora uma equipe de pesquisadores, profissionais de televisão de jornalismo e radialismo e divulgadores de ciências, sob a coordenação de membros do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e com aporte financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES), autarquia vinculada à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTTI).

Naquele ano, os idealizadores da iniciativa apresentaram como objetivo geral do projeto do Programa *TV é CIENCIA*:

Pesquisar a produção científica e tecnológica local e promover a difusão da ciência, tecnologia e inovação com vistas ao desenvolvimento sustentável e inclusão social, divulgando, através da mídia televisiva, atividades, projetos, pesquisas, programas, planos de ação, produtos e processos relacionados à geração do conhecimento no Espírito Santo (FORECHI, 2006, p.09).

O Programa obteve boa aceitação do público telespectador e com apenas nove meses de exibição alcançava uma audiência em torno de 30 mil telespectadores na Grande Vitória, colocando-o em terceiro lugar entre as produções locais da grade de programação da *TV Educativa do Espírito*

*Santo*¹. Assim, os dados demonstravam a viabilidade da experiência pioneira entre as emissoras de televisão sediadas no estado e teve continuidade nos anos que se seguiram.

Porém, apesar dos resultados acumulados ao longo dos anos, persiste a carência de estudos mais aprofundados que possibilitassem um melhor entendimento sobre os processos de produção do Programa *TV é CIENCIA* e das suas relações e articulações com a sociedade capixaba, visando até mesmo o seu aperfeiçoamento.

Assim, a falta de experiências similares nas televisões do Espírito Santo, a quase ausência de disciplinas acadêmicas para a comunicação das ciências e para o jornalismo científico e à divulgação científica, apesar da significativa produção acadêmica em outras áreas nas faculdades e universidades sediadas no estado, e a boa aceitação do público telespectador do Programa, nos desafiaram a buscar referências que possibilitassem um melhor entendimento e aperfeiçoamento do Programa *TV é CIÊNCIA*, como uma prática de jornalismo científico e de política pública social de comunicação da ciência e tecnologia.

Esse é o principal objetivo do presente trabalho: a análise do Programa *TV é CIÊNCIA*, dentro de uma perspectiva crítica das ciências sociais; na dimensão da sua relação com as políticas públicas sociais de comunicação no Brasil e no estado do Espírito Santo, em especial da comunicação das ciências; do seu modo de produção e veiculação; do seu relacionamento com as principais fontes e com o público telespectador e; os principais pontos de convergência e distanciamento das linguagens e técnicas do jornalismo científico.

Como objetivos específicos: uma categorização do Programa *TV é CIENCIA*; uma pesquisa-ação para o estabelecimento de parâmetros conceituais e

¹ Dados repassados ao autor pelo ex-diretor da TV Educativa do Espírito Santo, jornalista Tinoco dos Anjos, com base em pesquisa de opinião pública realizada pelo IBOPE, em 2007.

práticos para o aperfeiçoamento do próprio programa; a possibilidade de servir de instrumento para formação acadêmica e o aperfeiçoamento profissional e de outros interessados no assunto, além do registro histórico de uma experiência pioneira.

Como jornalista profissional desde 1994, e atuando como Diretor Geral e Apresentador do Programa *TV é CIENCIA*, desde em 2007, o desafio não poderia deixar de tocar tanto. Depois da participação do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Linguagens Audiovisuais e Multimídia, oferecido pelo Departamento de Comunicação Social, da Universidade Federal do Espírito Santo, concluído em abril de 2010, e que nos possibilitou as primeiras análises sobre o Programa *TV é CIENCIA*, o passo seguinte foi ingressar no programa de mestrado do curso de Políticas Públicas e Desenvolvimento Local, oferecido pela Emescam, para nos permitir a análise mais contundente.

Dessa forma, concordando com os professores e pesquisadores Arlindo Machado e Marta Lucía Vélez quanto às questões metodológicas de análises de televisão e as limitações das avaliações estruturalistas, quando afirmam que:

A ênfase, portanto, não pode estar apenas nos aspectos meramente técnicos ou metodológicos de análises (visualização plano por plano, análise das sequências, estudos de gênero e formatos etc.), mas na relevância dos programas enquanto contribuições singulares à televisão e à cultura contemporânea. (MACHADO; VÉLEZ, 2007, p.15).

E, ainda, conscientes de que:

Não existem métodos genéricos, que possam servir como modelos universais de análises para quaisquer produtos audiovisuais. O método de abordagem para cada programa não pode ser tomado como algo predeterminado por um modelo ou teoria, mas deve derivar do próprio trabalho examinado. Há sempre um (ou vários) métodos(s) de abordagem implícitos(s) em cada programa. (MACHADO; VÉLEZ, 2007, p.9).

Sáimos em busca de pressupostos e fundamentos teóricos, no primeiro capítulo, iniciando nosso trabalho sumariando e abordando de forma crítica a

bibliografia corrente no Brasil sobre as principais concepções das ciências sociais, a partir de três autores: Karl Marx; Émile Durkheim e Max Weber. Em seguida, uma abordagem teórica sobre as concepções de ciência e tecnologia.

No terceiro capítulo, ainda tendo como principal fonte de investigação a bibliografia disponível, realizamos uma abordagem teórica, histórica e contextualizante sobre as políticas públicas sociais, em especial de comunicação, de divulgação científica e jornalismo científico, e seus desenvolvimentos no mundo, no Brasil e no estado do Espírito Santo.

No quarto capítulo, realizamos as análises propriamente dita do programa *TV é CIENCIA*: o contexto que possibilitou sua concepção e implantação, e seus principais atores; o desenvolvimento do programa e modos de produção nas quatro temporadas, que se estendem no período de 2007 a 2011, com suas potencialidades e ameaças. Em seguida, uma análise quantitativa das abordagens do programa em relação às grandes Áreas do Conhecimento, segundo classificação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES), tendo como universo de pesquisa as 190 edições veiculadas semanalmente no período.

Ainda nesse capítulo, realizamos a análise qualitativa e descritiva das abordagens realizadas quanto aos princípios jornalísticos de objetividade, temporalidade e amplitude, tendo como universo as 93 edições veiculadas na primeira e na última temporadas (2007 e 2011, respectivamente), de onde extraímos uma amostra de dez por cento, ou seja, nove edições inéditas, e, ainda, levando em conta a frequência das principais Áreas de conhecimento abordadas.

Logo após, efetuamos uma análise do Programa *TV é CIENCIA* quanto a gêneros e formatos da televisão, segundo metodologia de classificação proposta pelo professor e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), Jose Carlos Aronchi, com base nas grades de programação das sete maiores

redes nacionais de televisão. Por fim, as análises de como os enunciadores do Programa se relacionam com o público, a partir do modo de endereçamento, tendo como ferramenta de análise o contexto comunicativo proposto pelo Grupo de Pesquisa e Análises de Telejornais (GPTJ), da Universidade Federal da Bahia, a partir do trabalho realizado com os quatro telejornais da Rede Globo de Televisão: *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*.

Ao final, as considerações que nos permitem inferir que o programa *TV é CIENCIA*, apesar de ser iniciativa que articula a participação de agentes públicos e pessoas privadas, ainda não pode ser considerado como uma experiência efetiva de política pública social de comunicação da ciência e tecnologia.

Por outro lado, a experiência do Programa *TV é CIENCIA* nos revela que se trata de produto televisivo que melhor poderia ser classificado como das categorias de informação e educação, ou mais precisamente, de uma subcategoria: a de Infoeducação². Concluímos ainda que os enunciadores do Programa se utilizam de vários gêneros e formatos no seu modo de produção e; que o Programa *TV é CIENCIA* pretende ser um lugar de aproximação e familiarização da ciência e tecnologia aos telespectadores médios, além de buscar o estímulo à prática e reflexões sobre ciência e tecnologia, nas grandes Áreas do Conhecimento científico, no Espírito Santo.

Reconhecemos as limitações do estudo aqui apresentado, como também não há pretensão de se esgotar o assunto. Apenas um exercício acadêmico extremamente gratificante sobre uma experiência pioneira entre as emissoras de televisão sediadas no estado do Espírito Santo e que pode servir de estímulo a novas pesquisas e experiências.

² Termo sugerido pelo autor

2 PERSPECTIVA CRÍTICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

No desenvolvimento da seção, foram utilizadas principalmente as bibliografias e anotações das discussões em sala de aula da disciplina Teoria Política, realizada no segundo semestre de 2010, ministrada pelo professor doutor Cesar Albene, e da disciplina Teoria Social, realizada no primeiro semestre de 2011, ministrada pela professora doutora Maria Helena Rauta Ramos, do Curso de Mestrado em Política Públicas e Desenvolvimento Local, oferecido pela EMESCAM.

2.1 ABORDAGEM TEÓRICA A PARTIR DE TRÊS AUTORES

As análises das relações entre teoria, método e história na obra de autores nos permitem enxergar suas visões de mundos e, conseqüentemente, seus legados às pesquisas sociológicas, como políticas, no mundo contemporâneo. A partir daí, essas análises possibilitam uma melhor apreensão da realidade e dos elementos que permeiam os discursos oficiais, doutrinas religiosas e textos acadêmicos da atualidade.

Oportunamente, e levando em consideração o objeto de estudo do presente trabalho, acrescentamos, ainda, as visões de mundo que dão norte a atuação da chamada grande mídia, encarregada de intermediar o discurso oficial com o público em geral, transferindo a estes as visões de mundo daqueles e de quem a própria mídia representa. Justifica-se a reflexão dada a importância desses veículos de comunicação de massa nos processos de socialização desde as crianças aos mais idosos.

E, dentre essas mídias, é inegável a importância da televisão. Estima-se que sete em cada 10 lares pelo mundo afora possui um aparelho de televisão em casa. Nesse momento, outro ponto de reflexão importante é o papel dos profissionais que labutam nas televisões. E, aí vamos nos esbarrar, outra vez,

na questão da visão de mundo, e como defende o jornalista e professor Andre Trigueiro:

O bom jornalista é aquele que se preocupa em ouvir os dois lados da história, oferecendo ao leitor/ouvinte/telespectador/internauta a chance de formar juízo de valor sobre o assunto em pauta. Mas isso não livra o jornalista de ter sua visão de mundo, suas convicções, seus ideais. (TRIGUEIRO, 2005, p.285)

De volta a nossa abordagem teórica das Ciências Sociais, percebemos que são basicamente duas as principais correntes que representam as visões de mundo que predominam nos dias de hoje. Essas visões são alicerçadas no desenvolvimento do conhecimento humano de sociedade, realizado por pensadores de suas épocas, homens de seus tempos. Assim, as pesquisas sociológicas podem trilhar por vários caminhos: da totalidade à particularidade; da relação, ou não, do fenômeno social com o contexto histórico; da análise profunda e crítica às meras mensurações; e da postura crítica à suposta neutralidade.

Caminhos legítimos a qualquer um que se proponha a refletir e pesquisar. Mas, como pressuposto das pesquisas nos campos da sociologia e política, quaisquer que sejam, sugerimos como necessárias análises de alguns dos autores que contribuíram para a construção das visões de mundo adotadas na atualidade pelas Ciências Sociais. Daí, passamos à análise das obras de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, pela amplitude e representatividade de seus legados dentre os estudos da Teoria Social e que servirão de base aos nossos trabalhos mais adiante.

2.1.1 Karl Marx – concepção de alienação

Na juventude, Marx foi militante atuante de grupos de intelectuais ligados à Filosofia Clássica Alemã, cujo expoente maior naquele momento era o filósofo idealista Hegel. Para esse, o ponto de partida da reflexão filosófica é o subjetivo, o eu, o sujeito. As determinações exteriores, como as condições materiais da existência humana, estariam em segundo plano na condução

reflexiva. Podemos dizer que Hegel parte da totalidade, universalidade, com gênese no espiritual, no pensamento e na consciência humana para o mundo material. Genericamente, poderíamos afirmar que para Hegel o meio é produto do sujeito.

Marx, ao romper com os hegelianos, discorda. Para ele, os homens criam as suas próprias necessidades, sociais. Os preceitos idealistas, ao buscarem a justificação da condição humana no campo espiritual, em pressupostos da revelação divina, estariam, na verdade, contribuindo para a alienação cultural (religiosa) e econômica do próprio homem. As ciências Sociais, assim e como todas as outras, estariam subordinadas à teologia.

O idealismo da dialética de Hegel perde terreno e Marx busca em Feuerbach elementos da alienação religiosa para cunhar novos conceitos e caminhos: o da dialética materialista. Para ele, o homem faz a história a partir de condições concretas em que se insere. Assim, Marx elabora a noção de totalidade aberta, da história real e do homem concreto, diferindo da dialética de Hegel, da totalidade fechada, por sua relação com o divino, o sobrenatural.

Para Marx, das relações de produção originam-se as necessidades sociais. Perante essas necessidades, o homem conquista seus direitos, através das lutas sociais.

Ainda segundo Marx, a alienação, além da religiosa, é determinada na produção, em decorrência da propriedade privada. E, a emancipação dos homens também só pode ocorrer aí, no domínio da produção, lugar da atividade criadora. Para Marx, o homem, ao vender sua força de trabalho e seu tempo ao detentor do meio de produção, contraia sua própria condição humana.

Em Marx, o homem concreto está vinculado ao estabelecido nas relações sociais de produção e não a sua essência natural. Para Ramos (2011), Hegel

defende que a “Racionalidade humana (espírito do mundo) resulta de fases do desenvolvimento para manifestação desse próprio espírito” (RAMOS, 2011, p. 6). Para a pesquisadora, Marx, porém, afirma que a “Civilização é resultado da produção de homens concretos, que labutam no seu cotidiano”, (RAMOS, 2011, p. 6).

A superação da alienação dos homens no caminho de uma sociedade verdadeiramente humana, na visão de Marx, passaria pela reconciliação do homem com a natureza, do homem com outros homens e do homem com ele mesmo. A eliminação da propriedade privada, que aliena o homem dos meios de produção e do fruto de seu trabalho, então, passaria a ser determinante.

2.1.1.1 A perspectiva metodológica de Marx

Para Ramos (2011), na análise da sociedade burguesa, Marx utiliza-se da constituição histórica do seu objeto de estudo: a produção material, no sentido ontológico e reflexivo. E, ainda, na abordagem de Marx sobre a relação teoria, método e história, a mesma autora propõe que os estudos devem trilhar pela análise das seguintes fases:

- a) **PRODUÇÃO** – que seria um processo constituído socialmente e resultante de um desenvolvimento histórico. Assim, Ramos (2011, p.11) defende que em Marx, “Toda produção é apropriação da natureza pelo indivíduo, no interior e por meio de uma determinada forma de sociedade”. E, ainda, “[...] cada forma de produção cria suas próprias relações de direito, formas de governo, etc. [...]”.
- b) **A RELAÇÃO GERAL DA PRODUÇÃO COM A DISTRIBUIÇÃO, TROCA E CONSUMO** – Nesta fase, para Ramos (2011, p. 12), podemos observar que Marx

[...] aborda os ciclos do processo ampliado de produção, ou seja, produção, distribuição, troca e consumo, como momentos distintos,

mas entrelaçados, pressupostos uns dos outros e mutuamente determinantes, de um único processo – a produção ampliada – cabendo, portanto, a determinação fundamental à produção.

Assim, com o consumo, segundo Marx, citado por Ramos (2011, p. 14), a produção é consumo duplo (objetivo e subjetivo). “Se de um lado, é a produção que oferece o objeto em sua forma exterior para ser consumido, de outro lado, é o consumo que coloca em sua forma ideal o objeto da produção”.

Em relação à distribuição, Marx se opõe à idéia de distinção com a etapa de produção. Para ele, o salário é a forma como o trabalhador participa da repartição da riqueza social, diferentemente do feudalismo e escravagismo. Com relação à troca, já que Marx admite que a circulação é apenas um de seus momentos, é etapa de mediação entre produção e distribuição, sendo determinada pela produção, como também pelo consumo.

c) O MÉTODO DA ECONOMIA POLÍTICA

Para Ramos (2011, p.16), Karl Marx diferencia seu método de estudos daqueles utilizado pelos economistas, cujos princípios da dialética remontam dos escolásticos do século XV, passando por Espinosa e a filosofia clássica alemã de Kant até Hegel, da dialética racional, com quem Marx dialoga e polemiza, defendendo o enfoque do processo cognitivo do ponto de vista materialista.

Assim, Gorender, citado por Ramos (2011, p. 16), analisando Marx, propõe que o “conhecimento percorre escalas necessárias do intuitivo empírico ao abstrato e deste ao concreto pensado, que terna, enquanto totalidade de múltiplas determinações”.

Ainda seguindo Ramos (2011), para Marx, os economistas, com seus métodos, fazem desaparecer todas as diferenças históricas e a forma burguesa passa a

ser a forma de sociedade de todas as épocas. Para Ramos (2011, p.17), “Não é o passado que explica o presente e nem o simples que explica o complexo, mas muito ao contrário”.

Em Marx (citado por RAMOS, 2011, p.18), “Real é constituído histórica e logicamente, numa relação imanente”. O que interessa em Marx, ainda segundo a autora, é a “Descoberta das conexões internas que determinam a essência do objeto investigado e para tanto, valemo-nos da pesquisa de seu processo histórico de constituição e consolidação”.

Finalizando, para Ramos (2011, p.18) o plano de estudos de Marx consiste:

1 – As determinações abstratas gerais, que convêm portanto mais ou menos a todas as formas de sociedade, mas consideradas no sentido acima discutido; 2 – as categorias que constituem a articulação interna da sociedade burguesa e sobre as quais se assentam as classes fundamentais: capital, trabalho assalariado, propriedade fundiária. Os seus relacionamentos recíprocos. Cidade e campo. As três grandes classes sociais. A troca entre estas. A circulação. O sistema de crédito (privado); 3 – síntese da sociedade burguesa na forma do Estado. Considerado no seu relacionamento consigo próprio. As classes “improdutivas”. Os impostos. A dívida pública. O crédito público. A população. As colônias. A migração; 4 – relações internacionais de produção. A divisão internacional do trabalho. A troca internacional. A exportação e a importação. A cotação do câmbio; 5 – o mercado mundial e as crises.

Dessa forma, para Ramos (2011), Marx aponta o objeto de seus estudos, que coincide com o ponto de partida das pesquisas em sociologia: a produção material, ou seja, a produção dos indivíduos determinada socialmente. O método materialista dialético faz abordagem crítica do modo de produção capitalista e analisá-la é seguir o caminho do verdadeiro desenvolvimento histórico.

2.1.2 Émile Durkheim – a escola francesa de sociologia

Durkheim, obviamente, não é oriundo da escola alemã. Ao contrário, vive um período da França de grande conturbação política e, por outro lado, de euforia pelas conquistas científicas e tecnológicas da passagem do século XIX para o

século XX. Durkheim é de família judaica e, após início de uma carreira jurídica espelhada no pai, faz a opção pela não religiosidade.

Considerado um dos pais da sociologia moderna, estudou na *École Normale Supérieure*, de Paris e, posteriormente, na Alemanha, sendo fortemente influenciado pelo trabalho do psicólogo Wilhelm Wundt. Pertence à primeira fase do pensamento sociológico baseado no organicismo. É um dos principais fundadores do positivismo, criado para se opor à dialética de Hegel e Marx. Também é criador da escola francesa de [sociologia](#), posterior a [Marx](#), que combinava a pesquisa [empírica](#) com a teoria sociológica.

Dentre suas obras, a principal é: *Da divisão do trabalho social*, publicado em 1893. Durkheim recebe influência intelectual de Descartes, Rousseau, Saint Simon, Auguste Comte e Fustel de Coulanges, que foi seu professor. Era da corrente funcionalista, que procura explicar aspectos das sociedades como um todo. Para Durkheim, cada instituição exerce uma função específica na sociedade e seu mau funcionamento significa a desordem da própria sociedade.

O sociólogo avalia a sociedade como um fato social ou coisa, caracterizada pela exterioridade e a razão. Privilegia, portanto, o método das ciências exatas. Durkheim vê a sociedade como um órgão, comparando os homens a órgãos do organismo social em relacionamento com a sociedade. A consciência coletiva não agrupa várias consciências individuais, ela é gerada pela sua própria lei.

Tal compreensão é avaliada por Durkheim também na relação pesquisador versus objeto. Para ele, o pesquisador deve manter-se afastado do objeto, desconsiderando as suas pré-noções; para afastar as pré-noções, o pesquisador deve proibir a si próprio conceitos exteriorizados à ciência, e deve partir da definição do objeto da pesquisa, ou seja, da definição de coisas.

A sociedade prevalece sobre o indivíduo, sendo um conjunto de normas que não estão apenas na consciência dos indivíduos, mas sim, são construídas exteriormente, fora das consciências individuais. As regras devem ser seguidas por todos e devem ser aceitas na vida em sociedade. Sem as regras, não existiria sociedade.

A divisão do trabalho social é principal preocupação dos estudos de Durkheim. Para ele, passamos da solidariedade mecânica para solidariedade orgânica (sociedade capitalista) e, por fim, evoluiremos para o socialismo mas, não o científico, já que é uma fase do por vir.

A finalidade do método sociológico para Durkheim é observar os fatos sociológicos (objeto da sociologia), descrevê-los, classificá-los e procurar leis que os expliquem. Para ele, cada ciência deve ter um objeto específico, próprio e independente. Assim, seus principais princípios metodológicos são: 1- Os fatos são coisas, quantificáveis; 2- Os fatos são exteriores aos indivíduos e, 3- A vida coletiva exerce um constrangimento sobre o indivíduo em seu processo socialização e convivência com a sociedade.

2.1.3 Max Weber – a sociologia compreensiva

O sociólogo e filósofo alemão Max Weber é contemporâneo do francês Émile Durkheim. Mas, vive numa Alemanha da unificação nacional em torno da monarquia de Bismark à República de Weimer e de um processo de revolução industrial tardio em relação à Inglaterra e à própria França. Seu pai era influente monarquista e a mãe uma intelectual burguesa do ramo da indústria têxtil. Weber, assim, de princípios liberais, inicia sua vida docente lecionando economia política, em Berlim, em 1893.

Devido às condições de saúde, que o impedia de lecionar e desenvolver seus estudos de forma contínua, chegando a momentos de quase invalidez total, Weber dá sua maior contribuição em sua obra mais famosa: *A Ética*

Protestante e o Espírito do Capitalismo, publicada entre 1904 e 1905, no Arquivo de Sociologia e de Política Social, revista da qual assumiu a direção em 1903.

Weber questiona o ideal positivista da época e apresenta por inúmeros ângulos as ciências sociais e suas complexidades em relação à avaliação real da vida social. Fala sobre a realidade cultural e afirma que, deve-se levar em consideração a realidade cultural e a época, historicamente falando, na investigação de fenômenos culturais estudados.

Corresponde a um método de estudo que busca formular conceitos, normas e pensamentos vigentes que permitam resultados válidos. Contesta a ciência social que reduz a realidade empírica a leis. Porém afirma que ainda assim não é possível alcançar a realidade social, mas devemos utilizar esses meios para sempre buscá-la. Para Weber o conhecimento das leis sociais não é um conhecimento do socialmente real, mas unicamente um dos diversos meios auxiliares que o nosso pensamento utiliza para esse efeito.

Weber escreve sobre o desenvolvimento do capitalismo e critica a propriedade privada. Para ele, o *tipo ideal* é o instrumento que conduz o autor a uma conclusão da realidade complexa. Portanto, cabe à sociologia e à história, por meio do estudo da cultura, reconstruir os atos humanos e compreender o significado deste para seus agentes. O universo de valores adotado por um grupo social ou por membros de uma determinada sociedade e a partir disso construir conceitos e encontrar as *regras gerais* do acontecer.

Weber defende que a ação é definida por toda conduta humana dotada de um significado subjetivo, dado por quem a executa e por quem orienta essa ação. O sentido da ação, considerando suas dimensões históricas (presente, passado e futuro) da ação, seja ela individualizada ou da coletividade, para que desta forma seja possível interpretar melhor esta ação social e a partir disso, explicar o seu desenvolvimento e os seus efeitos.

Weber fala sobre a ação estritamente afetiva ou tradicional que levam a ações orientadas de maneira significativamente consciente e são repassadas por meio da imitação reativa (aprendemos com os pais, com a cultura dessa sociedade, pela imposição do Estado e com a religião).

Para Weber, há critérios para explicar a divisão do poder. O critério mais relevante para a classificação desta divisão do poder refere-se à dominância, em determinado período histórico, de uma forma de organização, ou pelo peso particular das diversas esferas da vida coletiva.

A concepção de sociedade construída, para Weber, é separada por esferas como: economia, religião, política, jurídica, social e cultural, avaliando a particularidade destas em relação ao fenômeno social estudado.

Weber defende que um determinado indivíduo pode interferir em mais de uma esfera e que a sociedade também é dividida em classes, quando: 1) é comum a um certo número de pessoas um componente causal específico de suas probabilidades de existência na medida em que; 2) tal componente esteja representado exclusivamente por interesses lucrativos e de posse de bens e; 3) em condições determinadas pelo mercado (de bens ou de trabalho). Esta divisão de classes em instâncias diferenciadas que vão além da divisão meramente econômica das classes.

A dominação é explicitada pela persistência de determinadas relações sociais. Claro que relações de dominação (poder) de uma classe sobre outra e que historicamente demonstraram ter difícil mobilidade-alterações. Para Weber, a difícil mobilidade-alterações de classe deve ser combatida por meio da *luta* (confronto propriamente dito ou uma disputa convencional).

Weber também está preocupado com a sociologia da religião e fala sobre a tendência de busca pela racionalização de todas as esferas da vida social que o mundo registrava naquele momento histórico. Por fim, Weber associa o

Capitalismo à racionalização da vida prática, pois inúmeros religiosos passaram a ser empresários e detentores dos meios de produção.

O método compreensivo, defendido por Weber, consiste em entender o sentido que as ações de um indivíduo contêm e não apenas o aspecto exterior dessas mesmas ações. O ponto da discussão do autor era a individualidade das manifestações de espírito. Weber procurava estudar o sentido da ação humana e conhecer o simbólico do que configura uma ação social, se opondo ao método dos positivistas e ao mesmo tempo o materialismo histórico de Marx.

2.2 ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE CONCEPÇÃO DE CIÊNCIAS

Tanto a ciência como a tecnologia, ainda que resultado da imaginação, da invenção, das paixões e das solicitações que as sociedades humanas engendram em sua história, são produtos que não estão isentos de uma apropriação social e com conseqüências sociais que se revelam decisivas para as sociedades contemporâneas (PAVAN, 1999, p. 72).

Pelo raciocínio, parece-nos que já há certo consenso entre os estudiosos de que existem tantas concepções de ciências quanto há visões de mundo, da realidade, da existência humana ou de sociedade por aqueles que fazem ciências, se propõem em praticá-la. Enquanto para uns, ciências pode ser o próprio saber, o conhecimento, para outros, ciências pode ser apenas o método, ou sistema para alcançá-los.

Seguindo essa lógica, enquanto atividade histórica humana, a ciência moderna, ou ocidental, mais precisamente, tem suas raízes na Grécia Antiga, em meados do século VI a.C, quando mitos e dogmas religiosos são postos de lado. Novas maneiras de pensar e enxergar a existência humana, suas origens, relações com o universo e seu futuro passam a ser racionalizadas.

Novas e profundas reflexões vão acontecer entre os séculos XVI e XVII, quando se buscava mais precisão e objetividade entre as várias áreas do conhecimento humano. Esse movimento amadurece e se prolonga até os séculos XVIII e XIX, quando se cria o termo Ciências no sentido que conhecemos hoje.

Assim, para MATTAR (citado por Brasil, 2010, p.10) “O conhecimento científico deve ser justificado e é sempre passível de revisão, dado o seu caráter histórico e mutável”. Ele difere do conhecimento do dia-a-dia, do que costumamos a chamar de senso comum, exatamente porque, ainda segundo MATTAR (citado por Brasil, 2010, p.10): “Procura explicações mais profundas e é submetido a uma série de testes, análises e controles”.

O conhecimento científico está sempre em construção. É, portanto, um processo em constante reformulação.

Requer disciplina pessoal, até sacrifícios. Deve ser aprendido passo a passo em aprendizagens e formações e tem que ser apoiado pela pesquisa. A aprendizagem tem de seguir uma pedagogia que será a garantia de que o conteúdo será transmitido, incluindo as atitudes necessárias de objetividade, humildade diante dos fatos, paciência e abnegação (WORLD FEDERATION OS SCIENSE JOURNALISTS, 2009, p. 93.).

O conhecimento extraído do senso comum, por seu turno, é proveniente da tradição, da oralidade, da experiência empírica do dia-a-dia, sem maiores compromissos com a sistematização, impessoalidade e comprovação. Por certo, o conhecimento científico e o conhecimento do dia-a-dia interagem. Podemos dizer que aquele se inicia no segundo e, após, problematiza, sistematiza, experimenta, comprova ou não. Mas, apenas sistematizar não quer dizer que tratamos de conhecimento científico. Há outras formas de conhecimento sistematizado, como o artístico.

Este difere daquele, porque “Na arte, a sistematização do conhecimento é baseada em preferências individuais, critérios de beleza ou, se você preferir, estética e emoções” (WORLD FEDERATION OS SCIENCE JOURNALISTS, 2009, p.94). Já a ciência, ainda de acordo com a WORLD FEDERATION OS SCIENCE JOURNALISTS, (2009, p.94), “[...] é o esforço de produzir uma descrição verdadeira da natureza”. O conhecimento científico segue certa lógica e formulações. Assim, primeiro se problematiza, depois se delimita o objeto. Após, as bases teóricas e as categorias de análises e a elaboração das hipóteses, “que são simulações das possíveis causas do problema. Finalmente, testam-se as hipóteses” (Brasil, 2010, p.11).

2.2.1 TEORIAS E MÉTODOS CIENTÍFICOS

Como dissemos anteriormente, parecem que há tantas concepções de ciências quanto visões de mundo, da realidade. Portanto, o fazer científico está intimamente ligado à concepção de mundo de quem o pratica, e como processo histórico, relacionado ao seu tempo. Se, de início, na antiguidade, mitos e dogmas formavam a base do conhecimento da humanidade, mais tarde a racionalização passou a vigorar, levando-nos ao que chamamos hoje de Ciência Moderna, onde podemos encontrar incontáveis métodos de se chegar à possível solução dos problemas da humanidade e da natureza, ou para se produzir novos problemas.

Seguindo esse raciocínio, “O nascimento da ciência moderna foi acompanhado por um desenvolvimento do pensamento filosófico” (Brasil, 2010, p.11) a partir da idade que se convencionou chamar de Revolução Científica, entre os séculos XVI e XVII, cujo paradigma *mecanicista* tem dominado o mundo científico até hoje.

Nesse campo, há de se destacar as contribuições do inglês Francis Bacon (1561 – 1626) com o *experimentalismo*, onde a observação e experiência objetivas, impessoais, acreditava ele, daria base ao conhecimento da

humanidade; as do francês René Descartes (1596 – 1650), com o *racionalismo* e aprofundamento da separação entre o sujeito e o objeto de pesquisa.

Destacamos ainda as concepções do também inglês Isaac Newton (1642 – 1727), com a união entre os dois métodos anteriores e a preponderância dos modelos matemáticos de explicações do universo e das coisas e, por fim, as do físico alemão Albert Einstein (1879 – 1955), com o *relativismo* e o posterior surgimento da *mecânica quântica*, onde a separação clássica do sujeito e objeto de estudo não mais existe e, para além, se interagem, dentro de uma visão de contextualização.

No campo da filosofia da ciência, especialmente, no que se refere a como se dá o processo de desenvolvimento do conhecimento científico, o que é ciência e o que não é ciência e sobre a escolha entre programas e mesmo métodos e teorias científicas, O filósofo da ciência britânico-australiano Alan Francis Chalmers (1939), em seu *best-seller* *O que é ciência afinal?* traduzido em várias línguas, nos fornece um significativo acervo de reflexões acerca do pensamento atual.

Da obra de Chalmers (1993), destacamos as contribuições de Thomas Kuhn (1922 – 1996) e os sistemas de paradigmas, um conjunto de crenças e valores que através de experimentos e procedimentos produzem resultados que auto-alimentam o sistema e os tornam hegemônicos. Às vezes, esses paradigmas são quebrados por contribuições antagônicas que disparam revoluções científicas: Copérnico, Newton, Einstein.

Já Karl Popper (1902 – 1994) defende que ciência é um exercício contínuo de refutação e introduz a idéia de falseabilidade. O conhecimento se desenvolve na medida em que uma teoria é refutada e outra passa a assumir a hegemonia do pensamento científico. Em contradição radical aos dois primeiros, Paul Feyerabend (1924 – 1994) apresenta o conceito de incomensurabilidade. Para ele, tudo é válido. Segundo Chalmers (1993), a visão de Feyerabend é anárquica e impotente, uma vez que não apresenta alternativas.

Quanto à diferenciação entre ciência e pseudociência, Feyerabend já deu a pista do caloroso debate. E, aqui, destacamos, ainda, as reflexões de Chalmers acerca da contradição racionalismo-relativismo. Onde, para os defensores do racionalismo, a objetividade é sua maior expressão, de tal forma que a teoria científica independe de indivíduos, grupos ou sociedades que as elaboram. Talvez, uma corrente de pensamento herdeira das concepções iluministas, experimentalistas, empiristas e positivistas que deram base ao desenvolvimento do capitalismo monopolista atual.

Já em relação ao relativismo, destacamos sua defesa em torno do conjunto de crenças e valores dos indivíduos, grupos e sociedades, e em suas épocas e contexto, que vão dando forma ao desenvolvimento do conhecimento, em oposição ao racionalismo.

Com relação às escolhas entre teorias e métodos científicos, ainda seguindo análise da obra de Chalmers (1993), vale destacar as contradições entre realismo e instrumentalismo e a busca de ambos pela verdade, tão propalada pela ciência. O autor argumenta que, para os primeiros, a verdade é aquilo que corresponde ao que é verídico. Enquanto que para os defensores do instrumentalismo, o objetivo da ciência não deve ser a descrição da realidade, mas, antes, fornecer meios teóricos “Para relacionar um conjunto de estado das coisas observáveis com outros” (CHALMERS, 1993, p.163).

Por fim, Chalmers (1993) propõe reflexão sobre realismo não-representativo, em contraposição a teoria da correspondência da verdade, dos instrumentalistas. Do ponto de vista do autor, “O mundo físico é tal que nossas teorias físicas atuais são aplicáveis a ele em certo grau, e, em geral, num grau que excede suas predecessoras” (CHALMERS, 1993, p.180). Então, o que é ciência, afinal? Para Chalmers a pergunta soa como “enganosa e arrogante” (CHALMERS, 1993, p 183), uma vez que não pode haver um conceito universal de ciência aplicável a todos os campos teóricos e sociedades. O que,

no fim, Chalmers combate é a “Ideologia da ciência, tal como funciona em nossa sociedade” (CHALMERS, 1993, p.186).

Assim, a questão que se coloca é que concepção de ciências é mais adequada para as análises do Programa *TV é CIENCIA*, com vistas ao cumprimento dos objetivos do presente trabalho? Aquela sem preconceitos e radicalismos, a que nos permite analisar sobre os mais diversos aspectos, sempre levando em conta proposições como as levantadas por Chalmers (1993). Concepções das mais restritivas e herméticas às mais antagônicas e polêmicas, como as de Feyerabend. Temos que ter em vista que o objeto de nossos estudos é a análise de um produto de televisão que se propõe a divulgar a ciência e tecnologia para o público leigo, em geral.

3 POLÍTICAS PÚBLICAS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Na presente seção, realizamos análise das concepções de políticas públicas, de Estado e suas relações com a sociedade. O foco de nossas investigações é voltado para as origens e desenvolvimentos das políticas públicas de comunicação social, especialmente de comunicação das ciências, e o caso brasileiro.

3.1 ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE CONCEPÇÕES E DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS SOCIAIS

Partindo do princípio de que se trata de uma política, pressupõe-se ação, bem como de um, ou mais, sujeitos. E, por se tratar de ação pública, a ação na esfera do coletivo, do público. Nessa linha, podemos considerar como políticas públicas o “Estado em ação” (GOBERT; MULLER apud HOFLING, 2006, p. 31). Estado entendido de formas mais ampla. O Estado “implantando um projeto de governo, através de programas, de ações voltadas para setores específicos da sociedade”. (HOFLING, 2006, p. 31).

Assim, as políticas públicas sociais, como de educação, saúde, previdência, habitação, saneamento e outras, tal qual conhecemos na atualidade, têm “Suas raízes nos movimentos populares do século XIX, voltadas aos conflitos surgidos entre capital e trabalho, no desenvolvimento das primeiras revoluções industriais” (HOFLING, 2006, p. 31). E, para entendermos melhor como uma política pública se desenvolveu, e se desenvolve, faz-se necessário uma análise preliminar das concepções de Estado e suas relações com as políticas públicas sociais.

Dessa forma, o desenvolvimento dessas políticas está intimamente relacionado às chamadas “Questões de fundo” (HOFLING, 2006, p. 30), ou melhor, entre “A concepção de Estado e a(s) política(s) por este implementada, em uma

determinada sociedade, em determinado período histórico” (HOFLING, 2006, p. 30). Pois, ainda de acordo com Hofling (2006), “Se situam no interior de um tipo particular de Estado. São formas de interferências do Estado, visando a manutenção das relações sociais de determinada formação social”.

Outra consideração importante para o momento é diferenciarmos o que é Estado e o que é Governo. Para Hofling (2001, p. 31):

[...] é possível considerar Estado como o conjunto de instituições permanentes – como órgãos legislativos, tribunais, exército e outras que não formam um bloco monolítico necessariamente – que possibilitam a ação do governo; e Governo, como o conjunto de programas e projetos que parte da sociedade (políticos, técnicos, organismos da sociedade civil e outros) propõe para a sociedade como um todo, configurando-se a orientação política de um determinado governo que assume e desempenha as funções de Estado por um determinado período.

A autora considera ainda que as políticas públicas são de responsabilidade do Estado, quanto a implementação e manutenção “a partir de um processo de tomadas de decisões que envolve órgãos públicos e diferentes organismos e agentes da sociedade relacionados à política implementada” (Idem). Hofling também diferencia política pública de Estado e política pública de Governo, tendo, a primeira característica de finalidade mais ampla (como soberania nacional) e perene e, a segunda, mais restrita ao período do exercício do governo.

Dentro de um enfoque jurídico, Sales defende que as “Políticas públicas de Estado ou de governo, todas sem exceção, estão sujeitas às regras definidas pelo ordenamento jurídico brasileiro” (BUCCI, 2006, p. 232). O autor considera, ainda, “Política pública a atividade estatal de elaboração, planejamento, execução e financiamento de ações voltadas à consolidação do Estado Democrático de Direito e à promoção e proteção dos direitos humanos” (BUCCI, 2006, p. 232).

Voltando às questões relacionadas às concepções de Estado e das relações desse com as políticas públicas sociais e seus desenvolvimentos, Hofling (2006) nos sugere dois autores representativos de duas correntes que propõem visões diferentes quando da análise de políticas públicas sociais: Claus Offe, mais próximo de uma tradição marxista e Milton Friedman, à tradição liberal, ou mais especificamente neoliberal.

De acordo com Hofling (2006, p. 33) para o primeiro autor:

[...] o Estado atua como regulador das relações sociais a serviço da manutenção das relações capitalistas em seu conjunto, e não especificamente a serviço dos interesses do capital – a despeito de reconhecer a dominação deste nas relações de.

Assim, em momentos de grande assimetria e crise do capitalismo, “(...) a política social é a forma pela qual o Estado tenta resolver a problema da transformação duradoura de trabalho não assalariado em trabalho assalariado” (LENHARDT; OFFE, apud. HOFLING, 2006, p. 33).

Quanto à visão neoliberal de sociedade e de Estado, que retoma as proposições do liberalismo clássico, principalmente por Adam Smith, no séc. XVIII, seguindo reflexões de Hofling, “as teorias políticas liberais concebem as funções do Estado essencialmente voltadas para a garantia dos direitos individuais, sem interferência nas esferas da vida pública e, especificamente, na esfera econômica da sociedade” (HOFLING, 2006, p.36). E, dentre esses direitos individuais, destaca-se o direito de propriedade como natural – gênese da função do Estado Moderno.

Para Hofling (2006, p. 37), Friedman “Focaliza o capitalismo competitivo – organizado através de empresas privadas, em regime de livre mercado – como um sistema que exercita a liberdade econômica”. Assim, ainda segundo o mesmo autor, para os neoliberais,

[...] a intervenção do Estado constituiria uma ameaça aos interesses e liberdades individuais, inibindo a livre iniciativa, a concorrência privada, e podendo bloquear os mecanismos que o próprio mercado é capaz de gerar com vistas a restabelecer o seu equilíbrio.

Concluindo sua análise, a partir dos dois autores citados, (HOFLING, 2006, p. 39) propõe que “O processo de definição de políticas públicas para uma sociedade reflete os conflitos de interesses, os arranjos feitos nas esferas de poder que perpassam as instituições do Estado e da sociedade como um todo” (HOFLING, 2006, p. 39). E, ainda, a

Relação entre sociedade e Estado, o grau de distanciamento ou aproximação, as formas de utilização ou não dos canais de comunicação entre os diferentes grupos da sociedade e os órgãos públicos – que refletem e incorporam fatores culturais (...) estabelecem contornos próprios para as políticas pensadas para uma sociedade (HOFLING, 2006, p. 39).

A partir da discussão acima, e antes de entrarmos na análise das políticas públicas de comunicação social, que mais nos interessa, a pergunta que se segue é: qual é a herança brasileira das políticas públicas sociais?

Em busca de respostas, uma boa referência é proposta pela professora e pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco, Tânia Bacelar. A autora considera herança recente o período que vai dos anos de 1930 aos às últimas décadas do século XX e primeiros anos do novo milênio, “Quando o Brasil passa por uma transformação muito grande” (BACELAR, 2003, p.1). De país agrícola e rural na década de 1920, para urbano e industrial na década de 1970. “O que alguns países levaram séculos para fazer, o Brasil fez em cinquenta ou sessenta anos. Transformou-se numa potência industrial média, com maior parcela da sua gente morando nas cidades” (BACELAR, 2003, p.1). Para Bacelar (2003, p. 1):

O que caracterizava o Estado brasileiro nesse período (1920 – 1980) era seu caráter desenvolvimentista, conservador, centralizador e autoritário. Não era um Estado de Bem-Estar Social. O Estado era

promotor do desenvolvimento e não o transformador das relações da sociedade.

Para a autora, essas características fizeram com que o Estado brasileiro assumisse uma postura mais de fazedor do que de regulador. Assim, “A tradição, o ranço da vertente autoritária, tornou-se um traço muito forte nas políticas públicas do país, e as políticas públicas eram muito mais políticas econômicas” (BACELAR, 2003, p.2). E, ainda, com corte predominantemente compensatório.

Não que o país tenha deixado de desenvolver políticas públicas sociais. Sim, o fez, mas pontualmente, “Quando era imprescindível a seu projeto” (Araújo, 2003, p. 3), como no caso da implementação das legislações trabalhistas da era Vargas. Então, qual a principal herança brasileira? “Herdamos um país que consegue ser a oitava economia do mundo, em poucos anos, e que tem, ao mesmo tempo, a maior fratura social dentre os países de perfil semelhante” (Araújo, 2003, p. 3).

Agora sim, sob essa base conceitual sobre políticas públicas, seus desenvolvimentos e sobre a relação do Estado com essas políticas, é que podemos iniciar as análises do programa *TV é CIENCIA*. Mas, antes, verifiquemos ainda a origem e as políticas públicas voltadas para a garantia dos direitos humanos de comunicação e expressão no mundo e no Brasil.

3.2 ORIGEM DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE COMUNICAÇÃO NO MUNDO E SEU DESENVOLVIMENTO

A gênese das Políticas de Comunicação e Informação praticadas em boa parte das sociedades ocidentais contemporâneas pode ser encontrada no pensamento da Grécia Antiga, nas distinções que se buscava entre as esferas do público e do privado, como ocorre em outros ramos das Políticas Sociais. Mas, segundo GOMES (2007, p. 30), foi a

[...] ascensão da economia capitalista do Estado Burguês, na Europa dos séculos XVII e XVIII, que aconteceram as principais mudanças entre essas duas esferas, no campo das representações sociais, culturais, interesses econômicos e poder político

que deram os contornos atuais de complexidade das sociedades modernas.

A Declaração dos Direitos Inglesa, em 1689; a Declaração de Independência e de Direitos Americana, em 1776 e, especialmente, a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão Francesa, em 1789, sob inspiração dos ideais de liberdade e igualdade burgueses buscaram garantir o direito à liberdade de pensamento e expressão dos cidadãos, mas não foram suficientes para efetivá-las, pois as transformações para tal deveriam situar-se nas bases estruturais do modo de produção e reprodução social, que possibilitassem, no mínimo, o acesso de todos ao direito de poder expressar-se e informar.

A imprensa, desde seu surgimento no século XVI, encontrava-se sob domínio de uns poucos produtores de informação e opinião e o cenário permaneceu dessa forma após o período das crises que culminaram nas respectivas Declarações. E, o cidadão permaneceu como antes, quando muito mero receptor e sem acesso aos meios de produção das informações e opiniões. Nem mesmo os apelos à liberdade dos indivíduos frente às instituições que os subjugavam foram suficientes para reverter as relações de poder no contexto da informação.

Porém, como política pública:

[...] a questão das comunicações passou a se impor na agenda dos governos com a implantação dos serviços de rádio a partir da década de 1920. Antes da invenção da tecnologia que possibilitou a transmissão da voz e sons pelo ar, repudiava-se as políticas de governos na área de imprensa e cinema como uma tentativa de intervenção do Estado no sentido de controlar a esfera pública. (GORGEN, 2009, p.49)

As transformações do capitalismo concorrencial para o de monopólios; as imposições dos avanços industriais e tecnológicos, e suas novas possibilidades funcionais para os processos de comunicação e circulação de informações; o novo contexto mundial de descolonização, grandes conflitos entre as nações centrais e o surgimento dos Estados Unidos como nova força hegemônica no pós-guerra, desenharam novas exigências à efetivação do direito humano de comunicação. Embora a defesa da livre circulação das informações e opiniões permanecesse quase unânime.

É no contexto do período pós segunda guerra, com a criação da Organização da Nações Unidas – ONU, em 1945 e sua Carta sobre os direitos humanos universais e às liberdades fundamentais, que surge o protagonista principal das articulações das políticas nacionais e internacionais de educação, ciência e cultura: a UNESCO, em 1946.

Para Josep Gifreu, citado por Gomes (2007, p. 79), na atuação da UNESCO, em seus 66 anos de existência, poderiam ser reconhecidas três principais fases:

De 1945 a 1970 foi a etapa de hegemonia norteamericana ‘que tinha sua principal expressão na doutrina de livre circulação da informação no mundo’; de 1970 a 1980, a ‘década de confrontação acelerada em todas as frentes das relações internacionais de informação e comunicação [...]’; e, finalmente, a terceira etapa, que chega até nossos dias, denominada por alguns de ‘etapa pós-MacBride.

De 1986 em diante, podemos citar o Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação (PIDC), com o abandono das questões políticas e econômicas, e a Cúpula Mundial da Sociedade da Informação.

Nesse período, desde a criação da UNESCO, faz-se necessário ressaltar em mais detalhes ainda, os três últimos momentos fundamentais: o período entre 1970 e 1980, onde, com as contribuições do francês Jean D’arcy, em 1969, vê-se crescer as lutas pela Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (NOMIC), principalmente pelos países do terceiro mundo, que tencionavam os

debates por mais igualdade na circulação das informações entre os países, verticalizada dos mais industrializados aos periféricos.

O segundo período, entre 1980 e 1990, é caracterizado pelo acirramento e distensões entre os defensores (países não-alinhados) do relatório MacBride, também conhecido como relatório *Um Mundo Muitas Vozes* e o lançamento do PIDC, em 1989, cujos maiores defensores foram tanto os Estados Unidos como os países comunistas e os grandes conglomerados internacionais de comunicação e telecomunicações.

Já no período de 1990 em diante, podemos destacar o abandono dos debates político-ideológicos no âmbito da UNESCO a cerca dos direitos de informação e comunicação, ocasionados principalmente: pela retirada dos Estados Unidos do organismo internacional, em 1985 e ascensão do ideal neoliberal de Reagan; pelas pressões do mercado, amplamente centralizado, mundializado e tecnologizado; bem como pelos interesses contrários à liberdade e igualdade de informação e comunicação pelos países do comunismo real. Nesse período, é como se houvesse um retrocesso ao ideal de livre circulação das décadas de 1940 e 1950.

Persiste hoje o velho dilema: como regulamentar sem ferir o direito universal da liberdade? Embora, seja quase unânime a percepção pelos Estados da necessidade de se regular o setor de informação e comunicação, o que tem se verificado é a ação estatal de distribuição e fiscalização através de licenças. Para Jambeiro citado por Gorgen (2009, p. 49), na maioria das nações,

[...] o poder público passou assumir a tripla função de proprietário, promotor (financiador, proponente de políticas públicas) ou regulador (definidor de regras de exploração) dos serviços de comunicação, que se dividem também entre provimento e distribuição de conteúdo (radiodifusão e TV por assinatura) e transporte de informação e dados (telecomunicações) com marcos regulatórios distintos.

3.3 POLÍTICA PÚBLICA DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL

Com o olhar voltado apenas para as últimas décadas, já fica possível verificar a relação caótica entre Estado e Comunicação no Brasil. De acordo com Gorgem (2009), com o recuo do sistema ONU/UNESCO, a partir da década de 1990, e a consequente hegemonia da política de livre circulação de informações, passa a vigorar a visão de que a esfera de atuação dos meios de comunicação está na relação privada entre emissor e receptor. Assim:

[...] no Brasil, os sistemas e mercados de comunicação evoluíram de forma muito semelhante aos dos Estados Unidos. Uma hipertrofia do setor privado-comercial com regulação estatal basicamente centrada na gestão do espectro radioelétrico (distribuição e fiscalização das frequências). (GORGEM, 2009, p.51).

E, ainda, segundo Gorgem (2009), citando Ramos, na reflexão sobre o histórico da relação Estado-Comunicação no Brasil a partir da década de 1960, o ambiente institucional do setor pode ser resumido “Em duas expressões: regularmente disperso e politicamente fragmentado” (GORGEM, 2009, p. 55), ou ainda, poderíamos dizer: “Política da não política de comunicação” (GORGEM, 2009, p. 55).

A afirmativa sobre a regulação dispersa se verifica nos textos da Constituição de 1988 em vários momentos. Ora concede ao Poder Executivo as prerrogativas de proposições e fiscalização, outra, ao Poder Legislativo, as das concessões. Em outro momento, distingui os conceitos e serviços de informação e comunicação (atuação pelo mercado) das telecomunicações (atuação estatal). Quanto ao aspecto político fragmentado, basta ver o poder de influência política das grandes empresas de comunicação sobre os parlamentos e governos, tanto na esfera nacional quanto regionais.

Seguindo o raciocínio proposto pelas investigações de James Gorgem (2009) acerca da regulação mais atual da comunicação no Brasil, quando refere-se a Bolano, poderíamos dividir o modelo brasileiro em três concepções: conservadora, do regime militar, que propugnava a ideia

de que a comunicação social era uma das salvaguardas da política de segurança nacional e a infra-estrutura fundamental não apenas para os serviços telefônicos, mas para a manutenção da coesão social, língua-pátria e identidade do povo brasileiro (GORGEM, 2009, p.56).

Ainda de acordo com o autor, a segunda concepção do modelo brasileiro de regulação da comunicação obedece ao modelo liberal e coincide com o segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, entre 1996 e 1997 podendo ser “Encarnado pela política de privatizações do sistema Telebrás” (GORGEM, 2009, p. 57), conduzida pelo então ministro Sérgio Motta. Nesse mesmo período, o Código Brasileiro de Telecomunicações sofre uma reforma parcial, mantendo-se a legislação comercial-privado para a radiodifusão e a criação da Lei Geral das Telecomunicações para os setores telefônicos e demais privados de comunicação interpessoal. “Para o rádio e a TV, reafirmando a sociedade patrimonialista de dois séculos, o mundo ficou congelado três décadas atrás” (GORGEM, 2009, p. 58).

A entrada em vigor da nova legislação foi senha para a entrada de grandes conglomerados internacionais de comunicação e telecomunicações no bolo publicitário do Brasil e os próprios investidores nacionais passaram a reivindicar maior proteção. Este é o cenário para a terceira concepção, uma espécie de junção das duas últimas, uma “mescla entre as filosofias liberal e progressista” (Idem, 2009, p.58) e que coincide com o período que vai do final do mandato de Fernando Henrique Cardoso e início da gestão do presidente Lula até os dias de hoje.

Por fim, quanto à dimensão da participação popular e controle social das Políticas de Comunicação no Brasil, podemos afirmar que historicamente os espaços para seu exercício, não obstante as importantes reivindicações dos

movimentos sociais, praticamente inexitem no Brasil. Basta recorrer à (não)atuação do Conselho Nacional de Comunicação Social, sob a tutela do Congresso Nacional, que ainda nem totalmente constituído está, como prevê a Constituição de 1988. O mesmo acontece com a maioria dos estados brasileiros que ainda não implantaram essas instâncias de participação e controle social em seus territórios.

E, o que dizer das Conferências Municipais, Estaduais e Nacional de Comunicação Social, fóruns privilegiados de expressão da sociedade, já tão enraizadas em outros setores sociais, que só foram realizadas uma vez, desde a promulgação da Carta Magna?

3.3.1 A TV no Brasil

Para finalizar a presente seção, por questões óbvias, já que o objeto central de nossas análises trata-se de um programa televisivo: o *TV é CIENCIA*, passamos, a seguir, a uma breve reflexão sobre a história da televisão no Brasil, que tem início em 1950.

Seguindo a lógica mundial, e amparada pelos ditames liberais emanados nas Declarações do sistema ONU/UNESCO do período, dentre eles de ampliação do acesso das populações aos meios de comunicação de massa e garantia da livre circulação de informações entre os países, sob forte influência dos Estados Unidos, a televisão chega ao Brasil totalmente de improviso pelas mãos de um dos mais influentes conglomerados da iniciativa privada nacional de mídia: o Diário Associados, de Assis Chateaubriand, no dia 18 de setembro de 1950.

O modelo de televisão implantado no Brasil, portanto, dá prosseguimento ao já existente para o impresso, rádio e cinema: comercial-privado, sob forte influência internacional de ideários predominantemente liberais. Para piorar a dependência, o País não detinha qualquer tecnologia para receber o novo meio

de comunicação, exigindo grandes esforços de improviso, tanto para implantação das estações emissoras, quanto para a recepção pelos cidadãos brasileiros.

Por outro lado, a falta de infraestrutura de transmissão e retransmissão e a grande extensão territorial do Brasil, aliadas às possibilidades funcionais do novo veículo, também contribuíram para a aproximação entre o capital privado e o poder político, oferecendo-nos, a partir daí, espetáculos de censura, repressão e apadrinhamentos.

Para inaugurar a primeira transmissão da televisão brasileira, Chateaubriand compra e importa todo o equipamento da norte-americana Rádio Corporation of América (RCA), inclusive 200 aparelhos receptores, estrategicamente instalados pela cidade de São Paulo, naquele dia 18 de setembro de 1950. Dias antes, em caráter experimental, solenemente, Assis já havia transmitido, para poucos, um filme onde Getúlio Vargas relata seu retorno à política.

Tudo feito ao vivo, o primeiro telejornal vai ao ar no dia 19 de setembro e o primeiro teleteatro, em novembro seguinte, com o drama policial baseado no norte-americano: *A Vida por um fio*. As primeiras concessões de televisão também surgem em 1950: *TV Tupi* e *TV Record* em São Paulo e *TV Jornal do Commercio*, de Recife. Até 1959, os *Diários Associados* passariam a estar presentes em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

A década de 1960 é marcada: pela chegada do videocassete, que permite a implantação de mais 27 emissoras de TV; pela ascensão da *TV Excelsior*, com as primeiras transmissões em rede, nacionalização do horário nobre e foco na produção de telenovelas, apesar da *Tupi* também ter investido em alguns projetos experimentais e novelas que alcançaram sucessos.

Em 1965, acontecem as primeiras transmissões via satélite no Brasil e surge a *TV Globo* do Rio de Janeiro, que mais tarde dominaria a audiência. Por fim, em

1969, a *TV Cultura* de São Paulo passa aos domínios da Fundação Padre Anchieta, tornando a primeira emissora pública no País.

A década de 1970 é marcada pela aproximação da ditadura militar com o setor privado. É através das estações da Embratel que o sinal colorido da copa do mundo de futebol, no padrão norte-americano *NTSC* convertido para o sistema *PAL-M*, chega às praças do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Ainda nesta década, torna-se oficial o padrão único brasileiro em sistema *PAL-M*, primeira transmissão oficial em 31 de março de 1974. E, por fim, a supremacia da *TV Globo*.

Quanto a década de 1980, não podemos deixar de recordar do episódio do lacre dos transmissores da *TV Bandeirantes* de São Paulo pela transmissão de greves (1983); do boicote à *TV Globo* pela não transmissão dos comícios por eleições diretas (1985) e pela distribuição de concessões de rádio e TV promovida pela presidente José Sarney a grupos oligárquicos regionais entre 1985 e 1990.

Ainda neste breve resgate histórico da televisão no Brasil, destacamos: a chegada da TV por assinatura, em 1991, através dos grupos brasileiros Abril e Globo e pelo conglomerado norte-americano *News Corporation*; o acirramento da concorrência entre a TV e a Internet; a criação da *TV Brasil*, em 2007, primeira emissora pública do Governo Federal e; as primeiras transmissões da TV Digital, também em 2007, com padrão único nacional, derivado de modelo japonês.

3.4 POLÍTICA PÚBLICA DE COMUNICAÇÃO NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

A partir de agora, iniciamos análise do ambiente, do contexto histórico, social, político e econômico do estado do Espírito Santo, *locos* em que se insere a produção e veiculação do programa *TV é CIÊNCIA*, nosso foco de análise.

3.4.1 O estado do Espírito Santo – contexto

O Espírito Santo é um dos 27 estados do Brasil. Está localizado na região Sudeste e tem como limites o oceano Atlântico a leste, a Bahia a norte, Minas Gerais a oeste e noroeste e o estado do Rio de Janeiro a sul, ocupando uma área de 46 077,519 km². É o quarto menor Estado do Brasil, ficando à frente apenas dos estados do Rio de Janeiro (3^o), Alagoas (2^o) e Sergipe (1^o).

Localizado na região mais industrializada e economicamente importante do País, com média de 55% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, segundo dado de 2009, do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), autarquia vinculada à Secretaria de Estado de Economia e Planejamento (SEP) do Espírito Santo (ESPIRITO SANTO, 2009) o estado do Espírito Santo é o que apresenta menor densidade populacional entre os outros três estados da região, cerca de 3,5 milhões de habitantes, representando 1,8% da população brasileira.

Ainda segundo o IJSN (ESPIRITO SANTO, 2009), são 2 928 993 habitantes vivendo na zona urbana e 583 679 na zona rural. E, em dez anos, o estado registrou uma taxa de crescimento populacional de 13,59%, bem como a menor participação na economia da região sudeste (média de 2,2% do PIB nacional), conforme tabela 1 a seguir, do IJSN, referente ao ano de 2009:

Tabela 1 – Região Sudeste – participação (%) no PIB do Brasil – 2008 e 2009

Unidades da Federação	2008	2009	Comportamento
Espírito Santo	2,30	2,06	↓
Minas Gerais	9,32	8,86	↓
Rio de Janeiro	11,32	10,92	↓
São Paulo	33,08	33,47	↑
Total da Região	56,02	55,32	↓

Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2009)

Quanto ao PIB *per capita* do Espírito Santo, está em torno de R\$ 19 mil, portanto, acima da média nacional de cerca de R\$ 16 mil, conforme tabela 2 de indicadores oficiais do Instituto Jones dos Santos Neves, a seguir:

Tabela 2 – Indicadores Oficiais das Contas Regionais – Brasil e Espírito Santo - 2009

Indicador	Valores		Taxa de Crescimento real	
	BR	ES	BR	ES
PIB a Preços de Mercado (R\$ Bilhões)	3.239,40	66,76	-0,33	-6,73
PIB <i>per capita</i> (R\$ 1,00)	16.917,66	19.145,17	-1,30	-7,63

Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2009)

Ainda de acordo com a base de dados do Instituto Jones dos Santos Neves (2009), em relação às demais Unidades da Federação, mais recentemente, o Espírito Santo se mantém entre o quarto e sexto lugares no *ranking* da participação econômica do Brasil, conforme tabela 3, a seguir:

Tabela 3 – Primeiros colocados no Ranking de Estados no PIB per capita do Brasil, 2005-2009

Setores	Participação %		Var. %
	2008	2009	
Comércio e Serviços de Reparação e Manu.	14,23%	16,24%	-5,01
Administração, Saúde e Educação Públicas	13,74%	15,36%	4,04
Transformação	12,46%	12,10%	-6,31
Extrativa Mineral	16,14%	8,90%	-34,06
Construção Civil	6,63%	7,98%	1,23
Transporte, Armazenagem e Correio	7,33%	7,55%	-7,34
<i>Subtotal</i>	<i>70,53%</i>	<i>68,13%</i>	-
<i>Demais</i>	<i>29,47%</i>	<i>31,87%</i>	-

Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2009)

Com relação às principais atividades econômicas do Espírito Santo, ainda de acordo com os dados do Instituto Jones dos Santos Neves (2009), os setores de comércio, serviços de reparação e manutenção; administração, saúde e educação públicas; transformação; extrativismo mineral; construção civil e; transportes, armazenamento e correios respondem por cerca de 70% do total das riquezas do Estado, conforme se pode verificar na tabela 4, a seguir:

Tabela 4 – Desempenho das Principais Atividades Econômicas no Espírito Santo – Valor Adicionado Bruto – 2008 e 2009

Posição	2005	2006	2007	2008	2009
1	Distrito Federal				
2	São Paulo				
3	Rio de Janeiro				
4	Santa Catarina	Santa Catarina	Espírito Santo	Santa Catarina	Santa Catarina
5	Espírito Santo	Espírito Santo	Santa Catarina	Espírito Santo	Rio Grande do Sul
6	Mato Grosso	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Espírito Santo
7	Rio Grande do Sul	Paraná	Paraná	Mato Grosso	Mato Grosso
8	Paraná	Mato Grosso	Mato Grosso	Paraná	Paraná

Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2009)

3.4.2 Políticas públicas de comunicação no Espírito Santo

O modelo histórico *comercial-privado* de execução das políticas de comunicação e informação do Brasil repete-se no estado do Espírito Santo e se desenvolveu de forma similar. E, mais recentemente, mesmo com a promulgação da Constituição do Estado, no ano de 1989, e a presença da garantia dos direitos fundamentais de liberdade de expressão e informação, a exemplo da União, a efetivação desses direitos verdadeiramente ainda não ocorreu.

Para citar alguns exemplos, os Artigos 1º e 3º da Constituição do estado do Espírito Santo reafirmam os princípios fundamentais e a efetividade dos direitos e garantias individuais e coletivos:

Art. 1º O Estado do Espírito Santo e seus Municípios integram a República Federativa do Brasil e adotam os princípios fundamentais da Constituição Federal.

Art. 3º O Estado assegurará, pela lei e demais atos de seus órgãos e agentes, a imediata e plena efetividade dos direitos e garantias individuais e coletivos mencionados na Constituição Federal e dela decorrentes, além dos constantes nos tratados internacionais de que a República Federativa do Brasil seja parte. (CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 1989, p. 9)

Já o Artigo 5º, da Constituição do estado do Espírito Santo, assegura o caráter democrático na formulação e execução das políticas, bem como o controle social:

Art. 5º Fica assegurado, na forma da lei, o caráter democrático na formulação e execução das políticas e no controle das ações governamentais através de mecanismos que garantam a participação da sociedade civil. (CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 1989, p. 9)

O Artigo 12, da mesma Constituição estadual, reafirma a inviolabilidade dos direitos e garantias sociais e princípios previstos na Constituição Federal, daí, inclusive, o direito à liberdade de expressão e comunicação:

Art. 12 . O Estado e os Municípios assegurarão, em seu território e nos limites de sua competência, a plenitude e a inviolabilidade dos direitos e garantias sociais e princípios previstos na Constituição Federal e nos tratados internacionais vigentes em nossa Pátria, inclusive as concernentes aos trabalhadores urbanos, rurais e servidores públicos, bem como os da vedação de discriminação por motivo de crença religiosa ou orientação sexual. (CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 1989, p. 9)

O estado ainda não instalou seu Conselho Estadual de Comunicação Social, como ocorre com boa parte dos demais estados da Federação. O Órgão responsável pela execução das políticas públicas de comunicação social é a Superintendência Estadual de Comunicação, ligada diretamente ao Gabinete do Governador. Já a autarquia Rádio e Televisão do Espírito Santo (RTV-ES), vinculada à Superintendência, reúne a *Rádio Espírito Santo AM* e uma emissora pública de televisão: *TV Educativa do Espírito Santo* (TVE-ES).

Já o Órgão público estadual responsável pelos serviços de impressão, que também realiza atividades jornalísticas, é o Diário de Imprensa Oficial (DIO). Um terceiro Órgão público estadual fica responsável pelas Tecnologias de Informação e Comunicação, a Prodest. Os dois últimos Órgãos são vinculados à Secretaria de Gestão e Recursos Humanos (SEGER). Finalizando essa breve reflexão, no Espírito Santo foi realizada apenas uma Conferência Estadual de Comunicação Social, no ano de 2009. Porém, embora haja reivindicações dos movimentos sociais, não se tem notícias dos desdobramentos das discussões e deliberações emanadas desse importante fórum de formulação, participação e controle social.

3.4.3 Um pouco da história da comunicação em solos capixaba

Se o início da imprensa no Brasil se deu com a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808, que dentre suas bagagens trazia “Máquinas de impressão e oito caixas de tipos. Cuidadosamente instalados no porão da pequena nau Medusa, integrante da frota,” (MATTEDI, 2002, p.101), com a finalidade de possibilitar a divulgação dos atos oficiais régios, de forma bem similar, a história da imprensa no Espírito Santo tem início com a finalidade de “Publicar um jornal bissemanal, incluindo as ordens e ofícios da pública administração, compreendendo as portarias e correspondências do Governo com as autoridades provinciais, assim como imprimindo o que mais necessário fosse.” (MATTEDI, 2002, p.103)

O *Estafeta*, de propriedade do alferes do Exército Ayres Vieira de Albuquerque Tovar, e que veio a circular apenas em uma única edição com a finalidade de publicação de atos oficiais, no ano de 1840, inaugura nova época já que até então, como relata o historiador Gabriel Bittencourt, citado por MARTINUZZO, 2008, P. 57):

[...] não existia nada. Inclusive, o que eu relato nos livros é que, no processo de Independência, aqui no Espírito Santo, por falta de gráficas, os ataques feitos ao Governo e Junta Governativa Portuguesa eram feitos por pasquins manuscritos colados nas paredes de Vitória.

Tovar vem a falecer logo em seguida e seus maquinários ficam guardados até o ano de 1849, quando são adquiridos por Pedro Antonio de Azeredo, que funda o *Correio da Victória*, “O primeiro jornal capixaba de circulação regular” (MARTINUZZO, 2008, p.58). Porém, as finalidades do impresso que vem a suceder *O Estafeta* permanecem as mesmas: publicação de ordens e atos da administração pública, demonstrando a ligação umbilical da imprensa com o Poder político e econômico local.

Assim, a história da imprensa no Espírito Santo vai sendo construída: de poucas em poucas mãos, de regime em regime, de época em época, sempre ligada política e economicamente ao Poder local, sob a lógica nacional e global, tanto para veículos impressos como eletrônicos.

Mais recentemente, vamos encontrar dois grandes jornais impressos de circulação regional no Espírito Santo: *A Gazeta* e *A Tribuna*. O primeiro fundado em 11 de setembro de 1928, por Thiere Vellozo e o segundo, criado em 1938, pelo Grupo João Santos. Ambos, porém, com histórias de ligação com o Poder político e econômico bem semelhantes.

Vale ressaltar que *A Gazeta* foi comprada por Carlos Monteiro Lindenberg no ano de 1947, então governador do estado, das mãos de seus adversários políticos, passando a ser uma espécie de porta-voz do Governo. A família do

ex-governador permanece à frente do jornal até os dias de hoje. Já *A tribuna* sempre pertenceu ao grupo empresarial pernambucano João Santos, que também empreendeu em solos capixabas com fins políticos, além de econômicos.

Quanto às principais emissoras de rádio no Espírito Santo, destacam-se: *A Rádio Espírito Santo AM*, primeira a entrar em operação em solos capixabas, no ano 1933, com o nome de *Rádio Clube do Espírito Santo*, pertencente ao Grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand, e que em 1949 foi estatizada pelo então governador Carlos Monteiro Lindemberg, permanecendo assim até os dias de hoje; a *Rádio América AM* (antiga *Cariacica AM*), vinculada à Igreja Católica desde 1993, quando foi adquirida do pequeno empresário Rômulo Conde; as emissoras integrantes da *Rede Gazeta de Comunicação*, pertencente à família Lindemberg - *Rádio Gazeta AM*, inaugurada em 1982, *Rádio Litoral FM*, inaugurada em 1994, *Rádio Antena 1 FM*, também de 1994 e *Rádio CBN Vitória FM*, que entrou no ar em 1996 e; *Rádio Tropical FM*, emissora do grupo educacional Faculdades Integradas do Espírito Santo (FAESA), que está no ar desde 1982.

3.4.3.1 A TV no Espírito Santo

As primeiras experiências de TV no Espírito Santo se deram por iniciativa do jornalista, advogado e deputado federal João Calmon, mais tarde o “Senador da Educação”, cerca de doze anos após as primeiras transmissões no País. A *TV Vitória* foi criada em 1961, através da venda de ações a empresários e políticos capixabas. A emissora funcionou clandestinamente até 1979, quando o Ministério das Comunicações concede alvará de funcionamento. Em 1984, Calmon compra as ações dos dez sócios e vende a *TV Vitória* para o Grupo Buaiz. No início, a primeira emissora do Espírito Santo retransmitia a *TV Tupi*, do Grupo de Assis Chateaubriand. Mais tarde, retransmite a TVS (do Sistema Brasileiro de Televisão – SBT), a extinta Manchete e, desde 1998, é afiliada à Rede Record.

A segunda emissora mais antiga do Espírito Santo é a *TV Educativa*, criada por iniciativa do governo Arthur Carlos Gerhardt Santos (1971-1975), num contexto nacional de implantação emissoras educativas por fundações, universidades e governos, para a complementariedade do processo educacional brasileiro. Assim, a emissora entra no ar em 1974, no auge da ditadura militar, reproduzindo conteúdos da *TV Cultura* de São Paulo. Na década de 1980, em seu auge, a *TV Educativa* alcança praticamente todo território capixaba e chega a ter 14 programas locais. Atualmente, com poucos recursos e sem nunca ter sido realizado concurso para renovação de seus quadros, a *TV Educativa* atinge apenas parte da Grande Vitória e se prepara para enfrentar os desafios da era do sinal digital.

A *TV Gazeta* é a terceira emissora mais antiga em operação no Espírito Santo e está no ar desde 1976. Ela integra a Rede Gazeta de Comunicação, pertencente à família Lindenberg, que antes mesmo de obter concessão para operação já havia selado acordo com o empresário Roberto Marinho para retransmitir a *TV Globo*. Hoje, o grupo regionalizou sua atuação, criando a *TV Gazeta Sul*, em Cachoeiro de Itapemirim; a *TV Gazeta Norte*, no município de Linhares e; a *TV Gazeta Noroeste*, com sede em Colatina.

Em 1980, o pernambucano Grupo Industrial João Santos, com atividades nos ramos de mineração e cimento no Espírito Santo, e com interesses políticos, implanta a *TV Tribuna*, afiliando-se ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), do empresário Silvio Santos até os dias de hoje. Já em 1989, entra no ar a quinta emissora de televisão no Espírito Santo, a *TV Capixaba*, pertencente aos empresários Rui Baromeu e Gilberto Michelini, e afiliada à Rede Bandeirantes. Por fim, a *Rede TV-ES*, que entra no ar em 2005 retransmitindo a *Rede TV*, de São Paulo.

Quanto à programação das principais emissoras de televisão sediadas no Espírito Santo, basicamente é a retransmissão dos conteúdos nacionais, com

destaque para a produção de programas de caráter informativo local. Em relação à audiência, segundo levantamentos do IBOPE, também segue a lógica nacional e, por ordem, *TV Gazeta (TV Globo)*, *TV Tribuna (SBT)*, *TV Vitória (Rede Record)*, *TV Capixaba (Rede Bandeirantes)*, *Rede TV-ES (Rede TV)* e *TV Educativa (TV Brasil e TV Cultura de São Paulo)* disputam a preferência dos capixabas, com ampla vantagem para a primeira.

3.5 ABORDAGEM TEÓRICA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E JORNALISMO CIENTÍFICO

Antes de darmos início a análise propriamente dita do programa *TV é CIÊNCIA*, e finalizando a fase inicial das abordagens conceituais e do desenvolvimento acerca das políticas públicas sociais, especialmente das ciências e da comunicação de massa em geral, seguimos com o que julgamos extremamente necessário, que são as abordagens relativas às concepções de divulgação científica e de jornalismo científico.

3.5.1 Concepção de jornalismo

A noção de jornalismo como conhecemos hoje está intimamente relacionada à transmissão de informações de interesse público. Com certa técnica, através da observação e registro, especialmente de fatos e acontecimentos: coleta-se dados, relatos e opiniões; constrói-se um discurso sob fortes influências lingüísticas e extralingüísticas; e transmite-se esse mesmo discurso ao público não presente ao local do fato ou acontecimento.

Nesta perspectiva, portanto, primeiro: o território do jornalismo deve ser o da esfera pública; segundo: a produção jornalística segue uma lógica, com razoável nível de conhecimento e técnicas (dimensão profissional) e metodologias (dimensão científica) bem definidas, como as da observação e do registro; terceiro, ao elaborar o discurso, estabelece-se uma narrativa com vistas a um público, que sob influências do contexto histórico-social, está

carregada de intencionalidades, o que faz cair por terra as teses da neutralidade e imparcialidade.

Do ponto de vista epistemológico “Como as demais práticas profissionais, dependendo da perspectiva, o jornalismo desempenha três funções diferenciadas: 1) de prática profissional; 2) de objeto científico e 3) de campo especializado de ensino” (MACHADO, 2004, p. 2). Para o autor, como prática profissional, exige do jornalista o domínio de determinadas técnicas e conhecimentos específicos, além da obediência a um conjunto de normas e condutas éticas.

Ele defende ainda que enquanto campo especializado de ensino, não basta simples transferência de profissionais das redações para as salas de aulas, faz-se necessário as pesquisas em jornalismo para desenvolvimento de metodologias próprias. E, como objeto científico,

[...] o jornalismo possibilita a fundação de um campo de conhecimento especializado que tendo na prática jornalística um objeto legítimo necessita para sua plena compreensão o desenvolvimento de metodologias próprias, adaptadas as suas demandas particulares (MACHADO, 2004, p. 3).

Na dimensão da linguagem, ou linguagens, do jornalismo, definitivamente não se trata de mais um gênero literário. “Enquanto, na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado” (LAGE, 1985, p. 35). Ainda segundo Lage, as principais restrições à linguagem jornalística estão relacionadas com: (1) os registros de linguagem; (2) o processo de comunicação e (3) os compromissos ideológicos.

Para ele, o jornalista deve conciliar os interesses da linguagem coloquial (aceitação social) com as da linguagem formal (aceitação lingüística), comunicando-se eficientemente através da linguagem jornalística, que “é

basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal” (LAGE, 1985, p. 38).

Quanto às restrições do processo de comunicação, Lage chama atenção à comunicação referencial, que fala do mundo externo ao sujeito, no caso o jornalista.

Isso impõe o uso quase obrigatório da terceira pessoa [...] O domínio da referencialidade permite diferenciar a linguagem jornalística da linguagem didática, ainda quando esta se propõe a divulgação do conhecimento ou divulgação científica: nos textos didáticos, predomina a metalinguagem, isto é, explicação ou definição de um item léxico por outro (LAGE, 1985, p. 39).

Dentre outras restrições do processo de comunicação sugeridas por Lage, destacamos ainda: o uso de adjetivos testemunhais e as aferições sugestivas. “A norma é substituir tais expressões por dados que permitam ao leitor ou ouvinte fazer sua própria avaliação” (LAGE, 1985, p. 40). Quanto ao comprometimento ideológico como restrição à linguagem jornalística, para o momento, é suficiente lembrar que “as grandes e pequenas questões da ideologia estão presentes na linguagem jornalística, porque não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico” (LAGE, 1985, p. 42).

Há ainda muitas outras categorias e dimensões que nos impõe outras reflexões sobre o jornalismo: as características do texto, que vão muito além das palavras escritas ou faladas; as determinações do público alvo, das linhas editoriais e os veículos; e as incontáveis possibilidades de reflexão sobre funções, gêneros e formatos. Porém, como também dizem respeito ao jornalismo científico, sigamos.

3.5.2 Concepção de divulgação científica, jornalismo científico e seus desenvolvimentos

Rios (2005) propõe uma classificação da veiculação de informações científicas em relação à linguagem e ao público em: difusão ou divulgação. A primeira utiliza uma linguagem mais especializada e é direcionada a um número determinado de especialistas, sendo intrapares (mesma área de conhecimento) ou extrapares (áreas distintas). Para a autora, a divulgação “Não utiliza o discurso científico. A intenção é favorecer a compreensão e despertar o interesse do público pela ciência” (RIOS, 2005, p.115).

Para o escritor francês Mortureux (citado por Kreinz, 1999, p. 15) “Vê-se nos vários tipos de divulgação a re-enunciação de discursos-origem, elaborados por e para ‘especialistas’, em discursos destinados ao grande público”.

Com base na assertiva, podemos antecipar que a informação científica é matéria prima, fato ou acontecimento, para o jornalista científico. Mas, nem todo jornalismo científico é divulgação científica. Para a Federação Mundial de Jornalismo Científico (WFSJ) é preciso diferenciá-los:

A divulgação científica inclui as várias estratégias usadas para promover a ciência para o público. Seu propósito é educar, aumentar a consciência e apoiar a ciência. A divulgação científica usa relações públicas, campanhas publicitárias, ferramentas de marketing, folhetos, livros, festivais e museus de ciência. [...] Como o crítico de arte ou literatura, o jornalista científico é um crítico da ciência. Ser um crítico significa fazer perguntas e examinar, selecionar, descrever, verificar e explicar fatos científicos de modo a descobrir o que está faltando e comentar as descobertas (Federação Mundial de Jornalismo Científico, 2009, p. 99, tradução Catarina Chagas FIOCRUZ).

Para alguns estudiosos, o jornalismo científico pode ser entendido com um ramo da divulgação científica, mas “Refere-se a processos, estratégias, técnicas, e mecanismos para veiculação de fatos que se situam no campo da ciência e tecnologia” (BUENO, 1984, p. 11). Para ele, os critérios adotados pelo

jornalismo científico são os mesmos do jornalismo em geral: noticiabilidade, atualidade, periodicidade, universalidade e relevância social.

Outro aspecto importante a ser observado é quanto à linha tênue que separa a divulgação parcial das ciências, divulgação das pseudociências, tanto por parte divulgadores quanto jornalistas, da divulgação e do jornalismo científicos comprometido com a ética profissional e suas funções sociais. Ainda de acordo com Wilson Bueno (2008):

O jornalismo científico tem, tradicionalmente, um foco para as questões técnicas, vinculadas a conceitos e processos que se originam ou foram elaborados pelo sistema de produção científica. Ele acaba promovendo a aproximação entre a cultura científica (que caracteriza a chamada comunidade acadêmica e científica) e a cultura jornalística. Embora pudesse ser diferente, o jornalismo científico oscila, prioritariamente, em função de fontes chamadas especializadas (cientistas, pesquisadores, especialistas ou técnicos) e dificilmente se afasta delas para resgatar outras falas. De maneira quase obsessiva, preocupa-se com a decodificação de termos técnicos ou de conceitos, tentando manter-se fiel a um discurso (o científico) que se caracteriza pela lógica, pela precisão e, num certo sentido, até por um determinado formalismo. (Informação verbal³)

Quanto à estrutura da informação jornalística, inclusive a do jornalismo científico, ela se baseia em três ângulos: informativo, interpretativo e opinativo.

O informativo traduz a versão dos fatos selecionados pelo repórter. O interpretativo explica de forma mais ampla, as conjecturas, conseqüências e desdobramentos (possíveis ou previsíveis) dos fatos. E o opinativo traz a opinião do redator acerca de um fato ou situação. (CUNHA, 2007, p. 23).

³ Extraído do texto inicial do curso on line de jornalismo científico realizado em 2008

Com relação à amplitude do jornalismo científico, enquanto ramo especializado do jornalismo, concordamos com a corrente de estudiosos que defende estar umbilicalmente relacionado a todas as áreas do conhecimento: das ciências da saúde, engenharias, tecnologias, ciências naturais, humanas e sociais e ecológicas e suas constantes contradições e transformações. E, para evitar as recorrentes confusões, remetemo-nos às incontáveis concepções de ciência.

A título de ilustração, sobre a proposta de divulgar ciência e tecnologia em termos acessíveis ao público em geral, relembramos a perspicácia do professor Oswaldo Frota Pessoa, citado por KREINZ (1999, p.18) que propõe algumas regras que tornariam mais fáceis a atividade:

- a) coragem para dispensar a precisão e apelar para analogias, generalizações e aproximações e coragem, para parecer, por isso, ignorante;
- b) ser simples, direto e nobre (como Homero), pois, sem a nobreza, cai-se na caricatura da ciência, no sensacionalismo;
- c) escrever como se falássemos à infância: como se falássemos a nós mesmos quando crianças;
- d) tratar de um só assunto de cada vez, não se desviar da matéria principal, atraído por algum detalhe;
- e) pensar maduramente no tema e no propósito da publicação, deixar o estudo sedimentar antes de escrever;
- f) não confundir unidade do tema com monotonia, a qual, é bom quebrar com críticas, alusões ou ironias;
- g) no relato deve estar presente o humano: a ciência resulta do trabalho dos pesquisadores, daí a importância da presença da história e de considerações filosóficas adequadas;
- h) abdicar do jargão científico: o que interessa são fatos e conceitos e não palavras;
- i) começar pelo fim (senão o leitor dorme antes): usar logo de início o mais importante da informação e não um nariz de cera, passar para o

- desdobramento e deixar para o fim o menos essencial; no entanto não padronizar demais, não colocar o estilo na forma;
- j) sendo sincero em humilde, o divulgador pode tornar-se um conselheiro;
 - k) escrever enxuto, sem rebuscamento nem modismos;
 - l) só se escreve com clareza sobre o que com clareza se entendeu;
 - m) a partir dos fatos do dia, explicar a ciência e desmascarar a pseudociência;
 - n) tratar de novidades (o lançamento do último satélite), mas também do que é maravilhosamente banal (o desabrochar das flores).

3.5.3 A relação do jornalista com as fontes

Embora em vários momentos anteriores de nossos estudos esta relação já esteja presente, dedicamos um olhar mais agudo neste momento por entender que trata de uma categoria de análise fundamental para o desenvolvimento de reflexões futuras, principalmente quando da análise das práticas do programa *TV é CIENCIA*. Assim, Oliveira (2005, p.13-14) propõe que a divulgação da ciência e tecnologia:

[...] deve partir inicialmente de suas fontes primárias, que são os responsáveis pelo planejamento e pela distribuição dos recursos – os órgãos governamentais – e, sobretudo da comunidade científica concentrada nas universidades e instituições de pesquisa, responsáveis pela produção de C&T. Os governos em todos os níveis e os pesquisadores de modo geral têm o dever de prestar contas à sociedade sobre as realizações, contribuindo para a evolução educacional e cultural da população. A divulgação científica aproxima o cidadão comum dos benefícios que ele tem o direito de reivindicar para a melhoria do bem-estar social.

Já Rios (2005, p. 117) afirma que:

Embora lutem pela mesma causa, há divergências no relacionamento entre cientistas e jornalistas. O principal ponto de conflito é o conceito de agilidade em cada uma das profissões. Enquanto a Ciência e a Tecnologia decorrem de processos de longa maturação, a Comunicação e o Jornalismo em particular dependem estritamente da coleta e da circulação rápida de informações.

Jornalistas e cientistas pertencem a culturas diferentes. Mas, nem tudo está perdido, ao contrário. Para Nelkin, citado por PETERS (1995, p. 146):

Análises baseadas em dados qualitativos indicam que, entre os jornalistas, aqueles de têm o costume de escrever reportagens sobre temas de ciência possuem uma relação mais próxima com a ciência. Desse modo, pode-se esperar que diferença intercultural seja menor quando o jornalista trabalha na área da ciência do que, por exemplo, um jornalista que lide com política ou seja responsável pela cobertura de assuntos locais.

Na relação entre jornalistas e fontes fica transparente que ambos devem primar pela humildade, e com espírito de colaboração ajudar-se, na busca de serem entendidos pela sociedade, em prol de todos.

3.6 Breve história da divulgação científica e jornalismo científico e seus desenvolvimentos no mundo e Brasil

Levando em consideração que a análise crítica do modo de concepção e produção do programa *TV é CIENCIA* é o principal objeto do presente estudo, nas dimensões das suas relações e articulações para cumprir promessas e intencionalidades de divulgar ciências e tecnologias ao público leigo pela televisão, para o momento, consideramos importante pelo menos uma síntese da origem e desenvolvimento da divulgação científica e do jornalismo científico no mundo e no Brasil.

Para tal, Oliveira nos oferece roteiro que situa a origem da divulgação da ciência em meados do século XV, com o advento da imprensa de tipos móveis, pelo alemão Johann Gutemberg, que também, ainda segundo a autora, impulsionaria o surgimento do jornalismo científico dois séculos mais tarde. De fato,

[...] a difusão da impressão na Europa nessa época acelerou a criação de uma comunidade de cientistas, fazendo com que ideias e ilustrações científicas se tornassem disponíveis a grande número de pessoas. Mas é claro que esse número restringia-se ainda à pequena camada letrada das sociedades de então [...] (OLIVEIRA, 2005, p. 17).

A revolução científica que se expande na Europa, nos séculos XVI e XVII, e que abrange não só o campo da ciência, mas praticamente todos os ramos do conhecimento e expressão humana, é palco favorável para o surgimento do primeiro periódico científico o *Philosophical Transactions*, pelo secretário da Real Sociedade Britânica, o alemão Henry Oldenburg, em 1665.

A ampliação do acesso ao ensino, a proliferação de Universidades e Academias de Ciências pela Europa, inspirada pelos ideais iluministas dos séculos XVIII e XIX, vão fazer avançar ainda mais a divulgação e o jornalismo científico. Mas, é no período das duas guerras mundiais que as duas áreas vão ganhar status global, com a expansão para os Estados Unidos da América (EUA), Ásia e, um pouco mais tarde, para a América Latina.

Oliveira (2005, p. 21) nos informa que:

A proliferação do desenvolvimento científico e tecnológico provocado pela Primeira Guerra Mundial (1914 – 1919) resultou no aumento significativo da cobertura jornalística nessa área, pois com a guerra houve uma ênfase da importância da ciência.

Na década de 1920, jornalistas e escritores de ciências já mantinham estreita relação com os membros de Associações e Academias de Ciências, acompanhando seus encontros e reuniões. Por outro lado, a necessidade de troca de experiências, e da própria sobrevivência, também favoreceu o ambiente de criação das primeiras associações de jornalismo científico na Europa e EUA. A década também trouxe o primeiro serviço de notícias científicas nos EUA, o Science Service, que até hoje permanece com um dos principais do mundo.

Mas, Oliveira também chama a atenção para outro lado, mais perverso, dessa relação entre jornalistas, avanços tecnológicos e poder político, pois ela favoreceu uma visão extremamente favorável às ciências.

Essa visão romântica, favorável e acrítica permitiu, por exemplo, o avanço do programa espacial nas décadas de 1960 e 1970, principal mote tecnológico do período da guerra fria entre EUA e a União Soviética (OLIVEIRA, 2005, p. 24).

O jornalista Harris, citado por Oliveira (2005, p. 24), defende que o “Jornalismo científico passou pelas fases romântica e céptica e, atualmente, tem sido capaz de fazer análises e julgamentos críticos”. Para ele, um exemplo do início da passagem da fase romântica para céptica foi a “Explosão do ônibus espacial Challenger, em 1987” (OLIVEIRA, 2005, p. 25). Para Oliveira, a realização da I Conferência Mundial de Jornalistas Científicos, em 1992, evento que reuniu representantes de 31 países, foi marco do início da fase do jornalismo mais crítico.

Quanto ao jornalismo científico e a divulgação das ciências no Brasil, a autora destaca a dependência com poder político vigente, lembrando que o país, desde 1500, experimentou poucas décadas de regimes e períodos democráticos e de liberdade de expressão. Basta olhar que os primeiros equipamentos de imprensa chegaram ao Brasil com a vinda da corte real no início do século XIX. E, que somente em 1930, são criadas as primeiras Universidades no país.

Na década de 1940, Getúlio Vargas cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), mas por outro lado, um grupo de cientistas e instituições, inspirados pelos ares do pós-Segunda Guerra Mundial, criam a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que até os dias atuais, exerce grande influência nos caminhos das ciências no país.

Oliveira destaca ainda a criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 1951, como “Primeiro esforço significativo nacional de regulamentar a ciência e a tecnologia no país” (OLIVEIRA, 2005, p.

29). Importante observar também a relação do Conselho com o regime militar entre 1964 e 1985, ano da criação do Ministério da Ciência e Tecnologia.

Com relação aos pioneiros do jornalismo científico e da divulgação das ciências no Brasil, Massarani, citada por Oliveira, destaca o jornalista, militar e engenheiro civil Euclides da Cunha (1866-1909) e o médico, pesquisador, educador e jornalista José Reis (1907-2002). Já a Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC) é criada em 1977 por um pequeno grupo de jornalistas e a Associação Brasileira de Divulgação Científica (ABDC) foi fundada apenas em 2001.

Ainda segundo Oliveira (2005), a partir da década de 1980 houve um significativo aumento de veículos de divulgação das ciências, especialmente revistas: *Ciência Hoje* (SBPC) e *Ciência Ilustrada* (Editora Abril), *Globo Ciência* (Editora Globo) e *Superinteressante* (Editora Abril). E, nas emissoras de televisão, os programas, como *Globo Ciências* (Rede Globo) e *Estação Ciência* (da antiga Manchete).

Atualmente, no Brasil, é expressivo o aumento do número de revistas especializadas, relacionadas a boa parte das áreas de conhecimento, como também é notável o surgimento de revistas e outros periódicos de Universidades e Instituições públicas de fomento e pesquisas. Nas emissoras de televisão, surgem programas voltados para a divulgação científica, especialmente nos canais fechados e emissoras públicas educativas. Nos jornais, as notícias de ciências são constantes, mas prevalecem os press-releases de agências internacionais e o registro de acontecimentos espetaculares.

No meio acadêmico também surgem novos programas de formação de especialistas e mestres, e o interesse pelos assuntos relacionados à ciência e tecnologia é crescente na sociedade principalmente pelos impactos ocasionados pela revolução das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), especialmente pela Internet. O desafio está lançado.

No caso especial do estado do Espírito Santo, ainda não se tem informações da existência de curso de especialização ou mestrado em jornalismo científico ou divulgação científica. Nos dois jornais de grande circulação, encontramos uma coluna diária de Ciência e Tecnologia (A Tribuna), onde predominam notícias das grandes agências e uma coluna voltada à Inovação (A Gazeta), com notas informativas local, nacional e internacional. Entre as emissoras de televisão sediadas no estado, programas voltados à agropecuária, meio ambiente, cultura e saúde, principalmente, veiculam notícias de ciências e tecnologia. Mas, o que se apresenta como especialmente voltado à divulgação científica, só temos conhecimento do Programa *TV é CIENCIA* (TV Educativa).

4 ANÁLISE DO PROGRAMA TV é CIÊNCIA

Nesta fase da pesquisa, os estudos objetivaram conhecer aspectos relacionados à concepção, implantação e desenvolvimento do projeto programa *TV é CIÊNCIA*, entre o período de 2007 e 2011. Os principais atores, o contexto sócio, econômico e político do estado do Espírito Santo, as intencionalidades e linguagens adotadas pelos realizadores e as técnicas empregadas na produção e veiculação das edições do Programa.

No primeiro momento, as principais fontes foram os Projetos Técnico-científicos e os Relatórios de Prestação de Contas do programa *TV é CIENCIA* apresentados por seus coordenadores à Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES); Atas das reuniões do Comitê de Acompanhamento do Projeto, instituído pela FAPES; Scripts, Roteiros, Relatórios de Matérias, anotações da equipe de pesquisa, produção e veiculação do *TV é CIÊNCIA* e; entrevistas.

Em seguida: análise dos conteúdos, das abordagens e linguagens, das técnicas e práticas de produção do programa *TV é CIÊNCIA*; a busca de pontos de convergência com as Teorias da divulgação e jornalismo científicos, seus princípios e fundamentos. Por fim, a análise das edições do programa *TV é CIÊNCIA* à luz das conceituações e classificações de gêneros e formatos da televisão brasileira, sob a ótica de Aronchi (2004), e análise das edições do Programa sob a ótica do Modo de Endereçamento, oferecida pelo do Grupo de Análise de Televisuais da Universidade da Bahia.

Aqui, as principais fontes foram: a bibliografia disponível; os Roteiros e Scripts das edições, os Relatórios das Matérias e de entrevistas realizadas e as 190 cópias em DVD das edições veiculadas entre 13 de março de 2007 e 22 de novembro de 2011.

Durante o trabalho, não foram priorizadas metodologias quantitativas de percentuais da programação. Buscamos evidências contundentes da linguagem e intencionalidades dos realizadores, bem como de elementos do processo de produção do programa *TV é CIÊNCIA*, para reflexão e inferências que possibilitassem a sua identificação, ou não, como de gênero divulgação científica e/ou de jornalismo de ciências.

4.1 A CONCEPÇÃO, IMPLEMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA TV é CIÊNCIA

Qual contexto propiciou a concepção do programa *TV é CIÊNCIA*? Quais foram os principais atores envolvidos? Como o programa *TV é CIÊNCIA* entrou *no ar*? Em buscas de respostas, seguimos nossas investigações.

4.1.1 O contexto capixaba no início do novo milênio

Como vimos na seção anterior, mais recentemente, o estado do Espírito Santo sofre uma mudança radical na sua estrutura econômica e social a partir das décadas de 1950 e 1960 com a implantação das grandes plantas industriais na região da Grande Vitória voltados ao comércio exterior, que rompe com a hegemonia econômica eminentemente centrada na agropecuária e, também, provoca grande migração populacional do interior do estado para a Capital.

Na época, o cenário urbano, em torno de grandes indústrias, demanda novos conhecimentos tecnológicos e formação de mão de obra qualificada, possibilitando a implantação da primeira Universidade no estado: a Federal do Espírito Santo (UFES); e ampliação da Escola Técnica Federal. Por outro lado, há, também, o aumento da preocupação com as questões ambientais, o que viabiliza a criação de Institutos de pesquisas, como o Museu de Biologia Professor Mello Leitão, no município de Santa Tereza, pelo ambientalista e patrono da ecologia do Brasil, professor Augusto Ruschi.

Mas, é na década de 1990, com a abertura do mercado brasileiro, encampada principalmente pelos ex-presidentes Fernando Collor de Melo, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, que o estado de Espírito Santo vê a proliferação das Instituições de ensino e pesquisa privadas em praticamente todo seu território. E, ainda, não nos esqueçamos de que outro fator determinante na época para a definição do contexto em que vivemos atualmente em solos capixabas são as descobertas e exploração de gás e petróleo no subsolo e, especialmente, na bacia oceânica, na chamada camada do pré-sal.

Mundialmente, o início do século XXI apresenta fortes índices de crescimento econômico especialmente nos países em desenvolvimento, apelidados de BRIC (Brasil, Rússia, China e Índia). Esse crescimento possibilita ao estado do Espírito Santo, com sua economia voltada ao comércio exterior, a ampliação das grandes plantas indústrias da Grande Vitória, como, também, a implantação de novas unidades nas regiões litorâneas do norte e sul do estado. Pronto, está formado o cenário que possibilitou ao Governo do Estado do Espírito Santo a criação do Sistema Estadual de Ciência e Tecnologia, composto pelo Conselho Estadual de C&T, a Secretaria de Estado de C&T e a Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPES), em 2005, que, como veremos, é lugar embrionário do programa *TV é CIENCIA*:

Sociedade capixaba concentrada em grandes centros urbanos, especialmente na Grande Vitória; altos índices de crescimento econômico, sustentados pela ampliação das atividades industriais e de comércio exterior; forte demanda por novos conhecimentos científicos e tecnológicos, bem como de mão de obra qualificada; preocupações sociais e ambientais.

4.1.2 O TV é ciência entra no ar

O pontapé inicial para a materialização do programa televisivo semanal *TV é CIÊNCIA* se deu no início de setembro de 2006, quando o então Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia (SECT) e Diretor Presidente da FAPES,

professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Guilherme Pereira, convida a TV Educativa do Espírito Santo (TVE-ES), canal 2, para cobertura da Semana Estadual e Nacional de Ciência e Tecnologia, tradicionalmente realizada na terceira semana do mês de outubro.

Presenciamos o convite, pois, na época, exercíamos funções de produção e de apresentador/entrevistador de um programa diário, de 30 minutos, na emissora pública de TV do Espírito Santo voltado ao aprofundamento e debate das principais questões do cotidiano capixaba, o Programa *Estúdio*. A solução foi realizar uma série de cinco edições, gravadas externamente, no local da Semana de C&T, para veiculação, que se deu na semana seguinte ao evento. Houve boa aceitação da série e, logo em seguida, o mesmo Secretário propõe à TV-ES uma parceria para a implantação de um programa de Divulgação Científica local.

O convite de realização do programa permanece sem resposta oficial até o mês de dezembro seguinte, quando o Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia promove um café da manhã com a imprensa para apresentação do balanço anual de 2006. Mais uma vez, tivemos a oportunidade de representar a TVE-ES e, terminada a exposição do Secretário e gravação de entrevistas, fomos provocados pelo mesmo à apresentar um projeto técnico-científico que substanciasse a implementação do programa televisivo, em resposta ao convite de parceria anteriormente encaminhado.

Nossa tarefa inicial era buscar parceria no setor acadêmico para elaboração do projeto técnico-científico capaz de ser apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES) como projeto de demanda, também conhecidos como *de balcão*. Nesse momento, a Diretoria da TVE-ES dava-nos total apoio, embora não tivesse disponibilidade de equipamentos e pessoal para mais uma produção local. Na grade local da TVE-ES veiculavam com muitas dificuldades seis Programas: *Espaço 2*; *Curta-Vídeo*; *Oportunidades*; *Nosso Campo*; *Eu Sou o Samba* e *Estúdio*.

Sessenta dias foram suficientes para sensibilizarmos a jornalista e professora da Ufes, mestre em educação, Marcilene Forechi, que topou coordenar o processo de elaboração do projeto técnico-científico e implementação do programa televisivo. Da análise da proposta do projeto de pesquisa protocolada na FAPES em 13 dezembro de 2006⁴, observamos que a proponente solicita contratação dos serviços de produção de audiovisual, com equipe profissional de jornalismo e radialismo, bem como os equipamentos necessários à captação de imagens e sonoras, iluminação, edição e montagem e estúdio de televisão.

Há uma clara estratégia de veiculação do programa em emissora educativa de televisão e, em horário nobre da programação. Há também toda uma preocupação na formatação do projeto com o rigor das pesquisas científicas, dotado de fundamentação teórica, metodologia, objetivos e justificativas com diversos autores de divulgação e jornalismo científico sendo citados.

Há, ainda, a proposta de instituição de um Comitê de Assessoramento do projeto com incumbência de analisar as edições do programa e propor temas, sob o ponto de vista da linguagem e estrutura. O Comitê foi constituído por cerca de vinte membros, representantes da academia, setor produtivo e do Sistema Estadual de Ciência e Tecnologia.

Em entrevista a este autor, o professor do Departamento de Física da Ufes, Laércio Ferracioli, membro do Comitê de Assessoramento do projeto na época, explica que a escolha por edições temáticas se deu “por possibilitar o desenvolvimento de conceitos científicos e tecnológicos e suas aplicações através das pesquisas realizadas principalmente no Estado, além de expor a trans-disciplinariedade da ciência e dos assuntos” (informação verbal)⁵.

⁴ Processo FAPES nº 35867949/2006; Termo de Outorga nº 002/2007.

⁵ Informação coletada nas primeiras reuniões do Comitê de Assessoramento do Projeto *TV é CIENCIA* no ano de 2007

Já o Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia Guilherme Pereira, em entrevista ao Jornal A Gazeta (2007) afirma que “O primeiro objetivo é identificar quais pesquisas estão sendo produzidas no Estado e investigar as aplicações desses estudos” (ARANTES, G. Programa sobre ciência e tecnologia estreia hoje na televisão: Nova atração da TV Educativa pretende divulgar a produção científica local. **Jornal A Gazeta**, Vitória, 13 mar. 2007. Caderno Dois, Campus. p. 5).

Nesta mesma matéria do Jornal A Gazeta (2207) o apresentador e diretor geral do programa *TV é CIÊNCIA* Luciano Ribeiro, este mesmo autor da presente dissertação, afirma que “A ideia não é apenas divulgar o que tem sido feito nos mais diferentes campos de estudo, mas também popularizar a ciência e estimular os jovens a seguirem os caminhos da pesquisa” (ARANTES, G. Programa sobre ciência e tecnologia estreia hoje na televisão: Nova atração da TV Educativa pretende divulgar a produção científica local. **Jornal A Gazeta**, Vitória, 13 mar. 2007. Caderno Dois, Campus. p. 5).

Vale ressaltar, ainda, que o projeto foi recebido pela diretoria executiva FAPES e encaminhada a dois consultores, com nível doutorado e reconhecida contribuição na área de divulgação científica, para análise e parecer. Tendo sido acolhido e aprovado pelos consultores e depois pelo Conselho Técnico e Administrativo da Fundação. Por fim, um termo de outorga é assinado entre as partes, sendo liberados os recursos financeiros necessários à execução do projeto / programa pelo período de onze meses, a partir de março de 2007.

A primeira temporada do programa *TV é CIENCIA* tem início com a veiculação da primeira edição, com o título *ES Faz Ciência*, no dia 13 de março de 2007⁶. São, ao todo, 44 edições temáticas inéditas de 30 minutos, veiculadas semanalmente nas terças-feiras, no horário nobre entre 19 e 22 horas, com reprise aos domingos, no período vespertino, até o dia 08 de janeiro de 2008, com a veiculação da edição intitulada *Retrospectiva II*.

⁶ Processo FAPES nº 35867949/2006; Termo de Outorga nº 002/2007.

A veiculação da temporada seguinte só tem início em 01 de julho de 2008⁷, com o título: *Capixabas na Antártida*. Em entrevista, o Diretor Técnico e Artístico do Programa, Adilson Caetano, explica que durante o período entre a última edição da primeira temporada e a primeira da segunda temporada, de 08 de janeiro a 01 de julho de 2008, foram reprisadas algumas edições da primeira temporada, “sem custos de produção para o Sistema SECTI/FAPES e de veiculação cobrado pela *TV Educativa*, de R\$ 2.000,00 (dois mil reais). Foi um acordo que fizemos com a *TV Educativa* para não perdermos o espaço na grade de programação da emissora”, (informação verbal⁸).

Na segunda temporada, ao todo, foram 43 edições temáticas semanais inéditas, veiculadas como na primeira temporada. A última edição foi veiculada em 21 de abril de 2009, com o título *Projeto do Museu do Corpo Humano*. Chama à atenção as edições n° 28, 29, 30 e 31, veiculadas em 06, 13, 20 e 27 de janeiro de 2008, respectivamente, produzidas por alunos da disciplina de Jornalismo Científico na TV, do Curso de Graduação em Jornalismo, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Isso de seu graças a uma parceria do Projeto com o Departamento de Comunicação Social daquela Universidade, com vistas à formação de Recursos Humanos para área de Jornalismo Científico.

Na época, este autor, era aluno e bolsista do Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Linguagens Audiovisual e Multimídia, oferecido pelo citado Departamento de Comunicação Social/Ufes. Em contrapartida à bolsa, foi convidado a ministrar a disciplina de Jornalismo Científico na TV, donde foram produzidos os quatro programas para veiculação como edições especiais.

A terceira temporada do Programa *TV é CIENCIA* tem início com a veiculação da primeira edição em 01 de setembro de 2009⁹, com o título *Semana de C&T de Santa Maria de Jetibá*. O hiato temporal de veiculação entre a última edição

⁷ Processo FAPES nº 40509150/2008; Termo de Outorga nº 001/2008.

⁸ Entrevista concedida em 02 jun. 2012

⁹ Processo FAPES nº 45292760/2009; Termo de Outorga nº 001/2009.

da segunda temporada e a primeira da terceira temporada também foi preenchido com a reprise de edições anteriores, mesmo procedimento anterior. Em entrevista, o Diretor Técnico e Artístico do Programa, Adilson Caetano, afirmou que “esse período das reprises, que era o tempo necessário para renovação do contrato com a SECTI/FAPES, era muito difícil porque não podíamos manter a equipe, não tínhamos receita, e tínhamos que praticamente começar tudo do zero”. (informação verbal¹⁰)

A terceira temporada é constituída de 58 edições semanais inéditas, como nas edições anteriores, e é encerrada em 12 de outubro de 2010, com o título *Urbanismo*. Na temporada também houve participação dos alunos da disciplina de Jornalismo Científico na TV, do Departamento de Comunicação Social da UFES. São as edições de nº 21 e 22, veiculadas em 05 e 12 de janeiro de 2010, respectivamente, com os títulos *Cultura do Vinho e Cálculo Renal*.

A quarta, e última temporada analisada, tem início com a veiculação da primeira edição em 19 de outubro de 2010¹¹, com o título *Abertura da 7ª Semana C,T&I*. Aqui, não há hiato temporal de veiculação entre a terceira e quarta temporadas. Isso se deu “por conta de termos tido possibilidade de apresentar a proposta de financiamento à SECTI/FAPES com antecedência, tendo sido analisada e aprovada em tempo hábil para nossa produção e veiculação”, informou o Diretor Técnico e Artístico do Programa, Adilson Caetano. (informação verbal¹²).

A quarta temporada também contém 58 edições semanais inéditas, como nas anteriores, e se encerra em 21 de novembro de 2011, com o título *8ª Semana de C,T&I – IV*. Vale ressaltar, ainda, que nesta quarta temporada não há participação dos alunos do curso de jornalismo da Ufes. Isso se deu por conta do término do Curso de Pós Graduação Lato Sensu em *Linguagens Audiovisual e Multimídia*, oferecido pelo Departamento de Comunicação Social

¹⁰ Entrevista concedida em 02 jul 2012

¹¹ Processo FAPES nº 50178890/2010; Termo de Outorga nº 002/2010.

¹² Entrevista concedida 02 jul 2012

daquela Universidade, que possibilitava a oferta da disciplina de Jornalismo Científico na TV aos graduandos de jornalismo.

Em todas as quatro temporadas analisadas do programa *TV é CIENCIA*, observamos o mesmo rito: apresentação da proposta de projeto técnico-científico por demanda espontânea à SECTI/FAPES, pelas coordenadoras Marcilene Forechi (1ª temporada) e Moyara Rosa Machado (2ª, 3ª e 4ª temporadas), ambas pesquisadoras do Centro de Educação da Ufes; análise e aprovação por dois consultores *Ad Hoc*, da FAPES; assinatura de Termo de Outorga e financiamento pelo Sistema SECT/FAPES; produção por equipe profissional sob coordenação da proponente; avaliação das edições e indicação dos temas pelo Comitê de Assessoramento do Projeto, formado por especialistas e sob a coordenação da FAPES; veiculação semanal, com reprises aos domingos, pela *TV Educativa* do Espírito Santo e, nas três últimas temporadas, também pela *TV Ambiental* do Espírito Santo, *TV Educativa* de Guarapari e *TV Capital* (canal fechado na Grande Vitória).

4.1.3 Considerações acerca do item anterior

Levando em conta as abordagens teóricas acerca da concepção de Políticas Públicas Sociais, na seção 3, e da análise documental e dos relatos colhidos nas entrevistas com participantes do projeto programa *TV é CIENCIA* nessa seção, observamos que a iniciativa de implantação do programa *TV é CIENCIA* não pode ser considerada como atendimento a uma forte demanda da sociedade do Espírito Santo pelo direito à Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia através da televisão, característica e premissa das Políticas Públicas Sociais mais tradicionais, como: Educação; Saúde e Habitação, por exemplo. Antes, trata-se mais da vontade e ação de alguns poucos indivíduos interessados no assunto. Em especial, do próprio Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo da época, das professoras e coordenadoras do Projeto, dos membros do Comitê de Assessoramento e da equipe de pesquisa e produção do Programa.

Percebemos também ausência de um planejamento mais adequado para concepção, implementação e desenvolvimento contínuo do projeto, inclusive com previsões orçamentárias. Daí, os constantes hiatos de tempo para veiculação das edições do programa entre as quatro temporadas analisadas. Isso, certamente causa dificuldades ao projeto, conforme relato de integrante equipe, e pode representar forte argumento para não caracterizá-lo como Política Pública de Comunicação da Ciência e Tecnologia.

Por outro lado, verificamos a participação direta ou indireta de órgãos da Administração Pública Estadual e Federal, como: UFES; SECTI/FAPES e; RTV/TVE-ES, na execução do projeto, inclusive com a alocação de recursos financeiros. Bem como, a de profissionais e especialistas autônomos e voluntários no exercício do controle social, através do Comitê de Assessoramento. Donde podemos concluir que, sanadas as dificuldades de planejamento e previsão orçamentária e aperfeiçoamento da participação e controle social, a proposta reúne excelentes condições de se tornar perene e candidatar-se a uma efetiva Política Pública.

4.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS TÍTULOS POR ÁREA DE CONHECIMENTO

Nessa fase dos trabalhos, utilizamos como principais fontes as Relações dos Programas Veiculados nas quatro temporadas, de 2007 a 2011, com indicação dos temas abordados, fornecidas pela equipe do Programa (ANEXOS A, B, C e D) e a Tabela de Classificação das Áreas de Conhecimento adotada á época pela FAPES, disponível em www.fapes.es.gov.br.

A Tabela 5 demonstra: a quantidade de edições do programa *TV é CIENCIA* veiculadas por temporada, no período de 2007 a 2011; a quantidade de abordagens temáticas por temporada e no total das quatro temporadas, por área de conhecimento; a frequência das abordagens por área de conhecimento, por temporada e no total das quatro temporadas e, por fim, o

percentual de abordagens temáticas pelo total de abordagens temáticas por temporada e no total das quatro temporadas.

A finalidade do estudo foi verificar se todas as Áreas de Conhecimento foram abordadas pelo programa *TV é CIÊNCIA* e a frequências das abordagens por Áreas, conforme os objetivos iniciais propostos por seus realizadores, de divulgação das Ciências e Tecnologias pela televisão, bem como se houve concentração de abordagens em algumas áreas em detrimento a outras. Cabe ressaltar que, segundo classificação executada pelos realizadores, quando da apresentação dos Relatórios Técnicos, constantes nas prestações de contas ao Sistema FAPES/SECTI ao longo da execução do projeto (ANEXO 1), numa mesma edição do Programa, várias áreas de Conhecimento podem ter sido abordadas.

Tabela 5 – Frequência das abordagens do programa TV é CIÊNCIA por Área de Conhecimento

ÁREA CONECIMENTO	TEMP 1	TEMP 2	TEMP 3	TEMP 4	QUANT.	% ABORD/4TEMP.	% ABORD/ABORD TOAL – 4 TEMP.
EXATAS TERRA	19	16	20	11	66	34,73	13,17
BIOLOGICAS	12	13	11	10	46	24,21	9,18
ENGENHARIAS	19	13	07	09	48	25,26	9,58
SAÚDE	04	12	13	05	34	17,89	6,78
AGRÁRIAS	06	06	06	04	22	11,57	4,39
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	25	24	48	45	142	74,73	28,34
HUMANAS	01	07	29	26	63	33,15	12,57
LNGUISTICA, LETRAS E ARTES	02	05	09	01	17	8,94	3,39
EONÔMICAS E JURÍDICAS	16	09	07	15	47	24,74	9,38
TOTAL EDIÇÕES	44	43	54	49	190	-	-
TOTAL ABORDAGENS	105	106	156	134	501	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor

Assim, das 203 edições inéditas veiculadas entre 2007 e 2011, foram devidamente tituladas e classificadas 190 edições. Sendo: a totalidade (44) da primeira temporada; a totalidade (43) da segunda temporada; 54, do total de 58, da terceira temporada e; 49, do total de 58, da quarta e última temporada

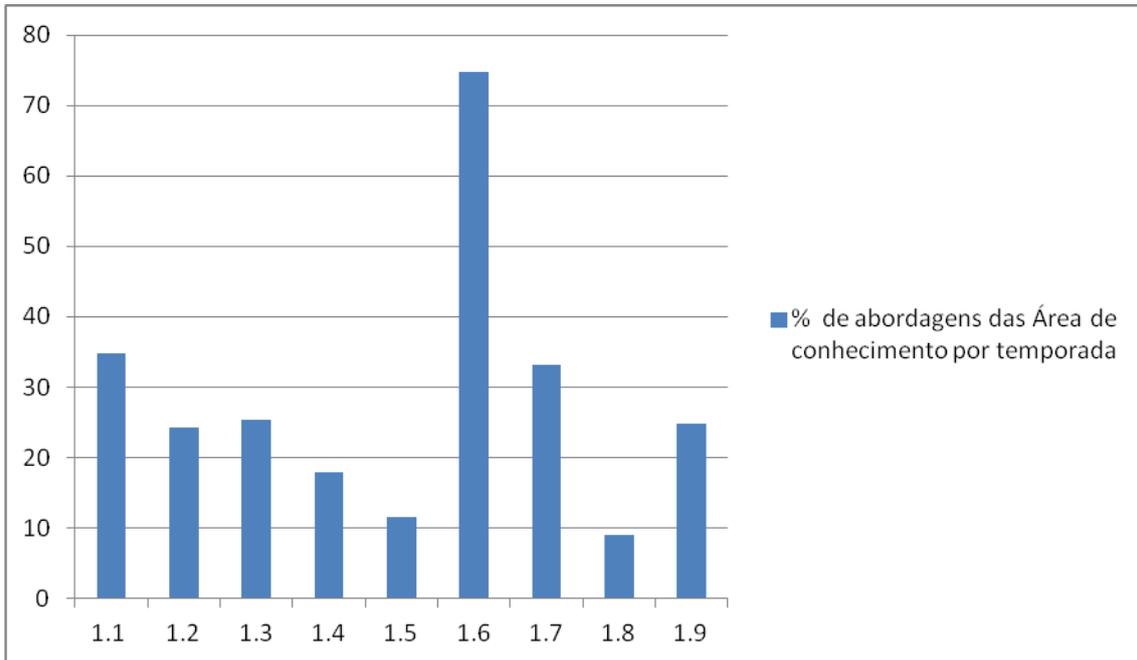
analisada. Quanto à frequência das abordagens, foram totalizadas 501 citações às Áreas de Conhecimento nas quatro temporadas. Aqui, chama atenção a necessidade de aperfeiçoamento dos trabalhos de identificação e classificação das edições, com, também, controle mais adequado da documentação do projeto.

Da análise, podemos constatar que há uma grande concentração de abordagens na área de Ciências Sociais Aplicadas, 74,73% das abordagens nas quatro temporadas, o que equivale a 28,34% de abordagens no total de abordagens durante as quatro temporadas. A alta frequência deve se justificar pelo fato de ser um Programa televisivo de Divulgação Científica, que pertence à grande Área da Sociologia Aplicada.

Em seguida, há certo equilíbrio entre as Áreas de Exatas e da Terra (34,73% das abordagens por temporada e 13,17% de abordagens pelo total de abordagens nas quatro temporadas); Humanas (com percentuais de 33,15% e 12,57%); Engenharias (com percentuais de 25,26% e 9,58%); Econômicas e Jurídicas (com percentuais de 24,74% e 9,38%); e Biológicas (com percentuais de 24,21% e 9,18%). Um segundo bloco pode ser agrupado pelas Áreas de Saúde (17,89% e 6,78%) e Agrárias (11,57% e 4,39%).

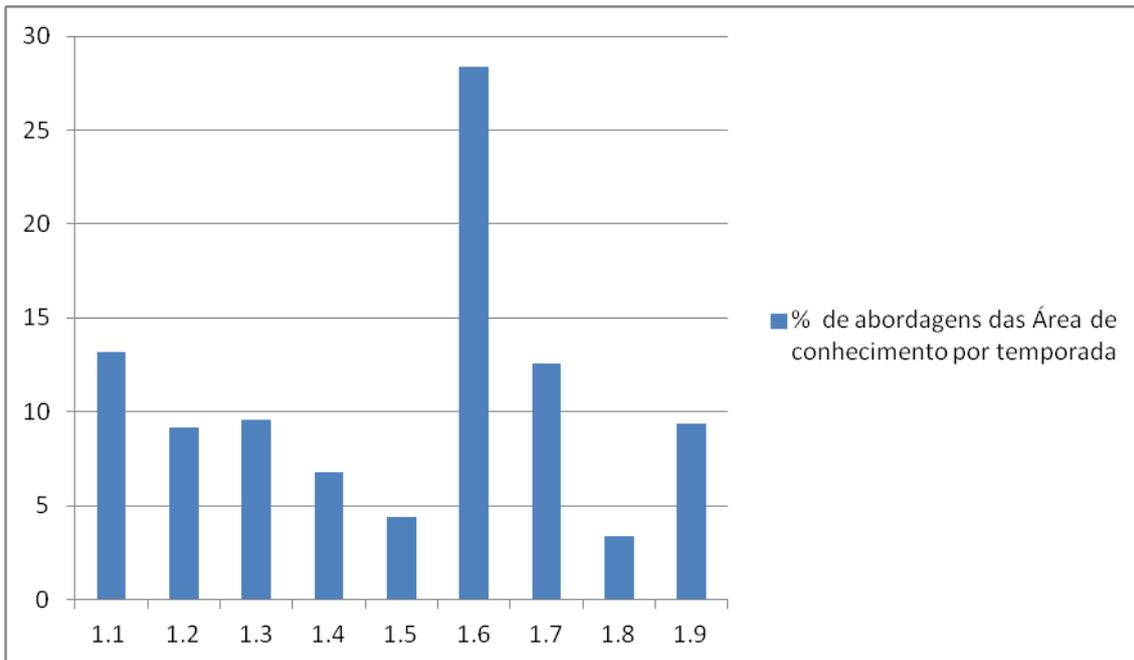
Por fim, a grande Área de Linguística, Letras e Artes aparece com percentuais de 8,94% de abordagens nas quatro temporadas e 3,39% de abordagens pelo total de abordagens nas quatro temporadas. Duas possibilidades para a baixa frequência nessa Área podem ser a baixa produção acadêmica no Estado, e de ser Área que apresenta pouco apelo imagético, principalmente nas áreas de Línguas e Letras, já que tratamos de divulgação científica pelo veículo televisão. Os Gráficos 1 e 2, a seguir, possibilitam uma melhor visualização da análise acima realizada. Também é possível perceber que sobrepostos os dois Gráficos revelam gráficos idênticos.

Gráfico 1 - Percentagem das Áreas de Conhecimento nas quatro temporadas



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 2 - Percentagem das Áreas de Conhecimento por Áreas Totais nas quatro Temporadas



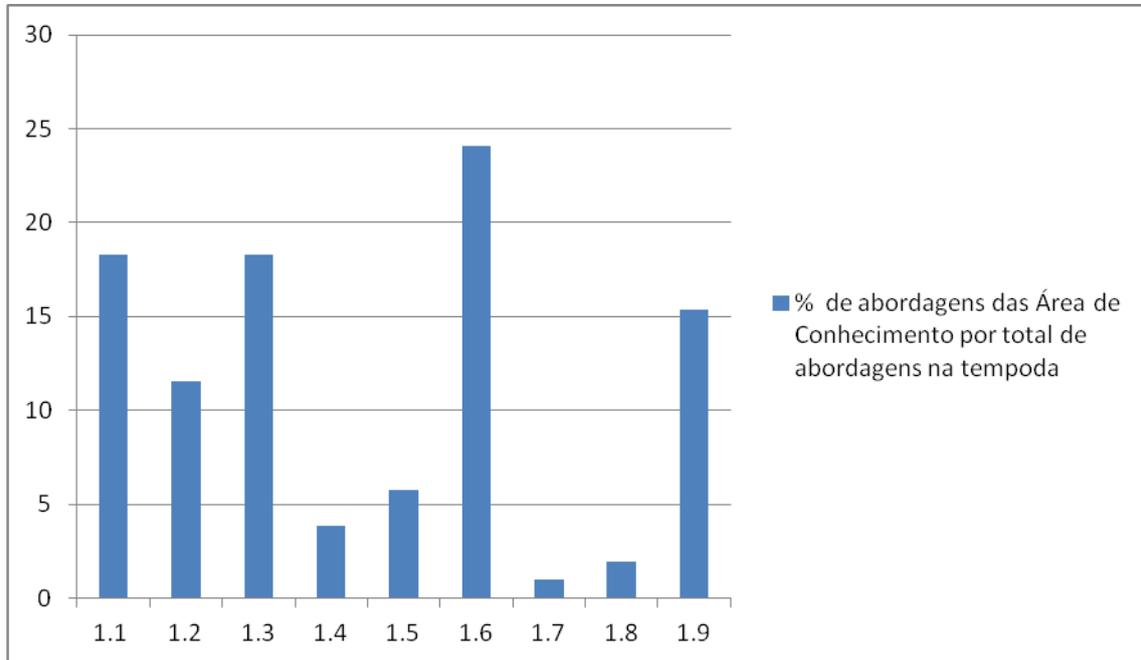
Fonte: Elaborado pelo autor

Onde, para os dois Gráficos 1 e 2, temos a seguinte classificação das Áreas de Conhecimento, oferecida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo:

- 1.1 – Exatas e da Terra;
- 1.2 – Biológicas;
- 1.3 – Engenharias;
- 1.4 – Saúde;
- 1.5 – Agrárias;
- 1.6 – Sociais Aplicadas;
- 1.7 – Humanas;
- 1.8 – Linguística, Letras e Artes;
- 1.9 – Econômicas e Jurídicas.

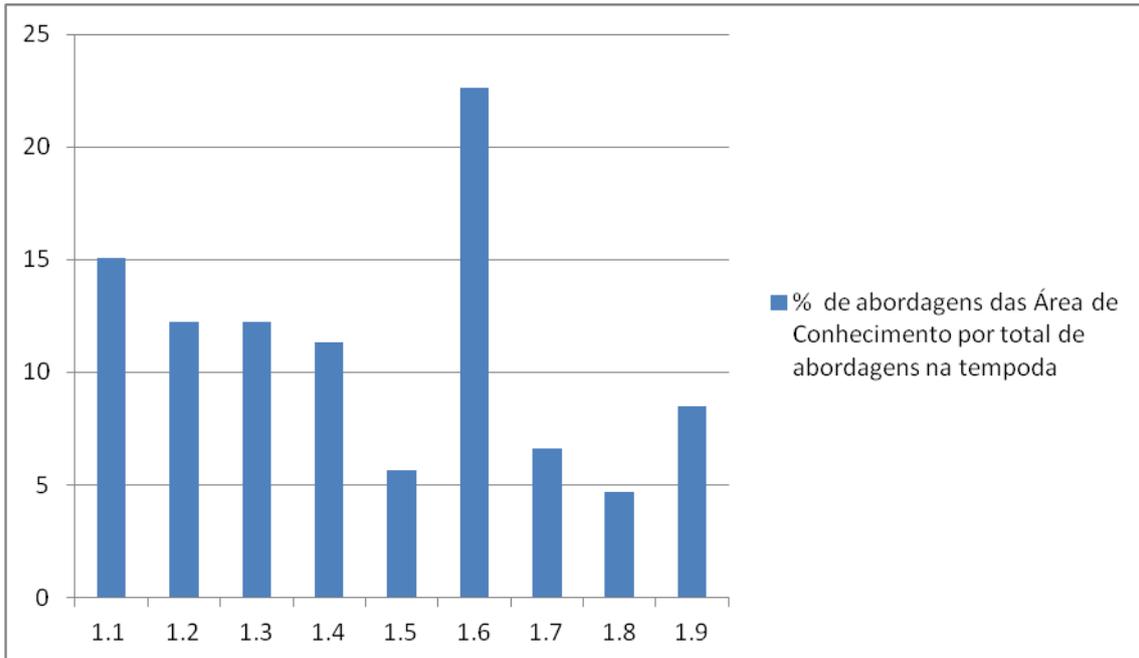
Os Gráficos nº 3, 4, 5 e 6, abaixo, demonstram o total de abordagens das Áreas de Conhecimento pelo total de abordagens por temporada. Adotamos esta representação por serem idênticas às do total de abordagens por total de edições em cada temporada, bem como a Classificação das Áreas de Conhecimento conforme acima:

Gráfico 3 - Percentagem de abordagens das Áreas de Conhecimento por total de abordagens na temporada 2007/2008



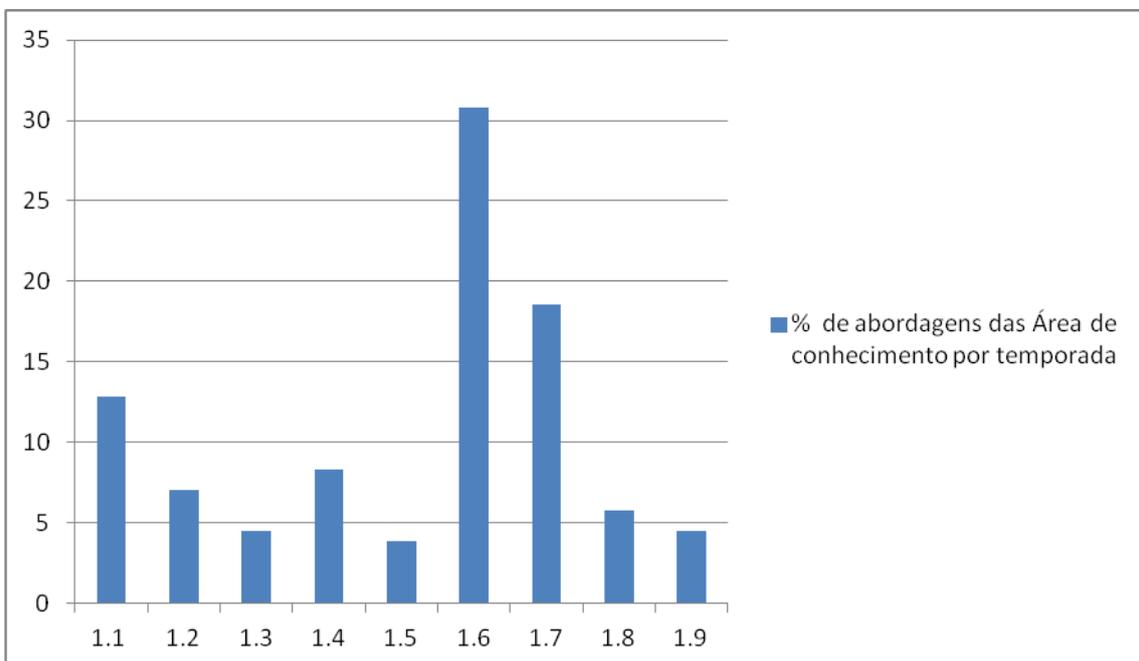
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 4 – Percentagem de abordagens das Áreas de Conhecimento por total de abordagens na temporada 2008/2009



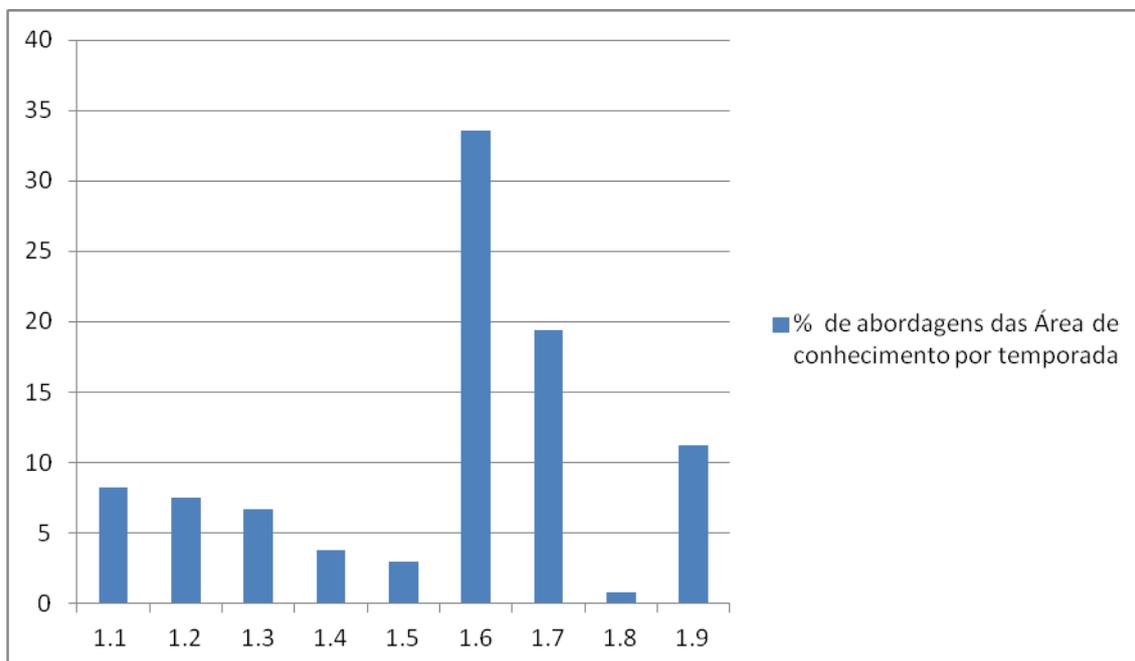
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 5 – Percentagem de abordagens das Áreas de Conhecimento por total de abordagens na temporada 2009/2010



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 6 – Percentagem de abordagens das Áreas de Conhecimento por total de abordagens na temporada 2010/2011



Fonte: Elaborado pelo autor

Da análise, ainda mais detalhada dos percentuais de abordagens pelo total de abordagens das Áreas de Conhecimento em cada temporada, é possível perceber que não apresenta regularidade e/ou equilíbrio nas frequências de abordagens nas quatro temporadas. Uma possibilidade para que isso tenha acontecido é o fato de o projeto se propor a adotar o critério jornalístico da atualidade, o que faz a ação dos realizados depender dos fatos e acontecimentos ocorridos em cada período correspondente às temporadas do Programa.

Desse estudo, podemos inferir que o programa *TV é CIENCIA* aborda todas as grandes Áreas do Conhecimento científico e tecnológico, embora haja uma maior frequência nas abordagens na Área de Sociologia Aplicada, o que se justifica por se tratar de uma proposta de ação de Divulgação Científica. Também é de fácil percepção que o Programa busca tratar de temas que permitam abordagens de várias Áreas. Daí, apresentar, nas quatro temporadas analisadas, 501 abordagens em 190 edições temáticas, o que dá uma média de mais de duas Áreas de Conhecimento por edição.

Por fim, percebe-se que entre as temporadas não há um equilíbrio das abordagens das Áreas de Conhecimento, como podemos observar com a Área de Exatas e da Terra entre a primeira e quarta temporadas, 17% e 07%, respectivamente, e com a Área de Humanas entre a primeira, a segunda e terceira temporadas, 01%, 18% e 19%, respectivamente. Como dissemos, em nossa visão, duas possibilidades podem representar boas justificativas para que isso ocorra: a variável produção acadêmica entre os períodos e a intenção de se fazer um programa de Divulgação Científica baseado no princípio da atualidade jornalística, que condiciona a atividade aos fatos e acontecimentos ocorridos.

4.3 ANÁLISE DOS CONTEÚDOS ABORDADOS NAS QUATRO TEMPORADAS

Nessa fase dos trabalhos, o principal objetivo foi analisar como se deram as abordagens realizadas, a partir da identificação de elementos do discurso e das intencionalidades dos realizadores do programa *TV é CIENCIA*, utilizando-se como principal fonte de pesquisa as cópias das edições do programa veiculadas nas quatro temporadas, no período entre 2007 e 2011. Após apontamentos registrados para cada edição analisada, foram adotados os critérios finais de análise de objetividade, temporalidade e amplitude das abordagens, a fim de checarmos três das principais características do jornalismo: objetividade; atualidade e; relevância e interesse público.

Como foram disponibilizadas 190 cópias das edições, veiculadas nas quatro temporadas, o que equivale a 95 horas de gravação, do programa de 30 minutos, sendo praticamente impossível analisá-las todas no tempo disponível à pesquisa, optou-se por trabalhar com uma amostra representativa de dez por

cento das edições veiculadas na primeira e na quarta temporadas, 93 edições, totalizando uma amostra de nove edições para análise.

Dessas, levando-se em conta a correspondência com o percentual de abordagens das Áreas de Conhecimento pelo total de abordagens nas quatro temporadas, chegou à amostra de 04 edições dedicadas à Área de Sociais Aplicadas (duas edições para cada uma das duas temporadas) e uma edição para cada uma das de Áreas de: Exatas e da Terra (1ª temporada); Biológicas (4ª temporada); Engenharias (4ª temporada); Humanas (4ª temporada) e Econômicas e Jurídicas (1ª temporada), definidas por sorteio.

Assim, chegou-se à amostra para análise conforme a Tabela 6, a seguir:

Tabela 6 – Definição da amostra para análise qualitativa do programa *TV é CIÊNCIA*

ÁREA CONECIMENTO	TEMP 1	TEMP 4	QUANT. 1 + 4	% ABORD/ABORD TOTAL - 4 TEMP.	QUANTIDADE EDIÇÕES P/ ANÁLISE
EXATAS TERRA	19	11	30	12,55	(1)
BIOLÓGICAS	12	10	22	9,20	(1)
ENGENHARIAS	19	09	28	11,71	(1)
SAÚDE	04	05	09	3,76	-
AGRÁRIAS	06	04	10	4,18	-
SOCIAIS APLICADAS	25	45	70	29,28	(4)
HUMANAS	01	26	27	11,29	(1)
LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES	02	01	03	1,25	-
ECONÔMICAS E JURÍDICAS	16	15	31	12,97	(1)
TOTAL EDIÇÕES	44	49	93	-	-
TOTAL ABORDAGENS	105	134	239	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor

O passo seguinte foi o sorteio das edições para análise, quando se chegou aos títulos, conforme Tabela 7, a seguir:

Tabela 7 – Definição dos títulos para análise qualitativa do programa *TV é CIÊNCIA*

TÍTULO	N. PROGRAMA	TEMPORADA	ÁREAS ABORDADAS
METEOROLOGIA	14	1	1.1, 1.3 , 1.5, 1.9
FEIRA VERDE VITÓRIA	06	4	1.1, 1.2 , 1.5, 1.6, 1.7, 1.9
INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS	49	4	1.1 , 1.3, 1.6, 1.7, 1.9
VIOLÊNCIA E SEG PÚBLICA.	12	1	1.6 , 1.7, 1.9
IV SEMANA C&T	34	1	1.6 – DC
ENSINO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE	42	4	1.6 , 1.7, 1.9
VIII SEMANA C&T	55	4	1.6 - DC
DES. ESP SANTO EFEITOS COLATERAIS	54	4	1.5, 1.6, 1.7 , 1.9
DESENVOLVIMENTO SOFTWARE	19	1	1.1, 1.3, 1.9

Fonte: Elaborado pelo autor

- Em negrito, o código da Área de Conhecimento prioritária abordada na edição.

4.4 ANÁLISE DESCRITIVA DAS EDIÇÕES DO PROGRAMA *TV é CIENCIA*

A seguir, são apresentados os Quadros das Análises Descritivas (1, 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15 e 17), seguidos dos Quadros de Apontamentos (2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16 e 18), e Considerações Parciais sobre cada uma das nove edições do programa *TV é CIÊNCIA* que compuseram a amostra de nossas análises, nesta etapa de investigações, segundo critérios de objetividade, temporalidade e amplitude.

Quadro 1 – Análise descritiva da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *Meteorologia*

TÍTULO DA EDIÇÃO: *METEOROLOGIA*

Veiculação: 12/06/2007 – 1ª temporada

Área Conhecimento Principal: *CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA – 1.1*

DESCRIÇÃO DA EDIÇÃO

APRESENTADOR ABRE PROGRAMA NO ESTÚDIO, FUNDO CROMAQUI. SAÚDE TELESPECTADOR E DE FORMA DIRETA INTRODUZ O TEMA METEOROLOGIA

RELACIONANDO-O À CIÊNCIA QUE TRATA DA PREVISÃO DO TEMPO, QUE TEM IMPORTÂNCIA E INTERFERE NAS DECISÕES, ATITUDES E COMPORTAMENTO DAS PESSOAS. “ATÉ PARA SAIR DE CASA, OLHAMOS PARAS CONDIÇÕES DO TEMPO PARA SABER SE DEVENOS OU NÃO USAR GUARDA-CHUVAS”. EM SEGUIDA, APRESENTADOR INTERAGE COM POPULARES (QUADRO POVO FALA) E INDAGA SE SABEM QUAL A CIÊNCIA QUE ESTUDA A ATMOSERA. AS RESPOSTAS VARIAM ENTRE METEOROLOGIA E NÃO SABE. NA VOLTA, APRESENTADOR DEFINE METEOROLOGIA COMO CIÊNCIA DA ATMOSFERA E FALA DA SUA IPORTÂNCIA PARA O DIA-A-DIA DAS PESSOAS. TAMBEM FALA QUE HÁ NO ESPÍRITO SANTO PESQUISADORES E GESTORES PÚBLICOS QUE DESENVOLVEM PESQUISAS E ATUAM NA ÁREA PARA MELHOR ENTENDER OS FENÔMENOS E OFERECEM SERVIÇOS. ATO SEGUINTE, CHAMA A REPORTAGEM DO QUADRO CIENCIA EM AÇÃO.

NO QUADRO CIENCIA EM AÇÃO, REPORTER REFORÇA CONCEITOS E APLICAÇÕES DA METEOROLOGIA, RELACIONANDO AO DIA-A-DIA DAS PESSOAS. EM SEGUIDA, APRESENTA LABORATÓRIO/ESTAÇÃO METEOROLÓGICA DO INCAPER NO MUNICIÍOS DE LINHARES/ES. COM ESPECIALISTA, DISCUTE CONCEITOS E PRINCIPAIS APLICAÇÕES, APRESENTA O SISTEMA DE INFORMAÇÕES AGRO-METEOROLÓGICAS (SIAG), IMPORTÂNCIA E APLICAÇÕES PARA OS CAPIXABAS. NA ENTREVISTA TAMBÉM É RELACIONADO O TRABALHO DOS PESQUISADORES E DO SAG AOS ESTUDOS SOBRE OS EFEITOS DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E AQUECIMENTO GLOBAL.

NO SEGUNDO BLOCO, APRESENTADOR REABRE PROGRAMA DO ESTÚDIO RECAPITULANDO UM POUCO DO QUE FOI TRATADO NO BLOCO ANTERIOR. EM SEGUIDA, CHAMA ENTREVISTA NO ESTÚDIO COM CONVIDADO. SENTADOS EM POLTRONAS EM ÂNGULO DE 90 GRAUS E, TENDO UMA PEQUENA MESA DE VIDRO AO CENTRO, APRESENTADOR/ETREVISTADOR SAÚDA E APRESENTA CONVIDADO, ESPECIALISTA DO INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (IFES). A PRIMEIRA PERGUNTA TRATA DO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO QUE PROPICIA MELHORES RESULTADOS E PREVISÓES MAIS ACERTADAS DA METEOROLOIA (SATÉLITES, MODELAGENS COPUTACIONAIS, TICs E AVANÇOS DA FÍSICA). A SEGUNDA PERGUNTA TRATA DAS APLICAÇÕES DOS CONHECIMENTOS DA METEOROLOGIA NAS PROFISSÕES E ECONOMIA (AGRICULTURA, AVIAÇÃO E PESCA) E O BALANÇO HÍDRICO. A TERCEIRA PERGUNTA TRATA DE FORMAÇÃO DE RECRSOS HUMANOS PARA A PRÁTICA E PESQUISA DA METEOROLOGIA. POR FIM, DISCUSSÃO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA METEEOLOGIA E PESQUISADORES PARA O COMBATE AO AQUECIMENTO GLOBAL.

DE VOLTA AO ESTÚDIO, EM CROMAQUI, APRESENTADOR CHAMA QUADRO RADAR CIENTÍFICO, QUE APRESENTA QUATRO NOTAS “EM CASCATA”: SOBRE PREPARATIVOS DA SEMANA NACIONAL E ESTADUAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA; CURSO DE METALUGIA DO AÇO OFERECIDO PELA FAESA; SOBRE FÓRUM DE CIENCIAS FARMACÊUTICA DA UVV E, POR ÚLTIMO, SOBRE CONGRESSO BRASILEIRO DE AGRO-ECOLOGIA A SER REALIZADO EM VITÓRIA.

DE VOLTA AO GROMAQUI, APRESENTADOR ENCAMINHA ENCERRAMENTO DA EDIÇÃO COM OPINIÃO ACERCA DO ASSUNTO CENTRAL TRATADO: - “AGORA QUE VOCE CONHECE MELHOR SOBRE METEOROLOGIA E O TRABALHO DE PESQUISADOES DO ESPÍRITO SANTO, NÓS TEMOS MAIS CONDIÇÕES DE VALORIZAR ESSA IMPORTANTE ÁREA DO CONHECIMENTO HUMANO”. POR FIM, APRESENTADOR INDICA

FORMAS DO TELESPECTADOR PARTICIPAR, ATRAVÉS DE E-MAIL E TELEFONES E SE DESPEDE.

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 2 – Apontamentos da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *Meteorologia*

TITULO/TEMA: METEOROLOGIA	
AREA PRINCIPAL - 1.1	
OBJETIVIDADE	
DIRETA	LOCUTOR E “POVO FALA” CONCEITUAM METEOROLOGIA. REPORTER E ESPECIALISTA CONCEITUAM E FALAM DAS APLICAÇÕES. FALAM DIRETAMENTE DAS APLICAÇÕES DA CIÊNCIA
INDIRETA	REVELA DESCOHECIMENTO POPULAR DA CIENCIA
POSITIVA	LOCUTOR RELACIONA VANTAGENS DO TRABALHO DOS PESQUISADORES. REPORTER APRESENTA FASE DE IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA CAPIXABA INFORMAÇÕES AGRO-METEORLÓGICAS. NÃO TEM CONTRAPONTO DAS CIÊNCIAS ANTIGAS, DO POSSIVEL AQUECIMENTO GLOBAL E DOS INVESTIMENTOS NO SIAG/ES.
CRITICA	SISTEMA SIAG/ES AINDA EM IMPLANTAÇÃO. - ESPECIALISTA CRITICA FALTA PARCERIAS. - CRÍTICA FALTA CURSOS FORMAÇÃO RH NO ES
NEGATIVA	CRITICA AO ANAFALBETISMO CIENTÍFICO. CRÍTICA FORMAS PASSADAS DE PREVSÕES METEORLÓGICAS

TEMPORALIDADE	
RETROSPECTIVA	LOCUTOR CITA ANTIGAS E IMPRECISAS FÓRMAS DE PREVISÃO DE TEMPO SEM CONTRAPONTO OU ALTERNATIVAS.
ATUAL	RELACIONA APLICAÇÕES DA METEOROLOGIA AOS EFEITOS CLIMÁTICOS E DIA-A-DIA DAS PESSOAS E FUTURO AQUECIMENTO GLOBAL. AVALIAÇÃO SIAG/ES. QUADRO RADAR TRAZ NOTAS SOBRE AQUECIMENTO GLOBAL (TEMA DA SEMANA DE C&T).
PROSPECTIVA	PROJEÇÕES PARA NOVAS TECNOLOGIAS.O FUTURO DA METEOROLOGIA COM AQUECIMENTO GLOBAL.PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO RH NO ES
AMPLITUDE	
AMPLA CONJUNTURAL	RELACIONA CONDIÇÕES CLMÁTICAS ÀS DECISÕES, ATITUDES E COMPORAMENTO DAS PESSOAS NO DIA-A-DIA, NA ECONOMIA E, PESCA. RELACIONA COM OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO. RELACIONA DIA-DIA PESSOAS COM EFEITOS GLOBAIS. CRÍTICA POLÍTICAS PÚBLICAS. RADAR TEM NOTA SOBRE SEMANA C&T E CONGRESSO AGRO-ECOLÓGICO EM VITÓRIA
RESTRITA PARTICULAR	TRABALHA SISTEMA ESTADUAL DE INFORMAÇÕES AGRO-METEOROLÓGICAS. MAS, NÃO LEVANTA CUSTOS DO INVESTIMENTO N SIAG/ES PARA COMPRAÇÃO COM BENEFÍCIOS ESPERADOS.
Fonte: Elaborado pelo autor	

4.4.1 Considerações parciais da edição

Da análise descritiva e dos apontamentos registrados no quadro, sob os critérios de objetividade, temporalidade e amplitude, podemos inferir que os realizadores do programa *TV é CIENCIA* trataram diretamente do assunto, Meteorologia, geralmente na primeira pessoa, e o tema central da edição é abordado de forma extremamente positiva, atual e ampla, buscando-se relacioná-lo ao dia-a-dia das pessoas.

Quadro 3 – Análise descritiva da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *XXI Feira do Verde de Vitória*

TÍTULO DA EDIÇÃO: XXI FEIRA DO VERDE DE VITÓRIA

Veiculação: 23/11/2010 – 4ª temporada

Área Conhecimento Principal: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – 1.2

DESCRIÇÃO DA EDIÇÃO

A EDIÇÃO É TODA REALIZADA NO ESTILO “AO VIVO”. O LOCUTOR/APRESENTADOR JÁ ABRE O PROGRAMA DO LOCAL DO EVENTO, PRAÇA DO PAPA, VITÓRIA, EM GRAVAÇÕES EXTERNAS AO ESTÚDIO, COM ENQUADRAMENTOS DE CÂMARA DIVERSOS E DINÂMICOS. APÓS SAUDAÇÃO INICIAL, LOCALIZA A REPORTAGEM E EXPLICA A “EDIÇÃO ESPECIAL”. DE INÍCIO, O LOCUTOR JÁ RESSALTA OS BENEFÍCIOS DO EVENTO: “VAMOS CONHECER INOVAÇÕES, NOVOS CONHECIMENTOS E BOAS PRÁTICAS PARA UM MUNDO SUSTENTÁVEL”. E, CONVIDA O TELESPECTADOR A PARTICIPAR NÃO SÓ DA AUDIÊNCIA, MAS, TAMBÉM, PARA AS BOAS PRÁTICAS. “O PROGRAMA DE HOJE ESTÁ MUITO LEGAL E EU TENHO CERTEZA QUE VOCE VAI ADORAR. ENTÃO. VAMOS LÁ?”. EM SEGUIDA, UMA VINHETA FUNCIONANDO COMO PASSAGEM, EM SUBSTITUIÇÃO À TRADICIONAL VINHETA DO QUADRO “CIENCIA EM AÇÃO”, PARA INÍCIO DAS ENTREVISTAS.

EM FRENTE A UM ESTANDE/AUDITÓRIO, O LOCUTOR/APRESENTADOR, QUE NA EDIÇÃO ACUMULA A FUNÇÃO DE REPÓRTER, GRAVA PASSAGEM EM “STAND UP” E APRESENTA ENTREVISTADO/PALESTRANTE, QUE FALA SOBRE AS PESQUISAS NO ESTADO E SOBRE A BIODIVERSIDADE DA MATA ATLÂNTICA, “QUE AUMENTARAM BASTANTE, MAS AINDA FALTA MUITO”, SÉRGIO LUCENA (IPEMA). A ENTREVISTA SEGUE SOBRE O PANORAMA DO CONHECIMENTO DA MATA ATLÂNTICA, AS OPORTUNIDADES E AMEAÇAS FUTURAS, POSSIBILIDADES DE IMPLANTAÇÃO DE MAIS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E, CONVIVÊNCIA COM A EXPANSÃO DA EXPLORAÇÃO DO PETRÓLEO E GÁS NO ESPÍRITO SANTO. A ENTREVISTA É COBERTA COM IMAGENS DA PALESTRA E DOS ESTANDES DA EXPOSIÇÃO. EM SEGUIDA, NOVA PASSAGEM DO REPÓRTER EM FRENTE A OUTRO ESTANDE E NOVA ENTREVISTA, DESTA VEZ COM PESQUISADORA DO INCAPER, SOBRE USO AGROPECUÁRIO “AMIGÁVEL À

PRESERVAÇÃO” E DO TRABALHO DO ÓRGÃO PÚBLICO DE PROMOÇÃO DE BOAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS COM AS TECNOLOGIAS JÁ EXISTENTES.

EM SEGUIDA, NOVA VINHETA, COM TRILHA SONORA DE MÚSICA ELETRÔNICA E IMAGENS FUTURISTAS, FUNCIONANDO COMO PASSAGEM PARA “STAND UP” DO REPÓRTER EM FRENTE A NOVO ESTANDE, SEGUIDO DE OFF DE LOCALIZAÇÃO E DIMENSIONAMENTO DA FEIRA, NOVA VINHETA COM TRILHA DE MÚSICA ELETRÔNICA E IMAGENS FUTURISTAS E NOVO “STAND UP” DO REPORTER PARA FECHAMENTO DO PRIMEIRO BLOCO DA EDIÇÃO: “NÓS AINDA TEMOS MUITAS NOVIDADES. FICA AÍ QUE A GETE VOLTA JÁ JÁ.

O SEGUNDO BLOCO É REABERTO DA MESMA FORMA QUE O PRIMEIRO, EXTERNAMENTE AO ESTÚDIO E BEM DINÂMICO, NO ESTILO “AO VIVO”. O REPÓRTER RESSALTA A EDIÇÃO ESPECIAL SOBRE A FEIRA DO VERDE: “NÓS TEMOS MUITAS NOVIDADES. NOSSO PROGRAMA ESTÁ MUITO LEGAL E IMPERDÍVEL. ENTÃO, VAMOS LÁ?”. EM SEGUIDA, VINHETA DO QUADRO CIENCIA EM AÇÃO (AUSENTE NO PRIMEIRO BLOCO), SEGUIDA DE VINHETA ELABORADA ESPECIALMENTE PARA A EDIÇÃO. EM OFF, REPÓRTER DESTACA OUTRA “ATRAÇÃO QUE TEM CHAMADO MUITA ATENÇÃO NA FEIRA DO VERDE É A KOMBI ECOLÓGICA”. EM SEGUIDA, EM FRENTE AO VEÍCULO, O PROFESSOR/PESQUISADOR DO CEDTEC FALA DAS VANTAGENS DOS VEÍCULOS ECOLÓGICOS, COMO FOI REALIZADO O PROJETO DA KOMBI ECOLÓGICA, CUSTOS E DESEMPENHO DO VEÍCULO. ATO SEGUINTE, NOVO OFF DO REPÓRTER COBERTO POR IMAGENS DA FEIRA E ENTREVISTA COM ALUNA EXPOSITORA DA ESCOLA PÚBLICA DA LOCALIDADE DE ALTO CAXIXE, VENDA NOVA DO IMIGRANTE, REGIÃO DE MONTANHAS DO ESTADO, QUE FALA E DEMONSTRA O “PROJETO INTEGRADO DE REAPROVEITAMENTO DE ESGOTO E ÁGUA EM PROPRIEDADES RURAIS” E SOBRE OUTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COMUNIDADE. NOVA PASSAGEM DO REPORTER, SEGUIDA DE ENTREVISTA COM ESTUDANTE DE ENGENHARIA CIVIL DA UFES, QUE FALA SOBRE PROJETO DE REUTILIZAÇÃO DA ÁGUA DE CHUVA. NOVA PASSAGEM E ENTREVISTA COM ALUNA DO CURSO DE QUÍMICA, TAMBÉM DA UFES, QUE FALA SOBRE PROJETO DE REAPROVEITAMENTO DE GARRAFAS PET. NA SEQUÊNCIA, NOVO OFF SEGUIDO DE ENTREVISTA COM EXPOITOR DO ESTANDE DO MUSEU NACIONAL, QUE FALA SOBRE A INSTITUIÇÃO E AVALIA A PARTICIPAÇÃO NA FEIRA DO VERDE EM VITÓRIA. NOVO OFF DO REPORTER, SEGUIDO DE ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA MARINHA, QUE FALA DO “PROGRAMA DE MENTALIDADE MARÍTIMA PARA PÚBLICO INFANTO JUVENIL”. NOVA VINHETA DÁ SEQUÊNCIA E, EM SEGUIDA, REPÓRTER APRESENTA O “MUSEU DO LIXO”, FORMADO POR MATERIAIS E EQUIPAMENTOS RECOLHIDOS NA RUA POR GARIS DA PREFEITURA E INICIA ENTREVISTA COM SECRETÁRIO DE MEIO AMBIENTE DE VITÓRIA, SOBRE AVALIAÇÃO DO EVENTO. POR FIM, NOVA VINHETA, SEGUIDA PELO REPÓRTER QUE CHAMA O QUADRO RADAR.

O QUADRO RADAR DESTA VEZ É APRESENTADO EM OFF PELA JORNALISTA MONIQUE LYRA. A PRIMEIRA NOTA, COBERTA COM IMAGENS DO EVENTO ANUNCIADO, É SOBRE SEMINÁRIO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA REALIZADO NA UFES, COM DOIS DEPOIMENTOS DOS ORGANIZADORES. OUTRA NOTA “EM CASCATA” É SOBRE O SIMPÓSIO DE APRENDIZAGEM EM AMBIENTES VIRTUAIS, TAMBÉM NA UFES. DE VOLTA À FEIRA DO VERDE, O LOCUTOR/APRESENTADOR/REPÓRTER FAZ AS DESPEDIDAS E CONVIDA TELESPECTADOR A PARTICIPAR PELA PÁGINA DO PROGRAMA: WWW.TVECIENCIA.COM.BR.

Fonte> Elaborado pelo autor

Quadro 4 - Apontamentos da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *XXI Feira do Verde de Vitória*

TITULO/TEMA: XXI FEIRA DO VERDE DE VITÓRIA - (23/11/2010)	
AREA PRINCIPAL - 1.2	
OBJETIVIDADE	
DIRETA	
INDIRETA	A EDIÇÃO SE ENQUADRA MELHOR AS ÁREAS DE 1.1 e 1.6. PORÉM, TEM RELAÇÃO COM AS ÁREAS BIOLÓGICAS.
POSITIVA	RESSALTA IMPORTÂNCIA DA FEIRA DO VERDE. REALIZA ABORAGENS POSITIVAS SOBRE SUSTENTABILIDADE E APLICAÇÃO DE INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS SEM CONTRAPONTO
CRITICA	OFERECE VISÃO CRÍTICA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE PRESERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE.
NEGATIVA	
TEMPORALIDADE	
RETROSPECTIVA	
ATUAL	A EDIÇÃO É REALIZADA EM ESTILO “AO VIVO”.
PROSPECTIVA	REALIZA AVALIAÇÕES SOBRE IMPACTOS AMBIENTAIS E SOCIAIS E DA APLICAÇÃO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS.
AMPLITUDE	
AMPLA CONJUNTURAL	TRATA DE ASUNTOS GLOBAIS E DEMONSTRA ATITUDES LOCAIS. A FEIRA É DE VITÓRIA, MAS TRAZ EXPERIÊNCIAS DO INTERIOR E DE OUTRAS PARTES DO BRASIL.
RESTRITA PARTICULAR	EXEMPLIFICA POJETOS LOCAIS PARA SOLUÇÕES LOCAIS.
Fonte: Elaboração do próprio autor	

4.5.2 Considerações parciais da edição

Da análise descritiva e dos apontamentos registrados no quadro, sob os critérios de objetividade, temporalidade e amplitude, podemos inferir que os realizadores do programa *TV é CIENCIA* trataram a Área de Conhecimento proposta, Biológicas, de forma indireta, já que foi uma cobertura, no estilo “ao vivo”, da XXI Feira do Verde de Vitória. Quanto às abordagens, são realizadas de forma positiva, atual e ampla, buscando-se relacionar os assuntos ao dia-a-dia das pessoas.

Quadro 5 – Análise descritiva da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *Inovação Tecnológica*

TÍTULO: *INOVAÇÃO TECNOLÓGICA*

Veiculação: 20/09/2011- 4ª temporada

Área Conhecimento Principal: ENGENHARIAS – 1.3

DESCRIÇÃO DA EDIÇÃO

APRESENTADOR ABRE PROGRAMA NO ESTÚDIO, FUNDO CROMAQUI. SAÚDA TELESPECTADOR E FAZ COMENTÁRIO SOBRE A CONJUNTURA NACIONAL QUANTO À PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO – PAPERS, MAS POUCO REGISTRO DE PATENTES, DISTÂNCIA ENTRE SETORES ACADÊMICO E PRODUTIVO E MEDIDAS DO GOVERNO PARA REVERSÃO DO QUADRO: “O BRASIL É UM GRANDE PRODUTOR DO CONHECIMENTO NO MUNDO, MAS ESSE CONHECIMENTO NÃO CHEGA AO SETOR PRODUTIVO. PARA ENCURTAR O CAMINHO ENTRE OS CENTROS DE ENSINO E PESQUISA E EMPRESAS, O GOVERNO FEDERAL CRIOU A NOVA LEI DE INOVAÇÃO QUE PROVOCARAM MUDANÇAS. NÓS FOMOS ATRÁS DESSAS MUDANÇAS E O QUE VAI MUDAR NA VIDA DE TODOS NÓS”. EM SEGUIDA, CHAMA QUADRO CIENCIA EM AÇÃO.

A REPORTAGEM É ABERTA COM SOBE SOM COM TRILHA ELETRÔNICA. EM SEGUIDA, PASSAGEM DA REPÓRTER SUZANA KOHLER REFORÇANDO OPINIÃO DO ESTUDIO: “O BRASIL É O DÉCIMO TERCEIRO MAIOR PRODUTOR DE CONHECIMENTO DO MUNDO. MAS, EM NÚMERO DE REGISTRO DE PATENTES, SOMOS O PAÍS DE NUMERO 47”. EM SEGUIDA, A REPÓRTER EM OFF CITA A CRIAÇÃO DE INSTITUTOS QUE OIENTAM E ASSESSORAM INOVADORES, APRESENTANDO O INSTITUTO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA DA UFES, COMO BOM EXEMPLO DE GARANTIDOR DO REGISTRO E PROTEÇÃO DAS PATENTES. A ENTREVISTA COM COORDENADOR DO INIT/UFES, EM FRENTE À FACHADA A SEDE DO INSTITUTO, TRATAM DO CONCEITO DE PATENTES, SERVIÇOS DO INIT/UFES, CRÍTICA À POSIÇÃO DO BRASIL NO RANKING DOS REGISTROS E DOS 10 PEDIDOS DE PATENTE ENCAMINHADOS PELO INSTITUTO AO INPI. EM SEGUIDA, OFF DA REPÓRTER SOBE O TRABALHO DE NORMATIZAÇÕES E ENTREVISTA COM ASSESSORA JURÍDICA DO INIT/UFES, REALIZADA EM FRENTE ÀS BANDEIRAS DO BRASIL, ESP. SANT E DA

UFES, SOBRE OS PROCESSOS E SERVIÇOS. A ENTREVISTA É COBERTA COM IMAGENS DE ARQUIVO DE ROBÔS, LABORATÓRIOS DE QUÍMICA E BIOLOGIA. UM SOBE SOM FAZ A PASSAGEM DA REPORTAGEM COM O ESTÚDIO, ENTREMEDIADOS COM A VINHETA DO QUADRO CIÊNCIA EM AÇÃO. NO ESTÚDIO, LOCUTOR CHAMA INTERVALO.

O SEGUNDO BLOCO É ABERTO PELO LOCUTOR NO ESTÚDIO, TRADICIONALMENTE, QUE RELEMBRA O TEMA E CHAMA REPORTAGEM. O QUADRO CIENCIA EM AÇÃO É ABERTO COM SOBE SOM, COM OFF DO REPORTER SOBRE O APOIO DO INIT AOS INOVADORES CAPIXABAS E QUE A INSTITUIÇÃO CONTA COM EQUIPE MULTIDISCIPLINAR. EM SEGUIDA, ENTREVISTA COM ANALISTA DE PROPRIEDADE INTELECTUAL DO INIT, GRAVADA EM LABORATÓRIO DE QUÍMICA, SOBRE PROCEDIMENTOS, ACESSO AO INSTITUTO, PERFIL DS INTERESSADOS COMO TRANSCORRE O PROCESSO DE REGISTRO NO INPI. NOVA VINHETA, SEGUIDA DE VINHETA DO QUADRO CIENCIA EM AÇÃO ENCERRAM A REPORTAGEM. NO ESTÚDIO, O LOCUTOR CHAMA O QUADRO RADAR.

O QUADRO É NARRADO EM OFF PELO LOCUTOR/APRESENTADOR TRADICIONAL DO PROGRAMA E CONTA COM QUATRO NOTAS “EM CASCATA”: UMA SOBRE SIMPÓSIO CAPIXABA DE ECOLOGIA, UMA SEGUNDA SOBRE SEXTO ENCONTRO NACIONAL DE POLÍTICAS SOCIAIS NA UFES, OUTRA SOBRE CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, TAMBÉM NA UFES E, POR ÚLTIMO, UMA QUARTA NOTA SOBRE AS INSCRIÇÕES NO EDITAL DA FAPES PARA PESQUISAS TECNOLÓGICAS. APÓS VINHETA DO QUADRO RADAR, NO ESTÚDIO, LOCUTOR SE DESPEDE CONVIDANDO TELESPECTADOR A PARTICIPAR PELO ENDEREÇO ELETRÔNICO DO TV É CIENCIA.

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 6 - Apontamentos da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *Inovação Tecnológica*

TITULO/TEMA: INOVAÇÃO TECNOLÓGICA - (20/09/2011)	
AREA PRINCIPAL - 1.3	
OBJETIVIDADE	
DIRETA	
INDIRETA	A EDIÇÃO TRATA MAIS DE POLÍTICA PUBLICA, MAS TRATA DE DESENVOLVIMENTO E GERENCIAMENTO DE PRODUTOS E PROJETOS
POSITIVA	É UMA EDIÇÃO INSTTUACIONAL SOBRE O INIT/UFES SEM CONTRAPONTO DE VISÕES SOBRE DIREITO AUTORAL E PATENTES.
CRITICA	PROVOCA RELEXÃO SOBRE A DISTÂNCIA ENTRE PRODUÇÃO ACADÊMICA E SETOR PRODUTIVO E SOBRE A POSIÇÃO DO BRASIL NO RANKING DE REGISTROS.
NEGATIVA	
TEMPORALIDADE	
RETROSPECTIVA	
ATUAL	TRATA DA NOVA LEI DE INOVAÇÃO E MUDANÇAS NO DIA-A-DIA DAS PESSOAS. - TRATA DA CRIAÇÃO DE NOVOS INSTITUTOS DE INOVAÇÃO.
PROSPECTIVA	APRESENTA PERSPECTIVA POSITIVA DO CRESCIMENTO DOS REGISTROS DE PATATENTES NO BRASIL E ESTADO.
AMPLITUDE	
AMPLA CONJUNTURAL	TRATA DO ASSUNTO NACIONALMENTE E O RELACIONA CO O DIA-A-DIA DAS PESSOAS.
RESTRITA PARTICULAR	EXEMPLIFICA ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DO INIT/UFES.
Fonte: Elaboração do próprio autor.	

4.5.3 Considerações parciais da edição

Da análise descritiva e dos apontamentos registrados no quadro, sob os critérios de objetividade, temporalidade e amplitude, podemos inferir que os realizadores do programa *TV é CIÊNCIA* trataram a Área de Conhecimento proposta, Engenharias, de forma direta, já que abordou desenvolvimento e gerenciamento de produtos e projetos. Quanto às abordagens, foram realizadas de forma extremamente positiva, inclusive com ausência de uma segunda opinião sobre registro de patentes, atual e ampla, buscando-se relacionar os assuntos ao dia-a-dia das pessoas, através de experiências pessoais.

Quadro 7 – Análise descritiva da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *Violência e Segurança Pública*

TÍTULO: VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA

Veiculação: 12/06/2007 – 1ª temporada

Área Conhecimento Principal: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – 1.6

DESCRIÇÃO DA EDIÇÃO

APRESENTADOR ABRE PROGRAMA NO ESTÚDIO, FUNDO CROMAQUI. SAÚDA TELESPECTADOR E DE FORMA DIRETA INTRODUZ O TEMA DA EDIÇÃO: VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA, RELACIONANDO-O À EDIÇÃO ANTERIOR – PRIMEIRO DA SÉRIE ESPECIAL DE DOIS SOBRE O ASSUNTO. APÓS BREVE RECAPITULAÇÃO, LOCUTOR APRESENTA ENFOQUES DA NOVA EDIÇÃO: JUVENTUDE, IDOSOS E TRÂNSITO. ATO SEGUINTE, LOCUTOR ENCAMINHA PERGUNTA À POPULARES: “- VOCÊ É SOLIDÁRIO NO TRÂNSITO?”. DE VOLTA AO CROMAQUI, LOCUTOR INFORMA QUE O TRÂNSITO BRASILEIRO É O MAIS VIOLENTO DO MUNDO, APRESENTANDO DADOS ESTATÍSTICOS. EM SEGUIDA, CHAMA REPORTAGEM DO QUADRO CIÊNCIA EM AÇÃO, ONDE DEPOIMENTOS DE ESPECIALISTAS SÃO RECOLHIDOS DE SEMINÁRIO SOBRE VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA, NA UFES.

A REPORTAGEM É FEITA EM ESTILO **AO VIVO**, COM OFFs E DEPOIMENTOS GRAVADOS IN LOCO. SÃO ABORDADOS RESULTADOS DE PESQUISAS SOBRE O PERFIL E LOCALIZAÇÃO DOS CRIMES NA GRANDE VIÓRIA, RELAÇÃO ENTRE JOGOS ELETRÔNICOS E VIOLENCIA NA JUVENTUDE, SOBRE DESPREPARO DE TRABALHADORES DA ÁREA DE SAÚDE PÚBLICA NA IDENTIFICAÇÃO DE IDOSOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA E PESQUISAS REALIZADAS POR ÓRGÃOS PÚBLICOS ESTADUAIS NO COMBATE À VIOLÊNCIA (POLÍCIA CIVIL E POLÍCIA MILITAR). DE VOLTA AO ESTÚDIO,

LOCUTOR RESSALTA A IMPORTÂNCIA DAS PESQUISAS CIENTÍFICAS NO COMBATE E DEFINIÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O SETOR E FECHA O BLOCO.

NA REABERTURA DO PROGRAMA, O LOCUTOR EM CROMAQUI FAZ PEQUENA RELEITURA DO QUE FOI TRATADO EM BLOCO ANTERIOR E CHAMA ENTEVISTA COM CONVIDADO, NO ESTÚDIO. SENTADOS EM POLTRONAS, EM 90 GRAUS E COM PEQUENA MESA DE VIDRO AO CENTRO, LOCUTOR E COVIDADO (ESPECIALISTA DE SERVIÇO SOCIAL DA EMESCAM) TRATAM DO PERFIL DOS CRIMES (CONTRA O PATRIMÔNIO OCORREM EM BAIROS NOBRES E CONTRA A VIDA EM BAIROS PERFÉRICOS). TRATAM, AINDA, DA RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA E SERVIÇO SOCIAL E SAÚDE PÚBLICA, DOS CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E DE PESQUISADORES NA ÁREA. POR FIM, CONVIDADO RESSALTA A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE DIVULGAÇÃO DAS PESQUISAS FEITO PELA EQUIPE DO TV é CIENCIA.

NO QUADRO RADAR CIENTÍFICO, EM CASCATA, NOTAS SOBRE: CURSO DE MESTRADO EM PRODUÇÃO VEGETAL, EM ALEGRE; SOBRE SEGUNDO SIMPÓSIO DE ENGENHARIA AMBIENTAL, A SE REALIZAR EM VITÓRIA, COM TEMA SOBRE AQUECIMENTO GLOBAL E; A DISPONIBILIZAÇÃO DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA OFERECIDAS PELO IFES.

DE VOLTA AO CROMAQUI, PARA ENCERRAMENTO DA EDIÇÃO, LOCUTOR REFORÇA A IMPORTÂNCIA DAS PESQUISAS E DOS PESQUISADORES NO COMBATE À VIOLÊNCIA, CONVIDA TELESPECTADOR A PARTICIPAR, ATRAVÉS DE E-MAIL E TELEFONES, E SE DESPEDE.

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 8 - Apontamentos da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *Violência e Segurança Pública*

TITULO/TEMA: VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA - (29/05/2007)	
AREA PRINCIPAL - 1.6	
OBJETIVIDADE	
DIRETA	LOCUTOR APRESENTA SUB-TEMAS: JUVENTUDE, IDOSOS E TRÂNSITO. PESQUISADOR RESSALTA IMPORTÂNCIA DAS PESQUISAS
INDIRETA	CRÍTICA AUSENCIA DE INVESTIMENTOS NO PASSADO
POSITIVA	LOCUTOR FALA DIRETAMENTE DOS BENEFÍCIOS DAS PESQUISAS. NO ESTUDIO, A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NO COMBATE À VIOLÊNCIA.
CRITICA	
NEGATIVA	QUANDO PERGUNTA SE É CONDUTOR SOLIDÁRIO EM CENÁRIO DE GRANDE VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO, ENTENDA-SE QUE FALTA SOLIDARIEDADE.
TEMPORALIDADE	
RETROSPECTIVA	
ATUAL	COBERTURA SEMINÁRIO UFES. NO QUADRO RADAR HÁ NOTA SOBRE SIMPÓSIO EM QUE SE DISCUTE AQUECIMENTO GLOBAL (TEMA DA SEMANA DE C&T).
PROSPECTIVA	IMPORTÂNCIA DAS PESQUISAS NA DEFINIÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS.
AMPLITUDE	
AMPLA CONJUNTURAL	VIOLÊNCIA E RELAÇÕES SOIAIS – JUVENTUDE, IDOSOS E TRÂNSITO. RELACIONA TEMA COM SERVIÇOS SOCIAIS, SAÚDE E GESTÃO PÚBLICA. RELACIONA ESP SANTO COM BRASL
RESTRITA PARTICULAR	NO ESTÚDIO, SITUAÇÃO PARTICULAR DE VITÓRIA. NÃO OFERECE ALTERNATIVAS À VISÃO DO SRIÇO SOCIAL.
Fonte: Elaboração do próprio autor	

4.5.4 Considerações parciais da edição

Da análise descritiva e dos apontamentos registrados no quadro, sob os critérios de objetividade, temporalidade e amplitude, podemos inferir que os realizadores do programa *TV é CIENCIA* trataram a Área de Conhecimento proposta, Ciências Sociais Aplicadas, de forma direta, já que foi uma cobertura, no estilo *ao vivo*, de evento realizado sobre na Universidade Federal do

Espírito Santo. Quanto às abordagens, são realizadas de forma positiva, atual e ampla, buscando-se relacionar os assuntos ao dia-a-dia das pessoas.

Quadro 9 – Análise descritiva da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *IV Semana de Ciência e Tecnologia*

TÍTULO: *IV SEMANA DE CIENCIA E TECNOLOGIA – PG 1 DA SÉRIE*

Veiculação: 30/10/2007 – 1ª temporada

Área Conhecimento Principal: *CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – 1.6*

DESCRIÇÃO DA EDIÇÃO

APRESENTADOR ABRE PROGRAMA NO ESTÚDIO, FUNDO CROMAQUI. SAÚDA TELESPECTADOR E DE FORMA DIRETA APRESENTA O TEMA DESTACANDO O CRESCIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DE FACULDADES PRIVADAS NA SEMANA NACIONAL E ESTADUAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. ESSAS, “CADA VEZ MAIS INVESTEM EM ESTUDOS E PESQUISAS QUE DÃO RETORNO DIRETO ÀS COMUNIDADES ONDE ESTÃO INSERIDAS”. APRESENTADOR RESSALTA AINDA QUE NA EDIÇÃO O TELESPECTADOR VAI TER A OPORTUNIDADE DE “VER O SHOW QUE ELAS DERAM NA SEMANA”. CHAMA CIÊNCIA EM AÇÃO.

A ABERTURA DO QUADRO DE REPORTAGEM SE DÁ COM UM “SOBE SOM”, COM IMAGENS DA SOLENIDADE DE ABERTURA DA SEXTA JORNADA CIENTÍFICA DA FAESA (FACULDADE PARTICULAR DE VITÓRIA), NO BAIRRO DE SÃO PEDRO, EM VITÓRIA, COM PARTICIPAÇÃO DE ORQUESTRA DE CÂMARA DA FACULDADE DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO E PRESENÇA DE AUTORIDADES, ENTRE ELAS O SECRETÁRIO DE ESTADO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, E GESTORES DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO E PESQUISA. EM OFF, A REPÓRTER REFORÇA A PARTICIPAÇÃO DAS FACULDADES PRIVADAS NA SEMANA C&T E REALIZA ENTREVISTA COM A COORDENADORA DA JORNADA CIENTÍFICA DA FAESA, QUE FALA DA PROGRAMAÇÃO, DO TEMA CONSUMO CONSCIENTE E IMPORTÂNCIA DAS PESQUISAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO. ATO SEGUINTE, UMA VINHETA ESPECIALMENTE CRIADA PARA AS EDIÇÕES ESPECIAIS SOBRE A SEMANA DE C&T, FUNCIONANDO COMO “PASSAGEM” PARA A SEGUNDA PARTE DA REPORTAGEM DO PRIMEIRO BLOCO, QUE, AGORA, PASSA A REPORTAR O AMBIENTE DA MOSTRA CIENTÍFICA DA IV SEMANA C&T, NO GINÁSIO DA EMESCAM (FACULDADE PRIVADA DE VITÓRIA), NA AV. RETA DA PENHA. EM SEGUIDA, A REPÓRTER FAZ NOVA “PASSAGEM” AFIRMANDO QUE OUTRAS FACULDADES TAMBÉM PARTICIPARAM DO EVENTO E SEGUE ENTREVISTANDO EXPOSITORES NOS ESTANDES: FACULDADE BATISTA DE VITÓRIA, PROJETO DE CRIAÇÃO DE ÍNDICE DE PREÇOS DE MERCADORIAS EM SUPERMERCADOS DA GRANDE VITÓRIA; UNIVERSIDADE CENTRO LESTE, COM PROJETO DO BRAÇO MECÂNICO; FACULDADE DE ARACRUZ, COM PROJETO DE TRATAMENTO DE CHOURUME DE ATERROS SANITÁRIOS; FACULDADES SALESIANAS, EDUCAÇÃO PARA COMBATE À CONTAMINAÇÃO ALIMENTAR; CONTEC (ENSINO MÉDIO), COM PROJETO DE REAPROVEITAMENTO DO ESGOTO DOMICILIAR E GERAÇÃO DE ENERGIA LIMPA.

SEGUE-SE UM NOVO “SOBE SOM” DE ENCERRAMENTO DA REPORTAGEM. DE VOLTA AO ESTÚDIO, LOCUTOR CHAMA INTERVALO.

O SEGUNDO BLOCO É ABERTO COM LOCUTOR EM ESTÚDIO, FUNDO CROMAQUI, QUE RECAPITULA O QUE FOI TRATADO NO PRIMEIRO BLOCO E CHAMA A SEGUNDA PARTE DA REPORTAGEM DO QUADRO CIÊNCIA EM AÇÃO. NOVO “SOBE SOM”, COM TRILHA E IMAGENS DA ENTREGA DE HOMENAGENS. AGORA DO AUDITÓRIO DO IFES, EM JUCUTUQUARA, VITÓRIA, A REPÓTER FAZ NOVA “PASSAGEM” DE LOCALIZAÇÃO, ANÚNCIA HOMENAGEADO DA IV SEMANA DE C&T E INICIA ENTREVISTA BALANÇO COM SECRETÁRIO DE ESTADO DE CIENCIA E TECNOLOGIA, QUE FAZ BALANÇO EXTREMAMENTE POSITIVO DOS EVENTOS, RESSALTANDO QUE O ESPÍRITO SANTO FOI O QUARTO ESTADO COM MAIOR NÚMERO DE PARTICIPAÇÕES NA SEMANA NACIONAL DE C&T E DESTACA, AINDA, A PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS NAS ATIVIDADES. TERMINADA A ENTREVISTA, NOVO “SOBE SOM” COM TRILHA DO PROGRAMA E IMAGENS RETROSPECTIVAS DO EVENTO.

DE VOLTA AO ESTÚDIO, EM CROMAQUI, APRESENTADOR REAFIRMA QUE “O ESPÍRITO SANTO FOI O QUARTO ESTADO COM MAIOR NÚMERO DE ATIVIDADES INSCRITAS NA SEMANA NACIONAL DE C&T” E DESTACA, AINDA, O CRECIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DOS CAPIXABAS NO EVENTO, CHAMANDO O QUADRO RADAR CIENTÍFICO.

O QUADRO RADAR APRESENTA TRÊS NOTAS “EM CASCATA”: SOBRE O CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA EMESCAM (INTEGRANTE DA IV SEMANA DE C&T); NOTA SOBRE A V MOSTRA TECNOLÓGICA DO IFES/SERRA, (TAMBÉM INTEGRANTE DA SEMANA C&T) E; SOBRE O NÚMERO DE INSCRITOS NO PROGAMA “NOSSABOLSA”, DA SECRETARIA DE ESTADO DA CIENCIA E TECNOLOGIA. POR FIM, LOCUTOR DESPEDE-SE OBJETIVAMENTE E CONVIDA TELESPECTADOR A PARTICIPAR ATRAVÉS DOS ENDEREÇOS DO PROGAMA NA INTERNET.

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 10 - Apontamentos da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *IV Semana de Ciência e Tecnologia*

TITULO/TEMA : IV SEMANA ESTADUAL E NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - (30/10/2007)	
AREA PRINCIPAL - 1.6	
OBJETIVIDADE	
DIRETA	APRESENTADOR, REPÓRTER E ENTREVISTADOS FALAM DIRETAMENTE DO EVENTO, TEMA DA EDIÇÃO.
INDIRETA	
POSITIVA	TODOS RESSALTAM ASPECTOS POSITIVOS DA PARTICIPAÇÃO DAS FACULDADES PARTICULARES NA SEMANA C&T.
CRITICA	
NEGATIVA	
TEMPORALIDADE	
RETROSPECTIVA	
ATUAL	A EDIÇÃO É UM REGISTRO DO EVENTO
PROSPECTIVA	APONTAM PERSPECTIVAS POSITIVAS PARA AMPLIAÇÃO DA GERAÇÃO DE PESQUISAS APLICADAS NAS FACULDADES PARTICULARES.
AMPLITUDE	
AMPLA CONJUNTURAL	RELACIONA AS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS EXPOSTAS AO DIA-A-DIA DAS PESSOAS, COM O DESENVOLVIMENTO LOCAL, NACIONAL E MUNDIAL
RESTRITA PARTICULAR	TRATA DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS EXPOSTAS SEM CONTRAPONTO SÓCIO, ECONÓMICO, CULTURAL E AMBIENTAL.
Fonte: Elaborado pelo autor	

4.5.5 Considerações parciais da edição

Da análise descritiva e dos apontamentos registrados no quadro, sob os critérios de objetividade, temporalidade e amplitude, podemos inferir que os realizadores do programa *TV é CIENCIA* trataram a Área de Conhecimento proposta, Ciências Sociais Aplicadas, de forma direta, já que foi uma cobertura, jornalística da *IV Semana Estadual e Nacional de Ciência e Tecnologia*. Quanto

às abordagens, são realizadas de forma positiva, atual e ampla, buscando-se relacionar os assuntos ao dia-a-dia das pessoas.

Quadro 11 – Análise descritiva da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *Desafios do Ensino Técnico Profissionalizante*

TÍTULO: ENSINO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE

Veiculação: 4ª temporada – 02/08/2011

Área Conhecimento Principal: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – 1.6

DESCRIÇÃO DA EDIÇÃO

VINHETA DE ABERTURA. APRESENTADOR ABRE PROGRAMA NO ESTÚDIO, FUNDO CROMAQUI E IMAGENS DA REPORTAGEM DO DIA. SAÚDA TELESPECTADOR E DE FORMA DIRETA INTRODUZ O TEMA DA EDIÇÃO CONTEXTUALIZANDO O ASSUNTO “O ESPÍRITO SANTO PASSA POR UM MOMENTO MUITO PARTICULAR DE SEU DESENVOLVIMENTO. AMPLIAÇÃO DAS GRANDES PLANTAS INDUSTRIAIS, EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO E GÁS, A CRIAÇÃO DE NOVOS PÓLOS INDUSTRIAIS NO INTERIOR DO ESTADO E O DESENVOLVIMENTO DE NOVAS TECNOLOGIAS NO AGRONEGÓCIO COMPÕEM CENÁRIO DE GRANDE DEMANDA POR PROFISSIONAIS QUALIFICADOS”. APRESENTADOR DEFENDE QUE O CENÁRIO É UM GRANDE DESAFIO A GESTORES E EDUCADORES E ENCAMINHA PERGUNTA DA ENQUETE: “O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVE SER FEITO PARA QUE TODOS OS CAPIXABAS POSSAM USUFRUIR DO CRESCIMENTO ECONÔMICO DO ESTADO?”. NA RUA, POPULARES RESSALTAM POLÍTICAS DE SEGURANÇA, EDUCAÇÃO E MAIS ESCOLAS, INFORMAÇÕES E DIVULGAÇÃO DAS OPORTUNIDADES DE QUALIFICAÇÃO. DE VOLTA AO ESTÚDIO, LOCUTOR AFIRMA QUE “NO TV é CIENCIA DE HOJE NÓS FOMOS EM BUSCA DE RESPOSTAS PARA OS DESAFIOS”. ATO SEGUINTE, CHAMA REPORTAGEM QUADRO CIÊNCIA EM AÇÃO.

UMA VINHETA PRÓPRIA ABRE O QUADRO, SEGUIDA DE VINHETA (DESCE SOM) PARA A MATÉRIA DO DIA. EM OFF, A REPÓRTER REFORÇA A IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO: “QUALIFICAÇÃO É A ALTERNATIVA PARA DISPUTA DE VAGAS DE EMPREGOS”. E, INICIA ENTREVISTA COM O SECRETÁRIO DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, ENSINO PROFISSIONALIZANTE E EMPREGO, JADIR PELA, QUE CONTEXTUALIZA O MOMENTO ECONÔMICO DO ESTADO E INFORMA SOBRE AS PRINCIPAIS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO PROFISIONAL DESENVOLVIDAS PELA PASTA. A ENTREVISTA É GRAVADA NO GABINETE DO SECRETÁRIO E A MATÉRIA É COBERTA COM IMAGENS DE ALUNOS EM SALAS DE AULAS E LABORATÓRIOS.

UMA NOVA VINHETA SERVE DE PASSAGEM PARA NOVA ENTREVISTA. DESTA VEZ, COM REPRESENTANTE DO SENAI/ES. ELA APRESENTA O ÓRGÃO, PEQUENO HISTÓRICO E SERVIÇOS E OPORTUNIDADES. A ENTREVISTA É GRAVADA NO GABINETE DA GERENTE DE EDUCAÇÃO E COBERTA COM IMAGENS DE ALUNOS EM SALAS DE AULAS E LABORATÓRIOS. NOVA VINHETA DE PASSAGEM E OFF DE

ENCERRAMENTO DA PRIMEIRA PARTE DA REPORTAGEM DO DIA. DE VOLTA AO ESTÚDIO, APRESENTADOR ENALTECE O TRABALHO DOS ÓRGÃOS E CHAMA INTERVALO.

O SEGUNDO BLOCO É ABERTO PELA VINHETA PRÓPRIA DO PROGRAMA E, EM SEGUIDA, DA GRAVAÇÃO DO ESTÚDIO, APRESENTADOR APARECE NO VÍDEO. RELEMBRA ASSUNTOS TRATADOS NO 1º BLOCO E CHAMA SEGUNDA PARTE DA REPORTAGEM. NOVA VINHETA, SEGUIDA DE OFF DA REPÓRTER SOBRE O IFES, PASSAGEM EM FRENTE À FACHADA DA INSTITUIÇÃO E ENTREVISTA COM PRÓ-REITOR, QUE APRESENTA O IFES, PEQUENO HISTÓRICO, SERVIÇOS, E AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA, ENALTECENDO A OPORTUNIDADE DA QUALIFICAÇÃO EM TODOS OS NÍVEIS DE EDUCAÇÃO. NOVA VINHETA DE PASSAGEM, OFF DA REPÓRTER E PASSAGEM GRAVADA EM FRENTE À FACHADA DO SEBRAE. AGORA, A ENTREVISTA É COM A REPRESENTANTE DO SEBRAE, GRAVADA NO SEU GABINETE, COBERTA POR IMAGENS DE ALUNOS EM SALAS DE AULAS E LABORATÓRIOS. A ENTREVISTA FALA DOS SERVIÇOS E VANTAGENS DA QUALIFICAÇÃO. NOVA VINHETA ENCERRA O QUADRO “CIÊNCIA EM AÇÃO”. DE VOLTA AO ESTÚDIO, LOCUTOR CHAMA DIRETAMENTE QUADRO RADAR CIENTÍFICO, QUE APRESENTA QUATRO NOTAS GRAVADAS EM ESTILO STAND UP, SOBRE: CONCURSO NO SENAI; CONGRESSO BRASILEIRO DE MELHORAMENTO DE PLANTAS, NO RIO DE JANEIRO; LANÇAMENTO DE LIVRO E; SOBRE LANÇAMENTO OFICIAL DA SEMANA ESTADUAL E NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA.

NO ENCERRAMENTO, LOCUTOR REFORÇA A IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL PARA A ECONOMIA E SOCIEDADE EM GERAL, DESPEDINDO-SE E CONVIDANDO O PÚBLICO A PARTICIPAR ATRAVÉS DE E-MAIL E TELEFONE.

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 12 - Apontamentos da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *Desafios do Ensino Técnico Profissionalizante*

TITULO/TEMA : DESAFIOS DO ENSINO TÉCNICO E PROFISSIONALIZANTE NO ESP. SANTO - (02/08/2011)	
AREA PRINCIPAL - 1.6	
OBJETIVIDADE	
DIRETA	A EDIÇÃO TRATA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO
INDIRETA	
POSITIVA	A EDIÇÃO DEMONSTRA VISÃO EXTREMAMENTE POSITIVA EM RELAÇÃO AO CRESCIMENTO DO ESTADO E DAS AÇÕES PÚBLICAS
CRITICA	BASICAMENTE NÃO HÁ CONTRAPONTO DE OPINIÕES E CONCEITOS
NEGATIVA	
TEMPORALIDADE	
RETROSPECTIVA	
ATUAL	A EDIÇÃO TRATA DO MOMENTO ATUAL DE SUPOSTO CRESCIMENTO ECONÔMICO DO ESTADO.
PROSPECTIVA	APRESENTA PERSPECTIVA POSITIVA DO CRESCIMENTO DO ESTADO.
AMPLITUDE	
AMPLA CONJUNTURAL	TRATA DO ASSUNTO NACIONALMENTE E O RELACIONA COM O DIA-A-DIA DAS PESSOAS.
RESTRITA PARTICULAR	EXEMPLIFICA ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DO INIT/UFES.
Fonte: Elaboração do próprio autor	

4.4.6 Considerações parciais da edição

Da análise descritiva e dos apontamentos registrados no quadro, sob os critérios de objetividade, temporalidade e amplitude, podemos inferir que os realizadores do programa *TV é CIENCIA* trataram a Área de Conhecimento proposta, Ciências Sociais Aplicadas, de forma direta, já que abordou políticas públicas de educação e formação profissional. Quanto às abordagens, são realizadas de forma extremamente positiva, inclusive com ausência de contraponto, atual e ampla, buscando-se relacionar os assuntos ao dia-a-dia das pessoas.

Quadro 13 – Análise descritiva da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *VIII SEMANA DE CIENCIA E TECNOLOGIA – PG 1*

TÍTULO: *VIII SEMANA DE CIENCIA E TECNOLOGIA – PG 1*

Veiculação: 01/11/2011 – 4ª temporada

Área Conhecimento Principal: *CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – 1.6*

DESCRIÇÃO DA EDIÇÃO

UM CLIPE, EM RÍTMO DE TRILHA DINÂMICA E IMAGENS E EFEITOS EM DIVERSOS QUADROS E COM PRESENÇAS DO GOVERNADOR E AUTORIDADES EM MEIO A VISITANTES E EXPOSITORES, ABRE A EDIÇÃO. EM SEGUIDA, ENTRA APRESENTADOR EM EXTERNA, GRAVADA NO CENTRO DE CONVEÇÕES DE VITÓRIA, NO FUNDO UM OUT DOOR PRENUNCIANDO O TEMA: OITAVA SEMANA DE CIENCIA E TECNOLOGIA – MUDANÇAS CLIMÁTICAS, DESASTRES NATURAIS E PREVENÇÃO DE RISCOS, COM SAUDAÇÃO E APRESENTAÇÃO DA “SUPER EDIÇÃO ESPECIAL”.

AINDA NO ESPAÇO EXTERNO DO EVENTO, EM ESTILO “**AO VIVO**”, O LOCUTOR CONVIDA PARA VISITAR A MOSTRA. JÁ NO AMBIENTE INTERNO DA MOSTRA, EM MEIO A VISITANTES E EXPOSITORES, LOCUTOR IFORMA QUE DURANTE A SEMANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA TAMBÉM ACONTECE A QUARTA INOVA FINDES, MOSTRA TECNOLÓGICA DO SISTEMA “S”, DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESP. SANTO, DESENVOLVIDA POR ALUNOS E PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO. ADENTRANDO O PIMEIRO ESTANDE, O LOCUTOR ENTREVISTA ALUNOS DO SENAI DE VLA VELHA COM O PROJETO “CASA CONCEITO SUSTENTÁVEL”. APÓS, ESTANDE DO SENAI DE SÃO MATEUS, ONDE ALUNO FALA SOBRE O PROJETO DA “TOMADA COM LIMITE PROGRAMADO DE CORRENTE”. O TERCEIRO ESTANDE É DO SENAI DE LNHARES, ONDE O ALUNO EXPOSITOR FAZ PEQUENA DEMONSTRAÇÃO DAS HABILIDADES DO MARCENEIRO E DO LABORATÓRIO DE MARCENARIA DA SUA ESCOLA. JÁ NO QUARTO ESTANDE, DO SENAI DA SERRA, O ALUNO DEMOSTRA O “QUADRO ESCOLAR DE

ALTURA AJUSTÁVEL” E SUAS APLICABILIDADES. O ÚLTIMO ESTANDE VISITADO PELO REPÓRTER/APRESENTADOR É O DO SENAI DE CACHOEIRO, ONDE ALUNO EXPOSITOR FALA DO EQUIPAMENTO DE “REAPROVEITAMENTO DE RESÍDUOS DO MÁRMORE”, EXALTANDO OS BENEFÍCIOS AO MEIO AMBIENTE. FINALIZANDO O PRIMEIRO BLOCO, ENTREVISTA COM ORGANIZADORES DA QUARTA MOSTRA INOVA FINDES, QUE EXALTAM AS POTENCIALIDADES DE GERAÇÃO DE EMPREGOS QUALIFICADOS E RENDA AOS EMPREENDEDORES GERADOS PELA INOVAÇÃO. “INOVAÇÃO É A SOLUÇÃO”, CONCORDAM REPÓRTER E ENTREVISTADOS. LOCUTOR CHAMA INTERVALO.

NA REABERTURA DO PROGRAMA, UM NOVO CLIPE DINÂMICO, AGORA COM IMAGENS DE VISITANTES E CORREDORES, ABRE O SEGUNDO BLOCO. APRESENTADOR/REPÓTER SURGE NO AMBIENTE INTERNO DO EVENTO EM ESTILO “AO VIVO”, LEMBRA O TEMA CENTRAL DA SEMANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA E APRESENTA OUTRO EVENTO INTERNO, O XV SALÃO DO INVENTOR. ATO SEGUINTE, DE ESTANDE EM ESTANDE, APRESENTADOR/REPORTER ENTREVISTA SEIS INVENTORES EXPOSITORES SOBRE OS INVENTOS: “SUPORTE PARA TALCO DE PÉS”; “REQUEIJÃO EM SACHÉ”; “FAIXA DE PEDESTRE MÓVEL”; “TRAVA ALINHADORA DE PORTAS” E; “DESCANSO AUTOMÁTICO DE MOTOCICLETA”; O DESTAQUE É PARA A APLICAÇÃO E BENEFÍCIOS DOS INVENTOS. EM SEGUIDA, O APRESENTADOR/REPORTER ENTREVISTA COORDENADOR DO SALÃO DO INVENTOR, QUE RESSALTA PARTICIPAÇÃO DE 20 ESTADOS BRASILEIROS E O OBJETIVO DO SALÃO QUE É DAR OPORTUNIDADE AOS INVETORES DE EXPOREM SEUS PRODUTOS. AINDA EM COMPANHIA DO COORDENADOR, EM ESTILO “AO VIVO”, O APRESENTADOR/REPORTER ENTREVISTA O AUTOR DO “SUPORTE PARA BOTIJA DE GÁS QUE AVISA QUANDO ESTÁ VAZIA” E AUTORA DO “TECLADO DE PIANO EM LINGUAGEM BRAILE”, RESSALTANDO APLICABILIDADE E BENEFÍCIOS DOS INVENTOS. FINALIZANDO O PROGRAMA, O APRESENTADOR/REPORTER ENTREVISTA NOVAMENTE COORDENADOR DO SALÃO DO INVENTOR, QUE ENPOLGADAMENTE RELATA SATISFAÇÃO EM REALIZAR O EVENTO E DEMONSTRAR SEUS BENEFÍCIOS À SOCIEDADE. POR FIM, APRESENTADOR/REPORTER SE DESPEDE CONVIDANDO TELESPECTADOR A PARTICIPAR ATRAVÉS DE ENDEREÇO ELETRÔNICO NA INTERNET.

Fonte: Elaborado pelo autor

TITULO/TEMA: VIII SEMANA ESTADUAL E NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - (01/11/2011)	
AREA PRINCIPAL - 1.6	
OBJETIVIDADE	
DIRETA	APRESENTADOR REPÓRTER E ENTREVISTADOS FALAM DIRETAMENTE DO EVENTO E TEMA PROPOSTO PELA SEMANA C&T.
INDIRETA	REMETE À NECESSIDADE DE INVESTIMENTOS NO PAÍS.
POSITIVA	TODOS RESSALTAM ASPECTOS POSITIVOS DA APLICAÇÃO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS EXPOSTAS SEM CONTRAPONTO.
CRITICA	
NEGATIVA	
TEMPORALIDADE	
RETROSPECTIVA	
ATUAL	A EDIÇÃO É UM REGISTRO EM ESTILO "AO VIVO" DO EVENTO.
PROSPECTIVA	APONTAM PERSPECTIVAS POSITIVAS DA GERAÇÃO E APLICAÇÃO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS EXPOSTAS.
AMPLITUDE	
AMPLA CONJUNTURAL	RELACIONA O TEMA PROPOSTO PELA SEMANA DE C&T AO DIA-A-DIA DAS PESSOAS, COM O DESENVOLVIMENTO LOCAL, NACIONAL E MUNDIAL.
RESTRITA PARTICULAR	TRATA DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS EXPOSTAS SEM CONTRAPONTO SÓCIO, ECONÔMICO, CULTURAL E AMBIENTAL.
Fonte: Elaboração do próprio autor	

4.4.7 considerações parciais da edição

Da análise descritiva e dos apontamentos registrados no quadro, sob os critérios de objetividade, temporalidade e amplitude, podemos inferir que os realizadores do programa *TV é CIÊNCIA* trataram a Área de Conhecimento proposta, Ciências Sociais Aplicadas, de forma direta, já que foi uma cobertura, jornalística, no estilo *ao vivo*, da *VIII Semana Estadual e Nacional de Ciência e Tecnologia*. Quanto às abordagens, são realizadas de forma extremamente positivas, inclusive com ausência de contraposições, atual e ampla, buscando-se relacionar os assuntos ao dia-a-dia das pessoas.

Quadro 15 – Análise descritiva da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *Desenvolvimento do Espírito Santo e seus Efeitos Colaterais*

TÍTULO: *DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO SANTO E SEUS EFEITOS COLATERAIS*

Veiculação: – 4ª temporada

Área Conhecimento Principal: *HUMANAS – 1.7*

DESCRIÇÃO DA EDIÇÃO

VINHETA TRADICIONAL ABRE O PROGRAMA. EM SEGUIDA, APRESENTADOR NO ESTÚDIO, FUNDO CROMAQUI, SAÚDA TELESPECTADOR E DE FORMA DIRETA INTRODUZ O TEMA DA EDIÇÃO, CONTEXTUALIZANDO: “AS DISCUSSÕES SOBRE SUSTENTABILIDADE NO ESPÍRITO SANTO TÊM AUMENTADO CADA VEZ MAIS, PRINCIPALMENTE AGORA QUE VIVEMOS UMA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITALISMO E DO ESGOTAMENTO DOS RECURSOS NATURAIS. O ESPÍRITO SANTO VIVE ESSE MOMENTO... E COM ESSA PREOCUPAÇÃO QUE ALUNOS E PROFESSORES DA EMPRESA JUNIOR DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO, ECONOMIA E CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UFES – CONSULTORA JUNIOR ASSOCIADOS (CJA) REALIZARAM O SIMPÓSIO ‘DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO SANTO E SEUS EFEITOS COLATERAIS’, REALIZADO NO AUDITORIO DO CCJE, DA UFES”. ATO SEGUINTE, ELE CHAMA REPORTAGEM QUADRO CIÊNCIA EM AÇÃO.

A VINHETA PRÓPRIA, ABRE O QUADRO, SEGUIDA DE OUTRA VINHETA PRÓPRIA PARA A EDIÇÃO E OFF DO REPÓRTER (QUE NESSA EDIÇÃO É O PRÓPRIO APRESENTADOR), QUE INICIA ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA CJA. O QUE É A ENTIDADE, COMO SE ORGANIZA, QUAIS SERVIÇOS PRESTADOS, A QUEM E COMO INTERESSADOS DEVEM PROCURAR A CJA SÃO OS ASSUNTOS ABORDADOS. A ENTREVISTA É GRAVADA NA SEDE DA CJA, COBERTAS COM IMAGENS DO EVENTO E EFEITOS DE EDIÇÃO. EM SEGUIDA, NOVA VINHETA DE PASSAGEM E OFF DO REPÓRTER QUE CHAMA ENTREVISTA COM COORDENADORA DO SIMPÓSIO. A ENTREVISTADA FALA DOS OBJETIVOS, DOS PARTICIPANTES E AVALIAÇÃO DO

CONCEITO E PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE. A ENTREVISTA TAMBÉM É FEITA NO AUDITÓRIO, COBERTA COM IMAGENS DO SIMPÓSIO. NOVA VINHETA DE PASSAGEM, SEGUIDA DE OFF DO REPÓRTER, QUE CHAMA A TERCEIRA ENTREVISTA, COM CONSULTOR DA FCAA/UFES, QUE FALA DA SUA PALESTRA SOBRE ECONOMIA DE BAIXO CARBONO (EBC). CONCEITO DE EBC, AVALIAÇÃO DO EFEITO DO CARBONO NO AQUECIMENTO GLOBAL, O MERCADO DE CRÉDITOS DE CARBONO, A DIFERENÇA DOS CONCEITOS DE CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO E A SITUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO SÃO OS ASSUNTOS TRATADOS NA ENTREVISTA, QUE É REALIZADA NO AUDITÓRIO E COBERTA COM IMAGENS DO SIMPÓSIO. NOVA VINHETA DE PASSAGEM E OFF DO REPÓRTER, QUE FAZ UMA LIGAÇÃO COM O SEGUNDO BLOCO: “NO SIMPÓSIO, OS PARTICIPANTES TAMBÉM TIVERAM A OPORTUNIDADE DE APRENDER COMO FAZER PROJETO SUSTENTÁVEIS. MAS, ISSO FICA PARA O PRÓXIMO BLOCO”. DE VOLTA AO ESTÚDIO, APRESENTADOR ENCERRA O PRIMEIRO BLOCO, CONVIDANDO AUDIÊNCIA PARA O SEGUNDO: “É SÓ UM INSTANTE”.

A ABERTURA DO SEGUNDO BLOCO É COM VINHETA TRADICIONAL, SEGUIDA DO LOCUTOR, NO ESTÚDIO, QUE RELEMBRA O TEMA E CHAMA SEGUNDA PARTE DO QUADRO CIÊNCIA EM AÇÃO. AGORA, VINHETA DO QUADRO É SEGUIDA DA VINHETA PRÓPRIA PARA A EDIÇÃO. EM, OFF, REPÓRTER CHAMA ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DO INSTITUTO BRASILEIRO DE EMPRESÁRIOS DE FINANÇAS (IBEF), QUE FALA DO CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE, DOS DESAFIOS AO SETOR PRODUTIVO E AVALIAÇÃO DA CONSCIENTIZAÇÃO EMPRESARIAL. NOVA VINHETA DE PASSAGEM, SEGUIDA DE OFF DO REPÓRTER, QUE CHAMA ENTREVISTA COM DIRETOR DA FUCAPE (FACULDADE PARTICULAR EM VITÓRIA), QUE FALA SOBRE O ÍNDICE EMPRESARIAL DE SUSTABILIDADE DA BOVESPA (ISE/BOVESPA), CONCEITO DE SUSTENABILIDADE, CONSCIÊNCIA EMPRESARIAL E AVALIAÇÃO DA DISTÂNCIA ENTRE SETOR ACADÊMICO E SETOR PRODUTIVO. O ENTREVISTADO DEFENDE TRABALHO DA PRÓPRIA INSTITUIÇÃO (FUCAPE). AGORA, UMA PASSAGEM DO REPÓRTER, DO AUDITÓRIO, CHAMA PRÓXIMA ENTREVISTA, QUE É SOBRE O WORKSHOP “COMO ELABORAR PROJETOS DE SUSTENTABILIDADE”, COM REPRESENTANTE DA FINDES (FED. INDÚSTRIAS DO ESP. SANTO). NOVO OFF DO REPÓRTER FECHA O QUADRO CIÊNCIA EM AÇÃO: “O SIMPÓSIO FOI UMA BELA CONTRIBUIÇÃO DA CJA/CCJE/UFES. MOSTRA QUE A JUVENTUDE ESTÁ PREOCUPADA COM O FUTURO DO ESPÍRITO SANTO”. A VINHETA PRÓPRIA ENCERRA O QUADRO. DO ESTÚDIO, APRESENTADOR FAZ O TRADICIONAL ENCERRAMENTO, CONVIDANDO AUDIÊNCIA A PARTICIPAR DO PROGRAMA. NÃO HÁ QUADRO “RADAR”.

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 16 - Apontamentos da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *Desenvolvimento do Espírito Santo e seus Efeitos Colaterais*

TITULO/TEMA : DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO SANTO E SEUS EFEITOS COLATERAIS - (25/10/2011)	
AREA PRINCIPAL - 1.7	
OBJETIVIDADE	
DIRETA	LOCUTOR, REPÓRTER E ENTREVISTADOS FALAM DIRETAMENTE DO TEMA RELACIONANDO-O AO DIA-A-DIA DAS PESSOAS: GEOGRAFIA – REGIONALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO REGIONAL; CIÊNCIAS POLÍTICAS – POLÍTICAS PÚBLICAS.
INDIRETA	
POSITIVA	ASSUMIDAMENTE, OS DISCURSOS FALAM DA IMPORTÂNCIA DA SUSTENTABILIDADE, SEM HAVER CONTRAPONTO. - RESSALTAM OPORTUNIDADES PARA O ESTADO E; - RESSALTAM CONTRIBUIÇÕES DA CJA E PALESTRANTES.
CRITICA	A CRÍTICA É FEITA AO MODELO DE DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA (ESTÚDIO)
NEGATIVA	
TEMPORALIDADE	
RETROSPECTIVA	
ATUAL	A EDIÇÃO É UMA COBERTURA DO SIMPÓSIO DE MESMO NOME. - SITUA O ESPÍRITO SANTO NO CONTEXTO ATUAL, EM RELAÇÃO AO PAÍS E MUNDO.
PROSPECTIVA	TRAÇA PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO/ CRESCIMENTO AOS CAPIXABAS
AMPLITUDE	
AMPLA CONJUNTURAL	FAZ RELAÇÃO ENTRE ESP SANTO, PAÍS E MUNDO. - FAZ RELAÇÃO ENTRE A CIÊNCIA E OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO. - RELACIONA APLICAÇÕES NA SOCIEDADE E ECONOMIA GLOBALIZADA.
RESTRITA PARTICULAR	AUSÊNCIA DE CONTRAPONTO À VISÃO APRESENTADA SOBRE SUSTENTABILIDADE E AÇÕES DAS INSTITUIÇÕES PALESTRANTES. - APRESENTA DISCUSSÃO LOCAL DE VITÓRIA E ESPÍRITO SANTO
Fonte: Elaboração do próprio autor	

4.4.8 Considerações parciais da edição

Da análise descritiva e dos apontamentos registrados no quadro, sob os critérios de objetividade, temporalidade e amplitude, podemos inferir que os realizadores do programa *TV é CIÊNCIA* trataram a Área de Conhecimento proposta, Ciências Humanas, de forma direta quando aborda: na área de Geografia, a regionalização e análise regional do desenvolvimento do Espírito Santo e; na área de ciências políticas, as políticas públicas de desenvolvimento no Espírito Santo. A edição também foi uma cobertura de evento com mesmo nome. Quanto às abordagens, são realizadas de forma extremamente positivas, inclusive com ausência de contraposições; atual e; ampla, buscando-se relacionar os assuntos ao dia-a-dia das pessoas.

Quadro 17 – Análise descritiva da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *Desenvolvimento de Software*

TÍTULO: *DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE*

Veiculação: 17/07/2007 – 1ª temporada

Área Conhecimento Principal: *CIÊNCIAS ECONÔMICAS e JURÍDICAS – 1.9*

DESCRIÇÃO DA EDIÇÃO

APRESENTADOR ABRE PROGRAMA NO ESTÚDIO, FUNDO CROMAQUI. SAÚDA TELESPECTADOR E DE FORMA DIRETA INTRODUZ O TEMA DA EDIÇÃO DESPERTANDO A ATENÇÃO PARA A PRESENÇA DOS COMPUTADORES E DA INFORMÁTICA NOS DIA-A-DIA DAS PESSOAS E NA ECONOMIA. “ESTAMOS VIVENDO AS SOCIEDADES DAS COMUNICAÇÕES”. EM SEGUIDA DIRIGE PERGUNTA A POPULARES: “- VOCE PODERIA ME DIZER QUAL A IMPORTÂNCIA DA COMPUTAÇÃO PARA O DIA-A-DIA DAS PESSOAS?”. POPULARES RESSALTAM A PRESENÇA E IMPORTÂNCIA DOS COMPUTADORES PARA A COMUNICAÇÃO ENTRE AS PESSOAS E PARA ECONOMIA NACIONAL NO ENFRENTAMENTO À CONCORRÊNCIA GLOBALIZADA. DE VOLTA AO ESTÚDIO, LOCUTOR AFIRMA QUE - “QUASE NINGUÉM PERCEBE O QUANTO DE CONHECIMENTO ESTÁ POR TRAS DE TANTOS EQUIPAMENTOS E SEVIÇOS DE TICS”. ATO SEGUINTE, CHAMA REPORTAGEM QUADRO CIÊNCIA EM AÇÃO.

NO QUADRO, EM OFF, A REPÓRTER REFORÇA A IMPORTÂNCIA DAS TICs E INICIA ENTEVISTA COM REPRESENTANTE DO SEBRAE LOCAL. A ENTREVISTA VERSA SOBRE O PÓLO DE SOFTWARE DO ESP SANTO, SEM MAIORES CRÍTICAS DA REALIDADE E ORIGEM DOS INVESTIMENTOS. A ENTREVISTA FAZ ANÁLISE DO MERCADO

GLOBALIZADO E POTENCIALIDADES AOS CAPIXABAS, DESTACANDO QUE EMPRESAS DE DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARES PODEM ESTAR EM QUALQUER PARTE DO MUNDO, HOJE GLOBALIZADO. POR FIM, DÁ DICA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E COMO PARTICIPAR DO PÓLO CAPIXABA. AINDA EM CAMPO, A REPÓRTER AGORA ESTÁ NA UFES E, EM ENTREVISTA A PROFESSOR, TRATA DA ANÁLISE, POTENCIALIDADES E CARÊNCIAS DO SETOR DE TICs NO ESP. SANTO E PAÍS. “NO BRASIL, TEM QUE TER MAIS PRÁTICA DE QUALIDADE”, AFIRMA ENTREVISTADO. TAMBÉM FALAM DAS FUNÇÕES DA ACADEMIA QUE É DE PROVER MÉTODOS, PROCESSOS E FERRAMENTAS AO MERCADO, FORMAR RECURSOS HUMANOS, INCLUSIVE PÓS-GRADUAÇÃO, COM ENFOQUE PRÁTICO (EM ATENDIMENTO AO MERCADO). REPÓRTER ENCERRA QUADRO EM OFF: “AS PESQUISAS SÃO IMPORTANTES”.

DE VOLTA AO ESTÚDIO, NO ENCERRAMENTO DO PRIMEIRO BLOCO, LOCUTOR REAFIRMA: “MUITO IMPORTANTE O TRABALHO DE DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE AQUI MESMO NO ESP. SANTO”.

NA ABERTURA DO SEGUNDO BLOCO, LOCUTOR FAZ BREVE RETROSPECTO DO BLOCO ANTERIOR E CHAMA PARA ENTREVISTA COM CONVIDADO, EM ESTÚDIO. SENTADOS EM POLTRONAS EM 90 GRAUS, COM PEQUENA MESA DE VIDRO AO CENTRO, APRESENTADOR/ENTREVISTADOR E ENTREVISTADO, SUPERINTENDENTE DA TEC VITÓRIA, SE SAUDAM E PASSAM A ESCLARECER O QUE É A ONG TEC VITÓRIA E SUAS FINALIDADES: DAR SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL; ASSESSORAR EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICAS, FORMADAS A PARTIR DE PESQUISAS ACADÊMICAS. CONCEITUAM HARDWARE E SOFTWARE, CONJUNTURAM SOBRE A PRESENÇA DA TIC NA VIDA DAS PESSOAS E ECONOMIA, AS POSSIBILIDADES DOS SOFTWARE LIVRES E LICENCIADOS, SOBRE SITES DE RELACIONAMENTOS E REALIZAM AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DO ESP. SANTO: “ESTADO QUE TEM GRANDES PLANTAS INDUSTRIAIS EM SEU TERRITÓRIO E QUE DEMANDAM SERVIÇOS DE TICs COM PADRÕES GLOBAIS”. POR FIM, A DICA PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO. AQUI, ENTREVISTADO EXALTA IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO PARA O MERCADO GLOBALIZADO.

EM SEGUIDA, LOCUTOR CHAMA DIRETAMENTE QUADRO RADAR CIENTÍFICO, QUE APRESENTA QUATRO NOTAS EM CASCATA: SOBRE EDITAL DE FINANCIAMENTO DE PESQUISAS DA FAPES; SOBRE FEIRA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MUNICÍPIO DE CASTELO E SOBRE TEMA CENTRAL DA XVIII FEIRA DO VERDE DE VITÓRIA – CONSUMO CONSCIENTE.

NO ENCERRAMENTO, LOCUTOR REFORÇA A IMPORTÂNCIA DA CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE PARA O DIA-A-DIA DAS PESSOAS, ECONOMIA E SOCIEDADE EM GERAL, DESPEDINDO-SE E CONVIDANDO O PÚBLICO A PARTICIPAR ATRAVÉS DE E-MAIL E TELEFONE.

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 18 - Apontamentos da edição do programa *TV é CIÊNCIA* intitulada *Desenvolvimento de Software*

TITULO/TEMA: DESENVOLVIMENTO SOFTWARE - (17/07/2007)	
AREA PRINCIPAL - 1.9	
OBJETIVIDADE	
DIRETA	LOCUTOR, REPÓRTER E ENTREVISTADOS FALAM DIRETAMENTE DO TEMA RELACIONANDO-O AO DIA-A-DIA DAS PESSOAS, ECONOMIA INTERNACIONAL E FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS.
INDIRETA	OS DISCURSOS DEMONSTRAM O IMPERATIVO DA CAPACITAÇÃO PARA ENFRENTAMENTO DA CONCORRÊNCIA GLOBAL.
POSITIVA	ASSUMIDAMENTE, OS DISCURSOS FALAM DA IMPORTÂNCIA DA CIÊNCIA E DA CAPACITAÇÃO, SEM HAVER CONTRAPONTO SOBRE ECONOMIA INTERNACIONAL E AUTOMAÇÃO. RESSALTAM OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS. RESSALTAM CONTRIBUIÇÕES DO SEBRAE, UFES E TEC VITÓRIA, SEM COTRAPONTO.
CRITICA	
NEGATIVA	
TEMPORALIDADE	
RETROSPECTIVA	
ATUAL	SITUA O ESPÍRITO SANTO NO CONTEXTO ATUAL, EM RELAÇÃO AO PAÍS E MUNDO.
PROSPECTIVA	TRAÇA PERSEPECTIVA DE GERAÇÃO DE EMPREGOS E RENDA AOS CAPIXABAS.
AMPLITUDE	
AMPLA CONJUNTURAL	FAZ RELAÇÃO ENTRE ESP SANTO, PAÍS E MUNDO. FAZ RELAÇÃO ENTRE A CIÊNCIA E OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO. RELACIONA APLICAÇÕES NA SOCIEDADE E ECONOMIA GLOBALIZADA.
RESTRITA PARTICULAR	AUSÊNCIA DE COTRAPONTO À VISÃO APRESENTADA SOBRE ECONOMIA INTERNACIONAL E AUTOMAÇÃO.

	APRESENTA DISCUSSÃO LOCAL DE VITÓRIA E ESPÍRITO SANTO
Fonte: Elaboração do próprio autor	

4.4.9 Considerações parciais da edição

Da análise descritiva e dos apontamentos registrados no quadro, sob os critérios de objetividade, temporalidade e amplitude, podemos inferir que os realizadores do programa *TV é CIENCIA* trataram a Área de Conhecimento proposta, *Ciências Econômicas e Jurídicas*, de forma direta. Quanto às abordagens, são realizadas de forma positiva, atual e ampla, buscando-se relacionar os assuntos ao dia-a-dia das pessoas.

4.6 ANÁLISE QUANTO AO GÊNERO E FORMATO DO TV é CIENCIA

A partir dos apontamentos e análise descritiva das edições do programa *TV é CIÊNCIA* que compuseram a nossa amostra, passamos a uma abordagem teórica acerca de gêneros e formatos de produtos televisivos, em busca de uma classificação do nosso foco de investigações: o próprio programa *TV é CIÊNCIA*.

4.5.1 Abordagem teórica

Refletir sobre uma possível identidade do programa *TV é CIENCIA*, sua categorização a luz da teoria existente sobre gênero e formatos, representa uma significativa oportunidade de entender seus compromissos e suas promessas, tanto aos produtores de conhecimento, como suas principais fontes, quanto ao público telespectador, a quem se dirige.

Por outro lado, uma abordagem sobre gêneros e formatos propicia uma leitura de suas linguagens e modos de produção, servindo de base para uma ação mais objetiva de seus autores, bem como parceiros e financiadores; além da

possibilidade de preencher lacunas existentes na formação e aperfeiçoamento de estudantes, pesquisadores e profissionais.

Assim, lembramos que o estudo sobre gêneros é antigo. Já na Grécia, Platão propunha uma classificação entre: sério, formado pela epopéia e tragédia e; burlesco, constituído pela comédia e sátira. Já a categorização das coisas pode ser considerada como o princípio da lógica de Aristóteles.

Hoje, estudiosos da comunicação audiovisual, como Roland Barthes, citado por Duarte e Castro (2007, p.7) chamam atenção para a importância do gênero como “Guia de leitura e de controle de sentidos”. Foucault, citado por Aronchi (2004, p.42), por outro lado, fornece importantes reflexões sobre o “Contexto social que influencia a ‘ordem’ que tentamos dar aos gêneros da televisão”. Também nessa linha, para Martin-Barbero, citado por Aronchi (2004, p. 44), os gêneros podem ser “Entendidos como estratégias de comunicabilidade, fatos culturais e modelos dinâmicos, articulados com as dimensões históricas de seu espaço de produção e apropriação”.

O jornalista Jorge Medina (2001, p. 46) faz referência ao pensador russo Mikhail Bakhtin, que afirma:

[...] o gênero é uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, certo modo de organizar ideias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras.

No texto adiante, ainda levaremos em consideração o que os semioticistas chamam de enunciados, que seriam como a partícula atômica constituinte de todo produto televisivo. Arlindo Machado defende que esses enunciados são “produzidos dentro de uma lógica de intencionalidades sob a égide de uma certa economia, com vistas a abarcar um certo campo de acontecimentos, atingir um certo segmento de telespectadores e assim por diante” (MACHADO; VÉLEZ, 2007, p. 4).

Com relação aos gêneros jornalísticos, e voltando a Jorge Medina (2001, p. 51), o autor afirma que:

A maioria dos jornais brasileiros divide os gêneros jornalísticos em quatro grandes grupos: informativo, com a preocupação de relatar os fatos de uma forma mais objetiva possível; interpretativo, que, além de informar, procura interpretar os fatos; opinativo, expressa um ponto de vista a respeito de um fato; entretenimento, que são informações que visam à distração dos leitores.

Medina ainda defende que são determinados pelo modo de produção dos meios de comunicação de massa e por manifestações culturais de cada sociedade onde as empresas jornalísticas estão inseridas. Precisam, portanto, ser estudados como fenômenos históricos.

Quanto ao conceito de formato, Elizabeth Duarte, citada por CASTRO & DUARTE, (2007, p.16), defende que:

É o processo pelo qual passa um produto televisual, desde sua concepção até sua realização. Trata-se do esquema que dá conta da estruturação de um programa, constituído pela indicação de uma sequência de atos que se organizam a partir de determinados conteúdos, com vistas a obter a representação de caráter unitário que caracteriza o programa televisual: cenários, lugares, linha temática, regras, protagonistas, modalidades de transmissão, finalidades e tom.

Por outro lado, Aronchi (2004, p. 46) conclui que formato:

É nomenclatura própria do meio [...], para identificar a forma e o tipo da produção de um gênero de programa de televisão. Formato está sempre associado a um gênero, assim como gênero está diretamente ligado à categoria.

Em seus estudos sobre gêneros e formatos na televisão brasileira, com base na grade de programação das sete maiores emissoras do país, Aronchi

identifica 31 formatos aplicados em 37 gêneros distribuídos em cinco categorias, conforme Quadro 19, a seguir:

Quadro 19 – Categorias e gêneros dos programas na TV Brasileira

CATEGORIA	GÊNERO
Entretenimento	Auditório, colunismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filme, game show (competição), humorístico, infantil, interativo, musical, novela, quis show (perguntas e respostas), reality show (TV realidade), revista, série, série brasileira, sitcom (comédia de situação), talk show, teledramaturgia (ficção), variedades, western (faroeste).
Informação	Debate, Documentário, entrevista, telejornal.
Educação	Educativo, instrutivo
Publicidade	Chamada, filme comercial, político, sorteio, telecompra.
Outros	Especial, eventos, religioso.

Fonte: Aronchi (2004, p. 92).

4.5.2 O lugar do TV é ciência

Tomando como principais fontes os Quadros das Análises Descritivas e os Quadros de Apontamentos, segundo os critérios de objetividade, temporalidade e amplitude, das edições do programa *TV é CIENCIA*, apresentadas no capítulo anterior, cuja amostra de estudos é constituída de nove edições do programa *TV é CIENCIA* com duração de 30 minutos, veiculadas na primeira e quarta temporadas, no período de 2007 a 2011, e utilizando-se da abordagem teórica sobre gêneros e formatos e a classificação proposta acima por Aronchi, facilmente podemos perceber evidências importantes que o programa guarda estreita afinidade com as visões gerais do autor, apresentadas em seus estudos sobre as categorias de Informação e Educação.

Um pouco mais de longe, algumas estratégias da categoria de entretenimento também são empregadas pelos seus realizadores, e ficam evidentes, principalmente quando emprestadas do gênero *Revista*, e especialmente quando são utilizados formatos com aspectos de “Infortenimento – a informação unida ao entretenimento” (ARONCHI, 2004, p. 130), observados principalmente nas edições, em estilo *ao vivo*, das coberturas de eventos, como as *IV e VIII Semanas Estaduais e Nacionais de Ciência e Tecnologia* (veiculadas em 30/10/2007 e 01/11/2011) e *XXI Feira do Verde de Vitória* (veiculada em 23/11/2010).

Vinhetas dinâmicas, enquetes, curiosidades, dicas, abordagens positivas e exemplos de aplicações das pesquisas e projetos no cotidiano das pessoas, muitas vezes com ausência do princípio do jornalismo do contraditório, são também algumas das estratégias de entretenimento que podemos observar nas edições do programa *TV é CIÊNCIA* analisadas.

Voltando à categoria de Informação, da análise, percebemos facilmente a evidência de estratégias do programa *TV é CIENCIA* presentes no gênero Documentário, pois os temas abordados “Apresentam uma importância histórica, social, política, científica ou econômica e também aprofundam assuntos do cotidiano, vistos de uma perspectiva crítica” (ARONCHI, 2004, p.144).

Ainda com relação às características dos gêneros da categoria de Informação, encontramos em todas as edições analisadas do programa *TV é CIENCIA*, as Entrevistas. E, nas quatro edições analisadas da primeira temporada, o frente a frente, no estúdio, com o apresentador.

Do telejornal, outro gênero que integra a categoria de Informação, segundo Aronchi (2004, p.149), o programa *TV é CIENCIA* guarda semelhanças apenas quando se utiliza do apresentador para chamar reportagens e servir de

elemento de continuidade ao desenvolvimento das edições. Mas, as tradicionais bancadas presentes nas maiorias dos telejornais brasileiros não são utilizadas no programa. A função exercida pelo apresentador ora se confunde com de âncora, ora com de repórter *in loco*.

Por fim, dentre a classificação de categorias proposta por Aronchi (2004, p. 153), concluímos que o programa *TV é CIENCIA* se utiliza de linguagem e modos de produção que mais o aproxima do gênero de *Educação*. A começar pela escolha da emissora educativa do estado do Espírito Santo para sua veiculação. Em segundo lugar, pela rica dose de informação e conhecimento, como bem defende o autor. E, por fim, pelas possibilidades de “formação complementar, profissionalizante e técnico, entre outros” (ARONCHI, 2004, p. 154) percebidas nas abordagens de praticamente todas as nove edições analisadas.

Quanto aos formatos identificados por Aronchi (2004, p.170 - 177), percebemos que o programa *TV é CIÊNCIA* se utiliza de diversas estruturas, técnicas e modos de produção e veiculação. Mas, principalmente dos tipos:

- 1- *ao vivo* – das nove edições analisadas, cinco foram realizadas no formato ao vivo, do local do acontecimento para posterior veiculação: *XXI Feira do Verde de Vitória (23/11/2010)*; *Violência e Segurança Pública (29/05/2007)*; *IV Semana Nacional e Estadual de C&T (30/10/2007)*; *VIII Semana Nacional e Estadual de C&T (01/11/2011)* e; *Desenvolvimento do Espírito Santo e Seus Efeitos Colaterais (25/10/2011)*;
- 2- *depoimento* – neste formato, durante a reportagem o “entrevistado é enfocado em primeiro plano, olhando para a câmara ou para o entrevistador, que não aparece no vídeo”. (ARONCHI, 2004, p. 171).

Essa estrutura foi empregada em todas as reportagens do quadro *Ciência em Ação* das nove edições analisadas do Programa *TV é CIENCIA*. Encontramos também dois depoimentos, sobre o Seminário de Economia Solidária realizado na Universidade Federal Ufes, no quadro *Radar Científico* da edição veiculada em 23/11/2010 (*XXI Feira do Verde de Vitória*);

- 3- *entrevista* - é muito empregada no gênero telejornal, segundo Aronchi. Nas nove edições analisadas do Programa *TV é CIENCIA* também foram empregados esse formato e, nas quatro edições da primeira temporada, a entrevista foi realizada no estúdio, em ambiente de sala de estar, como poltronas e mesa de centro, aproximando ainda mais o Programa do gênero entrevista;
- 4- *Instrucional* – O Programa *TV é CIENCIA*, reiteradamente, orienta seu telespectador a adotar algum comportamento dito correto, como os casos do reaproveitamento de esgoto, água da chuva e garrafas Pet, na edição com título *XXI feira do Verde de Vitória* (23/11/2010). Já nas edições com títulos: *Inovação Tecnológica* (20/09/2011); *Desenvolvimento de Software* (17/07/2007) e; *Ensino Técnico e Profissionalizante* (12/08/2011) as reportagens dão instruções para formação e aperfeiçoamento profissional;
- 5- *narração em off* – foi estratégia utilizada tanto pelo apresentador como pela reportagem do quadro *Ciência em Ação* nas nove edições analisadas do Programa *TV é CIENCIA*. No quadro noticioso *Radar*

Científico, só não anotamos a narração em off na edição com título *VIII Semana Nacional e Estadual de C&T* (11/11/2011), por que não teve o quadro;

6- *noticiário* – é o formato adotado pelo Programa *TV é CIENCIA* no quadro *Radar Científico*;

7- *quadros* – o Programa adota essa estrutura para a reportagem central, intitulada *Ciência em Ação*, e no bloco noticioso intitulado *Radar Científico*;

8- *reportagens* – é o principal formato adotado pelos realizadores do Programa *TV é CIENCIA*, está presente nas nove edições analisadas;

9- *telejornal* – Para Aronchi, “os programas adquirem o formato de telejornal quando um apresentador chama reportagens ao vivo ou pré-gravadas e editadas e até faz entrevista em estúdio” (2004, p. 175). Da análise, podemos concluir que o Programa *TV é CIENCIA* se utiliza desse formato em todas as nove edições analisadas;

10- *vinheta* – o Programa *TV é CIENCIA* tem vinhetas próprias e foram utilizadas na abertura e fechamento dos blocos e quadros das nove edições analisadas;

11- *vídeo-clipe* – também foi empregado pelo Programa *TV é CIENCIA* nas nove edições analisadas, para “dar leveza e realçar aspectos importantes com uma letra de música que combine com os assuntos enfocados” (ARONCHI, 2004, p. 176).

Assim, concluímos que os realizadores do programa *TV é CIÊNCIA* articulam diversas estratégias de categorias, gêneros e formatos. Mas, principalmente das categorias de *Informação e Educação*. Arriscamos a dizer que um conceito mais apropriado para o programa *TV é CIENCIA* seja da subcategoria de Infoeducação, ou Eduinformação, que reúne as possibilidades da informação para contribuir no processo educacional de seus telespectadores.

Quanto ao gênero, ou mais precisamente gêneros adotados, o *Documentário* e a *Entrevista* são mais recorrentes. Com menos aspectos afins, o gênero Telejornal. A rica dose de informação e conhecimentos divulgados, características do gênero *Documentário*, e as possibilidades ofertadas de instrução, complementação educacional, profissionalizante e técnico, da categoria Educação, são evidências percebidas nas edições analisadas do programa *TV é CIENCIA*.

Quanto aos formatos empregados no modo de produção do programa *TV é CIENCIA*, são evidentes os aspectos de *ao vivo, depoimento, entrevista, instrucional, narração em off, noticiário, quadros, reportagens, telejornal, vinhetas e vídeo clipe*. O Quadro 20, a seguir, representa melhor o que afirmamos quando à classificação do programa *TV é CIENCIA*.

Quadro 20 – Categorias, subcategorias e gêneros do programa TV é Ciência

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	GÊNEROS	FORMATOS
Informação Educação Entretenimento	Infoeducação ou Eduinformação	Documentário Entrevista Telejornal	Ao vivo, Depoimento, Entrevista, Instrucional, Narração em off, Noticiário, Quadros, Reportagens, Telejornal, Vinhetas e Vídeo clipe

Fonte: Elaborado pelo autor

4.6 O MODO DE ENDEREÇAMENTO E O CONTEXTO COMUNICATIVO DO TV é CIENCIA - AINDA SOBRE GÊNEROS E FORMATOS

Até aqui, realizamos reflexões sobre o programa *TV é CIENCIA* na dimensão do seu modo de produção e sobre as abordagens dos conteúdos e temas sugeridos por seus realizadores em relação às grandes Áreas de Conhecimento, especialmente acadêmico. Agora, julgamos necessárias algumas considerações quanto à dimensão da situação discursiva, especialmente na inter-relação entre seus enunciadores e receptores, enquanto produto televisivo.

Aqui, a ótica do *Modo de Endereçamento*, e de seu operador de análise o *Contexto Comunicativo*, proposto pelo Grupo de Pesquisa e Análises de Telejornais (GPTJ), da Universidade Federal da Bahia, se apresenta como oportunidade segura para análise de como o programa *TV é CIENCIA* se relaciona com a audiência, levantando evidências claras das suas intencionalidades e promessas. Assim:

[...] o conceito de modo de endereçamento se refere ao modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica dos demais. O contexto comunicativo é um de seus operadores de análise adotados. O modo de se referir à audiência, a maneira como acentua ou enaltece a condição de chegar ao local do acontecimento, a construção de um lugar para o telespectador nas reportagens, o ritmo empreendido na apresentação das notícias. Essas são algumas pistas que nos dizem sobre a maneira pela qual cada telejornal configura seu contexto comunicativo. (GOMES; GOMES, 2007, p. 76).

Em *Pragmáticas na Comunicação*, Rodrigues, citado por GOMES; GOMES, (2007. p.76-77), afirma que o “Sentido adquirido por um enunciado se dá em

função das determinações das pessoas, dos lugares, dos momentos e das razões que levam a sua enunciação. Ou seja, o sentido depende do contexto comunicativo”.

Utilizando-se do *Modo de Endereçamento*, o GPTJ realizou, entre 2001 e 2006, análises de telejornais locais de Salvador, de programas esportivos, do *Jornal da MTV*, do programa de entrevistas *Roda Viva (TV Cultura/SP)*, do *Fantástico (Rede Globo)*, dos programas *Cidade Alerta*, *Linha Direta* e *Brasil Urgente*, entre outros. Dessa forma, o Grupo de estudiosos nos fornece um verdadeiro guia para análises das mais variadas situações discursivas.

No nosso caso, tomamos como principal referência as análises dos contextos comunicativos nos telejornais da *Rede Globo*, *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*, produzidas pelas pesquisadoras Itânia Maria Mota Gomes e Luana S. Gomes (GOMES; GOMES, 2007, p. 75-95). A opção pela análise de telejornais se justifica, primeiro por não termos encontrado ensaios semelhantes com programas voltados à comunicação ou jornalismo de ciência e, segundo, por que temos o objetivo de buscar evidências que demonstrem as intencionalidades e promessas do programa *TV é CIENCIA* e pontos de convergência e distanciamento da sua situação discursiva com a de outros programas, especialmente informativos e educativos. Assim, os trabalhos do GPTJ nos pareceram bastante seguros para os mais variados gêneros e formatos de produtos televisivos.

Na operação das análises dos Telejornais da Rede Globo, as pesquisadoras constataram:

[...] as diferentes situações discursivas apresentadas por diferentes telejornais de uma mesma emissora. A composição do cenário, a representação dos telespectadores nas matérias, a posição dos noticiários na grade de programação e seus horários de transmissão, o comportamento dos mediadores, a maneira dos mesmos se referirem à sua audiência, o modo como lidam com os princípios do jornalismo foram alguns aspectos que forneceram pistas sobre os variados contextos comunicativos construídos (GOMES; GOMES, 2007, p.93).

Assim, de acordo com as análises, o *Bom Dia Brasil* “Constrói um contexto comunicativo marcado pela conversa cotidiana [...] o telespectador é configurado como mais um a participar do bate-papo” (GOMES; GOMES, 2007, p. 92). Já o *Jornal Hoje*, “Configura um contexto comunicativo de descontração mais acentuada [...] a ênfase é claramente colocada no receptor, que deve obter do programa informações úteis para o seu cotidiano de cidadão/consumidor, através da abordagem mais emotiva (a humanização do relato é um recurso bastante frequente) e pedagógica (as matérias visam orientar o telespectador a agir no seu dia-a-dia)” (GOMES; GOMES, 2007, p. 92).

Ainda de acordo com as pesquisadoras:

O *Jornal Nacional* constrói, de fato, um ambiente mais clássico de jornalismo televisivo diário. O programa constrói um contexto de jornalismo diário, atual, claramente informativo e voltado para o que a emissora entende que seja o interesse público. O brasileiro médio, comum, que busca obter um panorama dos acontecimentos mais importantes do dia e uma visão de conjunto das questões que se referem à sociedade brasileira” (GOMES; GOMES, 2007, p. 92).

Por fim, com relação ao *Jornal da Globo*, as pesquisadoras concluem que “Posiciona-se como um programa que pretende oferecer uma avaliação dos acontecimentos mais importantes do dia. Aqui não se trata de oferecer as informações, o resumo dos fatos, mas avaliar suas implicações” (GOMES; GOMES, 2007, p. 93).

Com base nessas conclusões, o que podemos dizer do programa *TV é CIENCIA*? A primeira coisa a observar é que o programa *TV é CIENCIA* é veiculado por emissora pública educativa do estado do Espírito Santo, o que evidencia a estratégia da sua identificação com a força da imagem que a televisão educativa passa aos capixabas. Já a sua veiculação não é diária

como a dos Telejornais da Rede Globo. Ela acontece em horário nobre durante a semana (terça-feira, às 19h30m) e a reprise em horário alternativo nos finais de semana (domingo, às 14 horas), em sentido diagonal na grade de transmissão da emissora. Isso possibilita a ampliação da audiência como a possibilidade de ser assistido com mais aprofundamento numa segunda vez.

O título dado ao programa também é outra evidência das intencionalidades e promessas de seus realizadores. Ambíguo (a *TV Educativa do Espírito Santo* também é conhecida por TVE, o que sugere também o título *TVE Ciência*) e provocativo, é na verdade uma afirmativa: o veículo televisão, a TV, para além de entretenimento, é Ciência.

Com relação às nove edições do programa *TV é CIENCIA* que compõem a amostra de nossos estudos, sendo quatro edições da primeira temporada (2007/2008) e cinco da quarta temporada (2010/2011), observamos que mantém dois cenários básicos: um, quando a edição é conduzida, ou ancorada, pelo apresentador no estúdio (edições de 29/05, 12/06, 17/07 e 30/07 de 2007 e, de 02/08, 20/09 e 25/10 de 2011) e; outro, onde a edição é ancorada pelo apresentador direto, no formato *ao vivo*, do local do evento que está sendo coberto pela equipe do programa (23/11/2010 e 01/11/2011).

Em todas as edições analisadas, a abertura do programa é precedida de mensagem narrada em *off* sobre a classificação etária sugerida: “O programa a seguir é livre para todos os públicos¹³”. Isso não acontece com os telejornais da *Rede Globo* e antecipa aos telespectadores que a programação a seguir é para toda a família. Uma vinheta própria de 20 segundos de duração abre as edições do programa *TV é CIENCIA*. Ela demonstra agilidade e dinamismo na forma como interpõe imagens de ciências e tecnologia ao som dos arranjos eletrônicos da trilha dos músicos europeus do grupo *Daft Punk*, reconhecido pelas performances futuristas.

¹³ Narração em *off* padrão para todos os programas da TV Educativa do Espírito Santo

Na vinheta de abertura, sobre fundo eletrônico, imagens da estrutura do genoma humano, de equipamentos de robótica de pesquisadores e laboratórios, símbolos tradicionais das ciências e tecnologia, que se misturam a ícones da cultura do Espírito Santo, como a panela-de-barro, e de setores da produção científica desenvolvida no estado, como: fruticultura; petróleo e; café. A estratégia evidencia a intenção de mostrar a amplitude de ação das ciências, da cultura à alta tecnologia, quanto de aproximação da ciência e tecnologia desenvolvidas no Espírito Santo com a do restante do mundo. A vinheta é encerrada com o surgimento da imagem de uma televisão estilizada com a marca do programa *TV é CIENCIA*.

Em todas as edições, ancoradas no estúdio ou direto do local do acontecimento, após a vinheta de abertura, o apresentador surge na tela e faz uma saudação em tom bem coloquial: *Olá! O TV é CIENCIA já está no ar!* Ao contrário dos Telejornais da Rede Globo, não há *escalada* no programa *TV é CIENCIA*. Após a saudação inicial, o apresentador passa logo a transmitir informações, conceitos e opiniões, atuando também como editorialista, sobre o tema que será abordado na edição.

Seguindo classificação da *Abertura*, proposta por Sophie Malavoy, no Guia Prático de Divulgação Científica (2005, p. 19-27), no programa *TV é CIENCIA* são mais recorrentes as do tipo de *Abertura Contextual*, onde “Você insiste na importância do assunto tratado inserindo-o em seu contexto [...] tal abertura é ideal para ligar seu tema à atualidade” (MALAVOY, 2005, p. 21). Assim, o apresentador do programa *TV é CIÊNCIA* afirma: “Estamos vivendo as sociedades da comunicação” (Edição: *Desenvolvimento de Software*, veiculada em 17/07/2007); “O Brasil é um grande produtor do conhecimento no mundo, mas esse conhecimento não chega ao setor produtivo” (Edição: *Inovação Tecnológica*, veiculada em 20/09/2011); “O Espírito Santo passa por um momento muito particular de seu desenvolvimento: a ampliação das grandes plantas industriais, a exploração do petróleo e gás, a criação de novos pólos

industriais no interior do estado e; o desenvolvimento de novas tecnologias no setor de agronegócio, compõem cenário de grande demanda por profissionais qualificados” (Edição: *Educação Técnica e profissionalizante*, veiculada em 02/08/2011) e; “As discussões sobre sustentabilidade no Espírito Santo tem aumentado cada vez mais, principalmente agora que vivemos uma crise estrutural do capitalismo” (Edição: *O Desenvolvimento do Espírito Santo e seus efeitos colaterais*, veiculada em 25/10/2011) .

Ainda seguindo classificação de Malavoy, outros dois tipos de aberturas são constantemente presentes na abertura do Programa *TV é CIENCIA*, pelo seu apresentador: a *Abertura que Interpela o Leitor/telespectador*, onde “Você consegue levá-los a se questionar sobre o assunto tratado, intrigá-los, você irá entrar de fato no universo deles” (MALAVOY, 2005, p. 24) e; *Abertura Interrogativa*, quando “Você introduz seu assunto simplesmente como uma questão” (MALAVOY, 2005, p. 26).

Nas aberturas do programa *TV é CIENCIA*, as frases de impacto são recorrentes, como recomenda os principais manuais de divulgação científica, “Ao contrário dos livros de ficção (narrações policiais ou de mistério), que geralmente reservam o melhor da história para o fim, um texto de divulgação científica deve começar com um fato de impacto. O ideal é abri-lo com uma imagem forte” (VIEIRA, 1998, p. 15).

E, os assuntos são logo relacionados ao cotidiano das pessoas na abertura do programa *TV é CIÊNCIA*, por seu apresentador: “Até para sair de casa, olhamos para as condições do tempo para saber se devemos ou não usar guarda-chuvas” (Edição: *Meteorologia*, veiculada em 12/06/2007). As aberturas do programa *TV é CIENCIA*, além buscar garantir atualidade, também visam a aproximação do tema proposto (de ciência ou de tecnologia) com a audiência e o lugar da audiência no programa.

Logo após apresentação do tema central da edição, um novo espaço de representação da audiência é garantido em boa parte das edições analisadas, através da realização de enquetes, onde é estabelecido um diálogo do apresentador, no estúdio, com pessoas comuns, na rua. O tratamento sempre é na primeira pessoa, como fala o apresentador do programa *TV é CIÊNCIA*: “você saberia me dizer...?” (Edição: Meteorologia, veiculada em 12/06/2007); “você é solidário no trânsito?” (Edição: Violência e Segurança Pública, veiculada em 29/05/2007); “você poderia me dizer qual a importância da computação para o dia-a-dia das pessoas? (Edição: Desenvolvimento de Software, veiculada em 17/07/2007)”. A estratégia também confere aproximação da audiência com o tema, agilidade nas edições e familiaridade entre o programa e audiência.

Depois da enquete, o apresentador retorna aprofundando o assunto, ainda em plano americano ou close e sob um fundo eletrônico em tons verdes. Novamente as frases curtas e de impacto servem para prender a audiência. Em seguida, ele chama a reportagem do quadro *Ciência em Ação*, em sua maioria externa. Nas reportagens é que são desenvolvidos os temas principais e prevalecem as entrevistas com especialistas e pesquisadores, nos ambientes de trabalho, laboratórios, salas de aulas, auditórios; com gestores de instituições de Ciências; estudantes; divulgadores de ciências e; expositores.

Nas edições especiais, como as das coberturas da *XXI Feira do Verde de Vitória* (Edição veiculada em 23/11/2010) e da *VIII Semana Estadual e Nacional de C&T* (Edição veiculada em 01/11/2011), as reportagens têm ambientação natural e o apresentador assume o papel de repórter. A representação da audiência também está presente nas reportagens, principalmente quando a fonte entrevistada é um aluno, professor ou simples expositor nos eventos.

Depois da reportagem, o apresentador do programa *TV é CIÊNCIA* retorna para o encerramento do primeiro bloco, seguido da vinheta de encerramento, que é uma espécie de compacto da vinheta de abertura.

O segundo bloco do programa *TV é CIENCIA* tem estruturas diferentes entre a primeira e quarta a temporadas. Na primeira temporada, veiculada entre os anos de 2007 e 2008, o apresentador sempre reabre o programa no estúdio com fundo cromaqui, com breve relato do que foi discutido no primeiro bloco, como estratégia de continuidade do programa e, em seguida, chama a entrevista com convidado, especialista e/ou professor, gravada no estúdio. O cenário dessas entrevistas, na primeira temporada, reproduz o ambiente familiar da sala de estar. Duas poltronas de couro, de cor branca, com suportes metálicos, acomodam o apresentador/entrevistador e o entrevistado/especialista em ângulo de 90°.

Uma mesa de centro, de vidro, e uma espécie de tablado/praticável de madeira, onde estão sentados entrevistador e entrevistado, compõem o ambiente. O clima das entrevistas é de descontração, quase um bate-papo, e o tratamento, amistoso, sempre é na primeira pessoa e coloquial. Geralmente o entrevistador chama o entrevistado de você ou professor. A entrevista no estúdio também visam maior aprofundamento dos temas e a representação da audiência, num clima de familiaridade.

Na quarta temporada do programa *TV é CIÊNCIA*, veiculada entre os anos de 2010 e 2011, a entrevista no estúdio é substituída pela segunda parte da reportagem externa do quadro *Ciência em Ação*. Ela é realizada nos mesmos modelos da primeira parte. Encerrada a reportagem, o apresentador retorna para chamar o quadro informativo *Radar*, que por meio de notas ou depoimentos, trata de acontecimentos e oportunidades de qualificação profissional relacionados à ciência e à tecnologia.

Por fim, o encerramento da edição pelo apresentador do programa *TV é CIÊNCIA*. Aqui, são comuns os reforços dos conteúdos e das opiniões dos especialistas entrevistados e dos realizadores do programa *TV é CIENCIA* e o convite aos telespectadores para participarem do mundo do conhecimento, bem como do próprio programa, pelo seu apresentador: “Agora que você conhece melhor sobre meteorologia e sobre o trabalho dos pesquisadores capixabas, nós temos mais condições de valorizar essa importante área do conhecimento” (Edição: *Meteorologia*, veiculada em 12/06/2007). “Dê sua opinião e ajude a gente a escolher os próximos assuntos do ‘*TV é CIENCIA*’. Envie um e-mail para www.esfazciencia.com.br, ou, www.tveciencia.com.br. Você também pode assistir novamente esse programa. Basta acessar www.videoarte.com.br. Tudo de bom pra você e até o nosso próximo encontro”, bordão de despedida presente em todas as edições, pelo apresentador do programa *TV é CIÊNCIA*.

Vale ressaltar que apresentador e repórter não se comunicam diretamente. Ambos reforçam conteúdos, conceitos e opiniões enunciados por um e por outro. O tratamento dos temas também é sempre positivo e, quase sempre, há ausência do princípio jornalístico do contraditório. A ciência, as tecnologias, os pesquisadores e suas produções e os gestores públicos, especialmente do Espírito Santo, são sempre colocados como estando ao lado e a serviço do cidadão telespectador do programa *TV é CIÊNCIA*, como é recorrentemente dito pelo apresentador: “vamos conhecer inovações, novos conhecimentos e boas práticas para um mundo sustentável” (Edição: *XXI Feira do Verde de Vitória*, veiculada em 23/11/2010). “O Espírito Santo foi o quarto estado do País com maior número de atividades inscritas na Semana Nacional de C&T” (Edição: *IV Semana Estadual e Nacional de C&T*, veiculada em 30/10/2007).

Quanto aos figurinos do apresentador e repórteres, sempre transparecem descontração e familiaridade, sendo utilizadas roupas do cotidiano das pessoas comuns e, quase nunca, ternos. Os entrevistados também são retratados dessa forma. As exceções ficam por conta do uso de jalecos, quando

necessários em laboratórios, e nos eventos oficiais, quando gestores e autoridades dão depoimentos com trajes formais. A estratégia adotada evidencia a intenção de desconstrução do estereótipo de antissocial, quase que um indivíduo megalomaniaco, louco, que a mídia tradicional dá aos cientistas, além de possibilitar maior aproximação entre pesquisadores/cientistas e audiência, gerando identificação entre todos.

Por fim, da análise das edições do programa *TV é CIENCIA* em relação aos telejornais da *Rede Globo*, podemos concluir que, embora construam contextos comunicativos diferenciados, ficam evidentes intencionalidades convergentes. O clima de descontração e familiaridade, quase um bate-papo, construído pelo *Bom dia Brasil*; A ênfase no receptor, que deve obter do programa informações úteis para o seu cotidiano de cidadão/consumidor, através da abordagem mais emotiva e pedagógica, do *Jornal Hoje*; a atualidade e interesse público e a audiência do brasileiro médio que busca um panorama dos acontecimentos, uma visão de conjunto das questões que se referem à sociedade, construído pelo *Jornal Nacional* e as características de avaliação dos acontecimentos e implicações, construídas pelo *Jornal da Globo*, também são marcas do programa *TV é CIENCIA*.

Além disso, a equipe do programa *TV é CIÊNCIA* deve estar no local do acontecimento. E, de forma descontraída e coloquial seus enunciadores prometem informação útil, reflexão sobre atualidade, instruir sobre hábitos e oportunidades, além de revelar conceitos científicos e suas aplicações no cotidiano das pessoas, ressaltando, por diversas vezes, os benefícios das pesquisas e o papel dos pesquisadores na sociedade, como cidadãos comuns.

Finalizando, e reconhecendo as limitações das nossas análises e da “necessidade de realização de outros exercícios de análises, que se debrucem sobre outro corpus” (GOMES e GOMES, 2007, p. 92), bem como a análise de maior quantidade de edições do programa *TV é CIENCIA*, podemos concluir, por hora, que seus realizadores articulam diversos contextos comunicativos,

utilizando-se de técnicas e estratégias da divulgação científica e do jornalismo, como objetividade, atualidade, interesse público, para divulgar conceitos e a produção do conhecimento; os pesquisadores, seus ambientes de trabalho, atuação e suas pesquisas; acontecimentos e eventos relacionados à ciência e tecnologia, realizados principalmente no Espírito Santo; o trabalho e produção de alunos, professores, inventores e divulgadores de ciências de instituições localizadas especialmente no Espírito Santo.

A representação da audiência e a participação do telespectador também são constantemente construídas. E, podemos afirmar que o programa *TV é CIENCIA* pretende e promete ser um espaço, um lugar, de estímulo à prática e vivência da ciência e busca aproximar e familiarizar a audiência aos processos de produção de conhecimentos científicos e de seus atores.

5 CONCLUSÃO

Quando nos propusemos a enfrentar o desafio de realizar a análise do programa televisivo *TV é CIENCIA* dentro de uma perspectiva crítica das Ciências Sociais, estávamos cientes das principais dificuldades. Primeiro, porque tínhamos como pano de fundo, de um lado, as grandes questões relacionadas à ciência e tecnologia e, de outro, as peculiaridades, não menos complexas, da comunicação social. A isso, soma-se o fato de a proposta contemplar a análise do programa na dimensão das políticas públicas sociais, especialmente de comunicação das ciências no Brasil e no estado do Espírito Santo.

Processos eminentemente humanos tratam de campos tão complexos, quanto polêmicos e, de várias formas, ainda distantes de parte significativa das sociedades. Por outro lado, também já havíamos sido alertados pelos professores e pesquisadores Machado e Vélez (2007, p. 3), que defendem:

Na maioria das vezes, a abordagem da televisão é *macroscópica* e encara a televisão como uma estrutura abstrata de gerenciamento, financiamento, controle social, promoção do consumo e vinculação com o capital global, mas deixa de lado o exame efetivo do que ela concretamente produziu nos seus mais de 50 anos de história: os programas.

Como resultado dessas abordagens pelos autores acima citados, encontramos um cenário de escassa bibliografia disponível sobre análise de programas

televisivos. Mas, nada que pudesse nos desanimar e, inspirados no próprio Machado, começamos a busca por meios que possibilitassem o trabalho. Afinal, o possível *caráter inovador* do programa *TV é CIENCIA* e a consideração que devemos ter à “Relevância dos programas enquanto contribuições singulares à televisão e à cultura contemporânea” (MACHADO; VÉLEZ, 2007, p. 9) que suspeitávamos possuir o programa em análise, restabeleciam-nos as energias necessárias.

Assim, iniciamos nossos trabalhos, no primeiro capítulo, com uma abordagem teórica das Ciências Sociais a partir de três representantes das principais concepções correntes: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, como pressupostos teóricos, para concluirmos que, longe das paixões ideológicas, cada um tem importantes contribuições para análises de produtos televisivos. Porém, no caso do presente trabalho, as proposições de Marx e Weber mais se aproximariam e possibilitam o aprofundamento das análises quanto às restrições econômicas, políticas, institucionais e tecnológicas da produção do *TV é CIENCIA*.

Ainda nesse capítulo, logo em seguida, e ainda tratando como pressupostos teóricos, vimos as principais concepções de ciências, já que o programa televisivo em análise se propõe a divulgá-la para o público leigo. E, utilizando-nos principalmente dos apontamentos de Chalmers sobre teorias e métodos científicos, concluímos que para uma análise mais ampla do *TV é CIENCIA* tínhamos que considerá-la (a ciência) desde as concepções mais restritas, herméticas e acadêmicas às mais antagônicas e polêmicas, como as visões anárquicas de ciências oferecidas por Feyerabend.

No capítulo seguinte, iniciamos as análises do *TV é CIENCIA* a partir das concepções teóricas de políticas públicas sociais e o caso específico das políticas de comunicação das ciências e tecnologias no mundo, no Brasil e no estado do Espírito Santo. Nesse momento, também resgatamos um pouco da história e desenvolvimento da televisão no Brasil, a formação cultural,

econômica e social do estado do Espírito Santo e o contexto de implantação do programa *TV é CIENCIA* em solos capixabas. Ao final dessa seção, concluímos que a política de comunicação no Brasil e no Espírito Santo pode ser classificada como a da não política de comunicação, principalmente para a comunicação pública, o que aproxima em muito o caso brasileiro dos princípios e políticas ditas neoliberais.

A abordagem teórica sobre divulgação científica e sobre jornalismo científico, bem como o recorte histórico de seus desenvolvimentos no mundo, no Brasil e no estado do Espírito Santo, também se fizeram necessários para que pudéssemos, então, realizar a análise do programa *TV é CIENCIA* sob a ótica de políticas públicas sociais, especialmente de comunicação das ciências pela televisão, o que veio acontecer no capítulo seguinte.

Nesse momento, com as investigações sobre os principais pressupostos teóricos em mãos, partimos para a análise da conjuntura que possibilitou a concepção e implantação do programa *TV é CIENCIA*, verificando a documentação disponível e os relatos dos principais atores envolvidos, para concluirmos que a iniciativa se encaixa mais como uma ação de uns poucos agentes públicos e privados envolvidos com os assuntos da ciência e tecnologia e com o jornalismo televisivo, o que possibilitou a criação e implantação do programa *TV é CIENCIA*.

Dessa forma, ainda não há como tratar o programa como uma política pública consistente de comunicação ou divulgação científica através da mídia televisiva, demandada pela sociedade, devidamente planejada, perene, com participação popular e acompanhada e avaliada por amplo conjunto da comunidade onde está inserido. A afirmativa é ratificada pelo que concluímos anteriormente sobre a política da não política de comunicação pública no Brasil e, ainda, basta lembrarmos-nos dos longos períodos de ausência de produção de edições inéditas entre uma temporada e outra do programa *TV é CIENCIA*,

quando seus realizadores praticamente sobreviveram sem a qualquer garantia formal de continuidade.

Por outro lado, julgamos que a iniciativa reúne condições necessárias para que se torne uma verdadeira política pública social de comunicação das ciências e tecnologias através da televisão, já que até a presente data, apesar das dificuldades apresentadas, vem acumulando resultados expressivos. Em defesa da nossa afirmativa está o fato da veiculação nacional do programa *TV é CIENCIA*, ocorrida em 27 de setembro de 2012, com a sua seleção para integrar a grade nacional da *TV Brasil*,¹⁴ com veiculação para todo território nacional, nas quintas-feiras, às 07h30m, com reprise aos sábados, ao meio dia, o que vem acontecendo até os dias atuais.

Ainda ratificam as nossas afirmativas quanto às contribuições e possibilidades de transformação do programa *TV é CIENCIA* em efetiva e eficiente política pública de comunicação da ciência no Brasil através da mídia televisiva, os vários depoimentos prestados à equipe do programa quando da sua nacionalização e comemoração dos cinco anos de veiculação na *TV Educativa do Espírito Santo*.

Dentre eles, destacamos o depoimento do vice-governador do estado do Espírito Santo, Givaldo Vieira, sobre a possibilidade de aproximação do conceito de ciência e tecnologia com a população em geral e a possibilidade de elevação do nível de conhecimento dos capixabas:

O *TV é CIENCIA* leva conhecimento à nossa população. Nós precisamos aproximar o conceito de ciência e tecnologia do nosso povo. Tornar mais popular. Porque é importante que o Espírito Santo, que os capixabas, agreguem conhecimento. Porque nós precisamos, inclusive, elevar o nível de conhecimento que os capixabas têm. (RIBEIRO; CAETANO, 2012, DVD-ROOM).

¹⁴ Emissora Pública de Televisão vinculada à Empresa Brasil de Comunicação (EBC), da Secretaria Especial de Comunicação da Presidência da República.

O pioneirismo do programa *TV é CIENCIA* e sua capacidade de mexer com o intelecto das pessoas também foram destacados nos depoimentos prestados na mesma oportunidade e registrado pela equipe do programa *TV é CIÊNCIA*, como do Secretário de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação, à época, Jadir Pela:

Eu não conheço outro no nível de Brasil. É um Programa que traz uma discussão importantíssima. Eu não diria nem importante, porque mexe com a cabeça das pessoas e trabalha no seu nível de informação. Então, um Programa de ciências é fundamental. (RIBEIRO; CAETANO, 2012, DVD-ROOM).

Ou, ainda, o depoimento do Coordenador do Núcleo de Ciências da Universidade Federal do Espírito Santo, Jose Julian Ballester Júnior, na mesma oportunidade, à equipe do programa *TV é CIÊNCIA*: “Eu vejo a existência do *TV é CIENCIA* nesses cinco anos como um programa pioneiro na divulgação científica no estado do Espírito Santo”. (RIBEIRO; CAETANO, 2012, DVD-ROOM).

O potencial de divulgação científica ao público leigo, e como ferramenta pedagógica aos professores, também foram citadas pelo professor doutor do Departamento de Física da Universidade Federal do Espírito Santo, Laércio Ferracioli, na mesma oportunidade, aos membros da equipe do programa *TV é CIÊNCIA*:

O programa *TV é CIENCIA* tem um grande potencial de disseminar, de divulgação científica, tanto no contexto do cidadão comum que nunca ouviu falar de alguns temas que são abordados no *TV é CIENCIA*, quanto para o trabalho dos professores, eventualmente utilizando um desses Programas do *TV é CIENCIA* na divulgação e popularização da ciência. (RIBEIRO; CAETANO, 2012, DVD-ROOM).

Outra contribuição do programa *TV é CIENCIA* destacada foi em relação à amplitude das abordagens nas diversas áreas do conhecimento, de forma

didática e organizada, pelo Diretor Presidente da Agência de Serviços Públicos de Energia do Espírito Santo, Luiz Fernando Schettino, na mesma oportunidade, à equipe do programa *TV é CIÊNCIA*:

O *TV é CIENCIA* é fundamental para levar conhecimento de todas as Áreas. Na área de energia, visto que estamos trabalhando com as escolas, com as crianças, com as comunidades para que se conscientizem. É fundamental que tenha Programa que leve isso de forma didática, organizada e é o que o *TV é CIENCIA* faz. (RIBEIRO; CAETANO, 2012, 1 DVD-ROOM).

A divulgação das oportunidades de formação profissional pelo programa *TV é CIÊNCIA* foi destacada pelo Superintendente da Incubadora de Empresas de Base Tecnológica, da Prefeitura de Vitória, Vinícius Chagas, também em depoimento à equipe do programa *TV é CIÊNCIA*:

O *TV é CIENCIA* foi fundamental, principalmente na divulgação das oportunidades que surgem, nas ações que são feitas na ciência, inovação e empreendedorismo dos nossos espaços. (RIBEIRO; CAETANO, 2012, 1 DVD-ROOM).

Outra contribuição do programa *TV é CIÊNCIA* se relaciona à possibilidade da divulgação científica estimular a investigação científica, e foi destacada pelo Diretor Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES), Hanilton Sales Garcia, também em depoimento à equipe do programa *TV é CIÊNCIA*:

Para o Sistema Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, a grande contribuição é a divulgação científica e o despertar do sentido de investigação por parte dos jovens desse estado. (RIBEIRO; CAETANO, 2012, 1 DVD-ROOM).

Por fim, destaca-se o reconhecimento da consolidação do programa *TV é CIENCIA* no estado do Espírito Santo e a promessa de consolidação em todo país, através da *TV Brasil*, pelo Governador do estado, Renato Casagrande, ainda em depoimento à equipe do programa *TV é CIÊNCIA*:

É o estado se inserindo nacionalmente. Então, parabéns ao Programa. Um Programa já consolidado no Espírito Santo e que eu tenho certeza que vai se consolidar muito rapidamente na TV Brasil, nacionalmente, e vai levar nossas experiências nessas áreas para todo Brasil, para que todo Brasileiro possa conhecer. (RIBEIRO; CAETANO, 2012, 1 DVD-ROOM).

Assim, após análise do programa *TV é CIENCIA* na dimensão da política pública social de comunicação da ciência e tecnologia, nossas análises seguiram para a avaliação quantitativa sobre as abordagens temáticas realizadas pela equipe do programa *TV é CIENCIA em relação às grandes Áreas do Conhecimento* científico acadêmico. O objetivo foi verificar como seus realizadores tratam da divulgação da ciência e tecnologia tendo como base os princípios e técnicas do jornalismo científico.

Desse estudo, podemos inferir que o programa *TV é CIENCIA* aborda todas as grandes *Áreas do Conhecimento* científico e tecnológico, embora haja uma maior frequência nas abordagens na Área de Sociologia Aplicada, o que pode ser justificado por se tratar de uma proposta de ação de Divulgação Científica. Também é de fácil percepção que o programa busca tratar de temas que permitam abordagens de várias Áreas. Daí, apresentar, nas quatro temporadas analisadas, 501 abordagens em 190 edições temáticas, o que dá uma média de mais de duas *Áreas de Conhecimento* por edição.

Encerrando a seção, por fim, percebe-se que entre as quatro temporadas analisadas, entre 2007 e 2011, não houve um equilíbrio das abordagens das *Áreas de Conhecimento*, como pudemos observar com a Área de Exatas e da Terra entre a primeira e quarta temporadas, 17% e 07%, respectivamente, e com a Área de Humanas entre a primeira, a segunda e terceira temporadas, 01%, 18% e 19%, respectivamente. Como dissemos, em nossa visão, duas possibilidades podem representar boas justificativas para que isso tenha ocorrido: a oscilação da produção acadêmica nos quatro anos do período

analisado e/ou; a intenção de seus realizadores em fazer um programa de divulgação científica baseado no princípio da atualidade jornalística, que condiciona a atividade desses profissionais aos fatos e acontecimentos ocorridos.

Ainda nesse capítulo, na seção 4.3, realizamos uma análise descritiva das nove edições do programa *TV é CIENCIA* que compuseram a amostragem, para verificarmos como se deram as abordagens dos conteúdos veiculados, quanto aos princípios jornalísticos da objetividade, temporalidade e amplitude. Através desse estudo, podemos inferir que os realizadores do programa *TV é CIENCIA* trataram as *Áreas de Conhecimento* predominantemente de forma direta e as abordagens foram realizadas de forma extremamente positivas, inclusive com ausência de contraposições. As abordagens também são majoritariamente atuais e amplas, e se busca relacionar os assuntos ao dia-a-dia das pessoas.

O passo seguinte foi a análise do programa *TV é CIENCIA* quanto às concepções de gênero e formato, tendo como principal referência o trabalho de classificação proposta pelo jornalista e professor José Carlos Aronchi. Nesse momento, concluímos que os realizadores do programa *TV é CIENCIA* articulam diversas estratégias de categorias, gêneros e formatos. Mas, principalmente, das categorias de Informação e Educação. Arriscamos a dizer que um conceito mais apropriado para o programa *TV é CIENCIA* seja da subcategoria de Infoeducação, que reúne as possibilidades da informação para contribuir no processo educacional de seus telespectadores.

Quanto aos gêneros adotados, o *documentário* e a *entrevista* são mais recorrentes. Com menos aspectos afins, o gênero *telejornal*. A quantidade de informação e conhecimentos divulgados pelo programa *TV é CIENCIA*, características do gênero *documentário*, e as possibilidades ofertadas de instrução, complementação educacional, profissionalizante e técnico, da

categoria *educação*, são evidências percebidas nas edições analisadas que nos permitem a afirmativa acima.

Quanto aos formatos empregados no modo de produção do programa *TV é CIENCIA*, são evidentes os aspectos do *ao vivo*, *depoimento*, *entrevista*, *instrucional*, *narração em off*, *noticiário*, *quadros*, *reportagens*, *telejornal*, *vinhetas* e *vídeo clipe*, tendo em consideração a proposta de categorização de Aronchi.

Finalizamos as análises do programa *TV é CIENCIA* buscando as intencionalidades de seus enunciadores, utilizando-nos como ferramenta a dimensão do *modo de endereçamento*, e do seu operador de análise o *contexto comunicativo*, segundo proposições do Grupo de Pesquisa e Análises de Telejornais (GPTJ), da Universidade Federal da Bahia, quando do estudo realizado sobre os quatro telejornais da *Rede Globo* de Televisão: *Bom Dia Brasil*; *Jornal Hoje*; *Jornal Nacional* e; *Jornal da Globo*.

Da análise, pudemos concluir que, embora construam contextos comunicativos diferenciados, ficam evidentes algumas intencionalidades convergentes: O clima de descontração e familiaridade, quase um bate-papo, construído pelo *Bom dia Brasil*; A ênfase no receptor, que deve obter do programa informações úteis para o seu cotidiano de cidadão/consumidor, através da abordagem mais emotiva e pedagógica, do *Jornal Hoje*; a atualidade e interesse público e a audiência do brasileiro médio que busca um panorama dos acontecimentos, uma visão de conjunto das questões que se referem à sociedade, construído pelo *Jornal Nacional* e; as características de avaliação dos acontecimentos e implicações, construídas pelo *Jornal da Globo*, também estão presentes no programa *TV é CIENCIA*, e nos revelam uma singularidade própria da iniciativa televisiva de comunicação da ciência dos realizadores capixabas.

Além disso, o *TV é CIENCIA* pretende estar no local do acontecimento. E, de forma descontraída e coloquial, seus enunciadores prometem informação útil, reflexão sobre atualidade, instrução sobre hábitos e oportunidades, além de

revelar conceitos científicos e suas aplicações no cotidiano das pessoas, ressaltando, por diversas vezes, os benefícios das pesquisas e o papel dos pesquisadores na sociedade, como cidadãos comuns.

Diante de tudo que foi exposto, cabe ainda reconhecer os limites do trabalho aqui apresentado, pois não se teve a preocupação em esgotar o assunto. Ao contrário, esse deve ser entendido como um pontapé, uma provocação a novos e mais profundos estudos. Afinal, mais uma vez concordando com Machado e Vélez (2007, p.13), “É preciso que a análise se dê conta de que não é (nem poderia jamais ser) a explicação última de seu objeto”.

Devemos reconhecer ainda as dificuldades que todo pesquisador enfrenta quando se propõe a estudar um objeto em que está intimamente ligado, como é o caso desse autor. Mas, esperamos ter alcançado o distanciamento necessário para um trabalho isento e o mais racional possível. Somente o leitor poderá julgar.

Com humildade, mantemos a esperança de que o presente trabalho sirva aos realizadores do programa *TV é CIENCIA* como instrumento de aperfeiçoamento, bem como aos acadêmicos, pesquisadores, profissionais e outros interessados no assunto. Como também esperamos que este trabalho sirva de inspiração para críticas enriquecedoras e novas abordagens. A semente está lançada.

REFERÊNCIAS

ARONCHI, J. C. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

BACELAR, T. As políticas públicas no Brasil: heranças, tendências e desafios. In: SANTOS JUNIOR, O. A. et al. **Políticas públicas e gestão local**: programa interdisciplinar de capacitação de conselheiros municipais. Rio de Janeiro: FASE, 2003.

BELLONI, M. L. **O que é mídia educação?** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

BISTANE, L.; BACELLAR, L. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 2001.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Consolidação das recomendações da 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável**. Brasília, DF: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2010.

_____. Ministério da Saúde. **Como elaborar projetos de pesquisas para o SUS**: guia. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BUCCI, M. P. D. (Org.). **Políticas públicas**: reflexões sobre o conceito jurídico. São Paulo: Saraiva, 2006.

BUENO, W. C. **Jornalismo científico no Brasil**: aspectos teóricos e práticos. São Paulo: ECA/USP, 1984.

_____. **Pesquisa do MCT evidencia a importância da divulgação científica.** São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.org.br/cessadoem/>. Acesso em: 09 jan. 2008.

CASTRO, D.; MELO, J. M.; CASTRO, C. (Org.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil.** Brasília, DF: Ipea, 2010.

CASTRO, I. **A Popularização da ciência e tecnologia como um elemento de inclusão social.** Brasília, DF: Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social, 2005.

CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHASSOT, A. **A Ciência através dos tempos.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

COTTA, P. **Jornalismo:** Teoria e prática. Rio de Janeiro: Rubio, 2005.

DOMINGOS, A. A. f. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica:** Elaboração e relatório de estudos científicos. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 1977.

DUARTE, B. E.; CASTRO L. M. (Org.). **Comunicação audiovisual:** gêneros e formatos. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ESPIRITO SANTO. Constituição (1989). **Constituição do Estado do Espírito Santo:** promulgada em 05 de outubro de 1989, atualizada até a Emenda Constitucional nº 90, de 04 de dezembro de 2012. Vitória: Assembleia Legislativa, 2012. Disponível em: <www.ale.es.gov.br>. Acesso em: 20 nov. 2012.

FORECHI, M. (Coord.) **Programa TV é ciências.** 2006. 09 f. Projeto Técnico de Pesquisa (Solicitação de Apoio Financeiro a Projetos de C, T & I – Processo nº 35867949/2006). Vitória: Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2006.

_____. RIBEIRO, J. L. (dir. ger.) **Violência e segurança pública.** 2007. 12º prog. Vila Velha: Vídeo & Arte Produtora, 2007. 1 DVD-ROOM.

_____. **Meteorologia.** 14º prog. Vila Velha: Vídeo & Arte Produtora, 2007. 1 DVD-OM.

_____. **Desenvolvimento de software.** 19º prog. Vila Velha: Vídeo & Arte Produtora, 2007. 1 DVD-ROOM.

_____. **IV Semana Estadual e Nacional de Ciência e Tecnologia.** Edição 01. 31º prog. Vila Velha: Vídeo & Arte Produtora, 2007. 1 DVD-ROOM.

GOMES, R. A. L. **A comunicação como direito humano**: um conceito em construção. 2007. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

GÖRGEN, J. **Sistema central de mídia**: proposta de um modelo sobre os conglomerados de comunicação no Brasil. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

GUIMARÃES, H. S.; LESSA, A. C. **Figuras de linguagem**: teoria e prática. São Paulo: Atual, 2008.

HOFLING, E. M. **Estado e políticas (públicas) sociais**. São Paulo: Unicamp, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Rede de estudos macroeconômicos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

INSITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. Perfil 2012. Vitória: IJSN, 2012. Disponível em: <www.ijsn.es.gov.br>. Acesso em: 25/06/2012.

KREINZ, G.; PAVAN, C. (Org.). **A espiral em busca do infinito**. São Paulo: NJR/ECA/USP, 1998.

_____. (Org.). **Idealistas isolados**. São Paulo: NJR/ECA/USP, 1999.

LAGE, N. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1985.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2005.

_____. Pode-se falar em gêneros na televisão? **Revista FAMECOS**, Belo Horizonte, v.10, p.142-158, jun. 1999.

MACHADO, E. Dos estudos sobre o jornalismo às teorias do jornalismo: três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento. **Revista Eletrônica e-compos**, edição 1, dez. 2004. Disponível em: <[HTTP://www.compos.org.br/e-compos](http://www.compos.org.br/e-compos)>. Acesso em: 10 nov. 2012.

MACHADO, R. M. (Coord.) **Programa TV é ciência**. 2008. 18 f. Projeto Técnico de Pesquisa (Solicitação de Apoio Financeiro a Projetos de C, T & I – Processo nº 40509150/2008). Vitória: Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2008.

_____. **Programa TV é ciência**. 2009. 19 f. Projeto Técnico de Pesquisa (Solicitação de Apoio Financeiro a Projetos de C, T & I – Processo nº 45292760/2009). Vitória: Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2009.

_____. **Projeto de Popularização e Difusão Científica e Tecnológica:** programa TV é CIENCIA. 2010. 22 f. Projeto Técnico de Pesquisa (Solicitação de Apoio Financeiro a Projetos de C, T & I – Processo nº 50178890/2010). Vitória: Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2010.

_____. RIBEIRO, J. L. (dir. ger.) **XXI Feira do Verde de Vitória.** 06º prog. Vila Velha: Vídeo & Arte Produtora, 2010. 1 DVD-ROOM.

_____. **Desafios do ensino técnico e profissionalizante no Espírito Santo:** 42º prog. Vila Velha: Vídeo & Arte Produtora, 2011. 1 DVD-ROOM.

_____. **Inovação tecnológica:** 49º prog. Vila Velha: Vídeo & Arte Produtora, 2011. 1 DVD-ROOM.

_____. **VIII semana estadual e nacional de ciência e tecnologia:** edição 01. 50º prog. Vila Velha: Vídeo & Arte Produtora, 2011. 1 DVD-ROOM.

_____. **Desenvolvimento do Espírito Santo e seus efeitos colaterais:** 54º prog. Vila Velha: Vídeo & Arte Produtora, 2011. 1 DVD-ROOM.

MALAVOY, S. **Guia prático de divulgação científica.** Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2005.

MARX, K.; ENGEL, F. **Manifesto do partido comunista/ Manifest der Kommunistischen Partei (1848).** 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

MARTINUZZO, J. A. (Org.). **Quase 200:** a imprensa na história capixaba. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial, 2008.

MATTEDI, J. C. **A História da imprensa oficial do Espírito Santo.** Vitória: [s.n.], 2005.

MEDINA, B. L. J. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium,** Pernambuco, Ano 5, n. 1, p. xx, jan./jun. 2001.

NASCIMENTO, D. M. **Metodologia do trabalho científico:** teoria e prática. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo científico.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

RAMOS, M. H. R. **Relação teoria, método e história em Marx.** 2011. 22 f. Texto-roteiro para estudos em sala de aula (Mestrado Políticas Públicas e Desenvolvimento Local) – Escola Superior de Ciências da Saúde da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – EMESCAM, 2011.

RAMOS, M. H. R.; SILVA, A. I.; ATAIDE, S. G. (Org.). **Desenvolvimento local, saúde e meio ambiente:** o impacto dos grandes projetos em Anchieta/ES, e na região da grande Vitória e em Macaé/RJ. Vitória: EMESCAM, 2009.

REZENDE, C. **História econômica geral**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

RIBEIRO, J. L. (dir. ger.); CAETANO A. (dir. téc.) **Programa TV é ciência: Nacionalização do Programa**. 3m30seg. Vila Velha: Vídeo & Arte Produtora. 2012. 1 DVD-ROOM.

RIOS, A. et al. Jornalismo científico: o compromisso de divulgar ciência à sociedade. **Revista 2**. v.13, n. 2, p.113-9, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revista2.uepg.br>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

SÃO PAULO. Fundação Padre Anchieta. **Jornalismo público: guia de princípios**. São Paulo: Gráfica da Fundação Padre Anchieta, 2004.

SIQUEIRA, D. C. O. Televisão e divulgação científica. 2008. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=37&id=444>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

TRIGUEIRO, A. **Mundo sustentável**. 2.ed. São Paulo: Globo, 2005.

VIEIRA, C. L. **Pequeno manual de divulgação científica: dicas para cientistas e divulgadores de ciência**. São Paulo: CCS/USP, 1998.

VOGTH, C. (Org.). **Cultura científica: desafios**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

WORLD FEDERATION OF SCIENCE JOURNALIST. **Curso on-line de jornalismo científico/ Science and Development Network**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

ANEXOS

ANEXO A - Relação dos programas veiculados na primeira temporada do programa TV é CIENCIA, correspondente ao período de 13 de março de 2007 a 08 de agosto de 2008, com indicação dos temas abordados e Áreas de Conhecimento segundo classificação da FAPES.¹⁵

RELAÇÃO PROGRAMAS VEICULADOS. Processo FAPES nº 35867949/2006 – Termo Outorga nº 002/2007

1º Temporada – 2007/2008

TÍTULO – VEICULAÇÃO – ÁREA CONHECIMENTO

- 1º - ES FAZ CIÊNCIA (13/03/07) – 1.6
- 2º - ROBÓTICA E AUTOMAÇÃO INDUSTRIAL (20/03/07) – 1.1; 1.3; 1.9
- 3º - ÁGUA E AQUECIMENTO GLOBAL (27/03/07) – 1.1; 1.2; 1.3; 1.4; 1.9
- 4º - HIPERTENSÃO (03/04/07) – 1.4
- 5º - ASTRONOMIA E ASTROFÍSICA (10/04/2007) – 1.1; 1.3
- 6º - CIÊNCIA & ARTE ATRAVÉS DA MÚSICA (17/04/07) – 1.1; 1.6; 1.7; 1.8.
- 7º - BIOTECNOLOGIA NO AGRONEGÓCIO (24/04/07) – 1.1; 1.2; 1.3; 1.5; 1.9.
- 8º - TRABALHO ESCRAVO (01/05/07) – 1.6; 1.7; 1.9.

¹⁵ Parte integrante do Relatório Técnico e Financeiro Final de Prestação de Contas do Projeto Programa TV é CIENCIA pela coordenação à FAPES.

- 9º - BIODIVERSIDADE MATA ATLÂNTICA – VEGETAL (08/05/07) – 1.1; 1.2; 1.5; 1.9.
- 10º - BIOTECNOLOGIA NA SAÚDE HUMANA (15/05/2007) - 1.2; 1.4; 1.9.
- 11º - VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA I (22/05/2007) - 1.6; 1.7; 1.9.
- 12º - VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA II (29/05/2007) – 1.6; 1.7; 1.9.
- 13º - BIODIVERSIDADE ANIMAL DA MATA ATLÂNTICA (05/06/2007) – 1.1; 1.2; 1.5.
- 14º - METEOROLOGIA (12/06/2007) – 1.1; 1.3; 1.5.
- 15º - TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS CONSTRUÇÃO CIVIL (19/06) – 1.3; 1.6; 1.9.
- 16º - MAGNETISMO (26/06) – 1.1; 1.3.
- 17º - COMUNIDADES MARINHAS BENTÔNICAS COSTA ES (03/07) – 1.1; 1.2; 1.3; 1.9.
- 18º - BIOTECNOLOGIA PRODUÇÃO DE MUDAS (10/07) – 1.2; 1.3; 1.5; 1.9.
- 19º - DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARES (17/07) – 1.1; 1.3; 1.9.
- 20º - DIFUSÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA (24/07) – 1.6.
- 21º - AGÊNCIAS DE FOMENTO (31/07) – 1.9.
- 22º - INVENTOS E INVENTORES CAPIXABAS (07/08) – 1.3; 1.6; 1.9.
- 23º - NANOTECNOLOGIA (14/08) – 1.1; 1.2; 1.3; 1.4; 1.9.
- 24º - ARQUITETURA E URBANISMO (21/08) – 1.3; 1.6; 1.8; 1.9.
- 25º - MOSTRA CIENTÍFICA DE CASTELO (28/08) – 1.6.
- 26º - ECONEGÓCIOS E TECNOLOGIAS LIMPAS (04/09) – 1.1; 1.3; 1.6; 1.9.
- 27º - MUDANÇAS CLIMÁTICAS E AQUECIMENTO GLOBAL (11/09) – 1.1; 1.2; 1.3; 1.9.
- 28º - MUDANÇAS GLOBAIS E SOBREVIVÊNCIA DAS ESPÉCIES (18/09) – 1.1; 1.2; 1.3; 1.6; 1.7; 1.9.
- 29º - MOSTRA CIENTÍFICA DE VENDA NOVA IMIGRANTE (25/09) – 1.6.
- 30º - MOSTRA CIENTÍFICA DE SANTA TEREZA E VITÓRIA (02/10) – 1.6.

- 31º - IV SEMANA ESTADUAL C&T (1º PG SÉRIE: Abertura e Cachoeiro) – (09/10) – 1.6.
- 32º - IV SEMANA ESTADUAL C&T (2º PG SÉRIE: Mostra e Salão) – (16/10) – 1.6.
- 33º - IV SEMANA ESTADUAL C&T (3º PG SÉRIE: Ufes/Cefestes/Incper) – (23/10) – 1.6.
- 34º - IV SEMANA ESTADUAL C&T (4º PG SÉRIE: Particulares + Encerramento) – (30/10) – 1.6.
- 35º - 50º ANIVERSÁRIO ERA ESPACIAL – (06/11) – 1.1; 1.3.
- 36º - MATA ATLANTICA: CONSERVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE – (13/11) – 1.1; 1.2; 1.4; 1.5; 1.6; 1.7; 1.9.
- 37º - PREMIO NOBEL 2007 – (20/11) – 1.6.
- 38º - JOVENS CIENTISTAS – (27/11) – 1.6.
- 39º - PETRÓLEO E O ESPÍRITO SANTO – (04/12) – 1.1; 1.3; 1.6; 1.9.
- 40º - SEMI-ÁRIDO CAPIXABA – (11/12) - 1.1; 1.3; 1.6; 1.9.
- 41º - O RIO DOCE – (18/12/07) – 1.1; 1.2; 1.3; 1.5; 1.6; 1.7; 1.9.
- 42º - ESTRELA DE BELÉM – (25/12/07) – 1.6; 1.7; 1.8.
- 43º - RETROSPECTIVA I - (01/01/08) – 1.6.
- 44º - RETROSPECTIVA II - (08/01/08) – 1.6.

ANEXO B - Relação dos programas veiculados na segunda temporada do programa TV é CIENCIA, correspondente ao período de 01 de julho de 2008 a 21 de abril de 2009, com indicação dos temas abordados e Áreas de Conhecimento segundo classificação da FAPES¹⁶.

RELAÇÃO PROGRAMAS VEICULADOS – processo FAPES nº 40509150/2008 – Termo Outorga nº 001/2008.

TEMPORADA - 2008 - 2009

Nº. PROGRAMA	TÍTULO	DATA VEICULAÇÃO	ÁREAS CONHECIMENTO (Predominantes)*1
01	Capixabas na Antártica	01/07	1 e 8
02	Exposição “Einstein na América Latina”	08/07	1 e 6

¹⁶ Parte integrante do Relatório Técnico e Financeiro Final de Prestação de Contas do Projeto Programa TV é CIENCIA pela coordenação à FAPES.

03	Políticas Públicas de C&T	15/07	9
04	Popularização da C&T	22/07	6
05	Proc. Desenvolv. & Aprendizagem de Crianças com N.Esp.	29/07	2 e 4
06	Efeitos do Álcool no organismo e na sociedade	05/08	2 e 4
07	Semana de C&T de Castelo	12/08	6
08	Semana Regional de C&T de Santa Tereza	19/08	6
09	Feira Científico-Cutural de Santa Maria de Jetibá.	26/08	6
10	Petróleo no Espírito Santo	02/09	9
11	Diversidade Étnico-Cultural do Espírito Santo.	09/09	6 e 7
12	Pesquisas com Células Tronco no Espírito Santo.	16/09	2 e 4
13	LHC – O Grande Colisor de Hádrons (partículas).	23/09	1 e 3
14	150 anos da Teoria da Origem das Espécies – Charles Darwin	30/09	1 e 6
15	Diversidade Animal e Vegetal da Mata Atlântica do Espírito Santo	07/10	1, 2 e 5

16	Congresso Brasileiro de Fruticultura – diversificação na agricultura	14/10	5
17	V Semana C&T 1º Programa	21/10	6
18	V Semana C&T 2º Programa	28/10	6
19	V Semana C&T 3º Programa	04/11	6
20	TDAH	11/11	2 e 4
21	Circuito Metropolitano de Popularização C&T	18/11	6
22	Fórum Internacional de Inovação Tecnológica	25/11	1 e 3
23	Poluição Atmosférica e Doenças Respiratórias	02/12	1, 2 e 4
24	Circuito do Conhecimento de Vitória.	09/12	6
25	Centros Vocacionais Tecnológicos	16/12	1, 2, 3, 4, 5 e 7
26	Ideário de Natal	23/12	6, 7 e 8
27	Retrospectiva 2008	30/12	6, 7 e 8

28	A Cura pelo Riso	06/01	2, 4, 6 e 7 – OBS: 1ª Edição Especial alunos Jornalismo Científico Ufes*2.
29	Esgoto e Praias	13/01	1, 2, 3, 4, 6 e 7 – OBS: 2ª Edição Especial alunos Jornalismo Científico Ufes*2.
30	Aquecimento Global	20/01	1, 2, 3, 4, 5, 6 e 9 - OBS: 3ª Edição Especial alunos Jornalismo Científico Ufes*2.
31	Robótica	27/01	1, 3 e 4 – OBS: 4ª Edição Especial alunos Jornalismo Científico Ufes*2.
32	XVIII Simpósio Nac. Ensino Física.	03/02	1 e 3
33	Ano Internacional Astronomia	10/02	1 e 3
34	Formação de RH em C&T	17/02	6
35	Ciência do Carnaval	24/02	3, 6, 7 e 9
36	A Tradição da Panela de Barro Capixaba.	03/03	2, 6, 8 e 9
37	Tecnologias no combate ao crime.	10/03	1, 3, 6 e 9
38	Tecnologias, Informação e Comunicação.	17/03	1, 3 e 6
39	Pólo de Mármore e Granito do Sul-ES	24/03	1, 3, 5 e 9

40	Insurreição de Queimados.	31/03	6 e 8
41	Biotecnologia e Biofilmes.	07/04	2, 4, 5 e 9
42	Inovação Tecnológica nas Micro e Pequenas Empresas.	14/04	1, 3 e 9
43	Projeto do Museu do Corpo Humano.	21/04	2, 4 e 6

ANEXO C - Relação dos programas veiculados na terceira temporada do programa TV é CIENCIA, correspondente ao período de 01 de setembro de 2009 a 12 de outubro de 2010, com indicação dos temas abordados e Áreas de Conhecimento segundo classificação da FAPES¹⁷.

**PROGRAMAÇÃO – 2009/2010. – PROCESSO FAPES nº 45292760/2009 –
Termo Outorga nº 001/2009.**

TEMAS / ÁREAS CONHECIMENTO

Nº. PROGRAMA	TÍTULO	DATA VEICULAÇÃO	ÁREAS CONHECIMENTO (Predominantes)*1
---------------------	---------------	------------------------	---

¹⁷ Parte integrante do Relatório Técnico e Financeiro Final de Prestação de Contas do Projeto Programa TV é CIENCIA pela coordenação à FAPES.

01	Semana de C&T de Santa Maria de Jetibá	01/09	1.6
02	Circuito do Conhecimento de Vitória	08/09	1.6 OBS: programa selecionado para a Mostra "Ver Ciência"-MCT
03	Vitória Moda Show	15/09	1.4; 1.6; 1.9
04	Seminário Industrialização Tardia do Espírito Santo	22/09	1.6; 1.9
05	Manguezal de Vitória	29/09	1.1; 1.2; 1.4
06	60 anos do Museu Melo Leitão	06/10	1.6
07	Iniciação Científica	13/10	1.6
08	VI Semana C&T	20/10	1.6
09	VI Semana C&T	27/10	1.6
10	Museu Rochas Ufes	03/11	1.1; 1.6
11	IV Simpósio Brasileiro do Papaya	10/11	1.1; 1.2; 1.4; 1.5; 1.6
12	II Mostra Científica, Ambiental e Cultural de Vitória.	17/11	1.6
13	Sustentabilidade	24/11	1.9; 1.6
15	Abertura do Palácio Anchieta	01/12	1.1; 1.3; 1.6

16	100 anos do IFES	08/12	1.1; 1.3; 1.6
17	II Circuito Metropolitano de Popularização da Ciência de Vitória	15/12	1.6
18	Mudanças Climáticas	22/12	1.1; 1.2; 1.3; 1.5; 1.6
19	Retrospectiva 2009	29/12	1.6
20	Cultura do Vinho	05.01.10	1.2; 1.4; 1.5; 1.6; 1.7; 1.8; 1.9
21	Cálculo Renal	12.01.10	1.1; 1.4; 1.6
22	Escola de Biologia e História de Vitória	19.01.10	1.2; 1.4; 1.6; 1.7; 1.8
23	Circuito Histórico de Vitória	26.01.10	1.1; 1.3; 1.6; 1.7
24	Altas Habilidades	02.02.10	1.6; 1.7
25	Hipertensão	09.02.10	1.2; 1.4
26	-	16.02.10	
27	I Conferência Municipal de C,T&I Vitória	09.03.10	1.6; 1.7
28	Exposição Michelangelo	16.03.10	1.3; 1.6; 1.7; 1.8
29	-	23.03.10	
30	1 Conferencia Est. C,T&I	30.03.10	1.6; 1.7
31	Conferencia Regional de C,T&I sudeste	06.04.10	1.6; 1.7

32	Comunidades Bentônicas	13.04.10	1.1; 1.2; 1.9
33	Seminário avaliação PPSUS	20.04.10	1.1; 1.4; 1.6; 1.7
34	-	27.04.10	
35	Economia Solidária	04.05.10	1.6; 1.7; 1.9
36	10 Aniversário Esc. Ciência Física Vitória.	11.05.10	1.1; 1.6; 1.7
37	Tecnologias no combate ao crime	18.05.10	1.1; 1.3; 1.6; 1.7
38	Álcool e outras Drogas	25.05.0	1.2; 1.4; 1.6; 1.7
39	Incubadora de Empresas	01.06.10	1.1; 1.4; 1.6; 1.7; 1.9
40	Hipertensão	08.06.10	1.2; 1.4
41	Ciência no Esporte	15.06.10	1.1; 1.4; 1.6; 1.7
42	Obesidade	22.06.10	1.2; 1.4; 1.6; 1.7
43	-	29.06.10	
44	Biodiversidade do ES	06.07.10	1.1; 1.2; 1.3; 1.6; 1.7
45	Exposição Einstein no ES	13.07.10	1.1; 1.6; 1.7
46	Processos Educacionais Inovadores	20.07.10	1.6; 1.7
47	Centros e Museus de Ciências	27.07.10	

48	Biblioteca Pública o ES	03.08.10	
49	Café no ES	10.08.10	
50	Dietas	17.08.10	
51	XI Feira Científica e Cultural de STA Ma Jetibá	24.08.10	
52	Museu Mello Leitão	31.08.10	
53	Projeto Visitar Vitória	07.09.10	
54	Sítio Histórico Vitória	14.09.10	
55	Estação Ciência de Cariacica	2.09.10	
56	Lançamento Semana C,T&I	28.09.10	
57	15 anos Planetário Vitória	05.10.10	
58	Urbanismo	12.10.10	

ANEXO D - Relação dos programas veiculados na quarta temporada do programa TV é CIENCIA, correspondente ao período de 19 de outubro de 2010 a 22 de novembro de 2011, com indicação dos temas abordados e Áreas de Conhecimento segundo classificação da FAPES¹⁸

RELAÇÃO PROGRAMAS 2010 – 2011 – PROCESSO FAPES nº
50178890/2010 – Termo Outorga nº 002/2010.

TEMPORADA 4

NUMERO PROGRAMA	TÍTULO	VEICULAÇÃO	ÁREA CONHECIMENTO
01	Abertura 7 Semana CT&I	19.10.10	1.6
02	7 Semana C,T&I – INOVA	26.10.10	1.6
03	7 Semana C,T&I –	02.11.10	1.6

¹⁸ Parte integrante do Relatório Técnico e Financeiro Final de Prestação de Contas do Projeto Programa TV é CIENCIA pela coordenação à FAPES.

	INVENTORES		
04	7 Semana C,T&I – FIM	09.11.10	1.6
05	Dia Mundial pela Paz e Desenvolvimento	16.11.10	1.6
06	Feira do Verde Vitória	23.11.10	1.2; 1.2; 1.5; 1.6; 1.7; 1.8
07	Base Oceanográfica Aracruz	30.11.10	1.2; 1.5; 1.6; 1.7; 1.9
08	NDI	07.12.10	1.1
09	PIBIC - Jr	14.12.10	1.6; 1.7
10		21.12.10	
11	Retrospectiva 1 parte	28.12.10	1.6
12	Retrospectiva 2 parte	04.01.11	1.6
13	Programação de Verão Pça Ciência e Esc. Ciência Física	11.01.11	1.1; 1.3; 1.6; 1.7
14		18.01.11	
15	Cálculos Renais	25.01.11	1.1; 1.2; 1.4; 1.7
16		01.02.11	
17	Projeto Tamar	08.02.11	1.1; 1.2; 1.6; 1.7; 1.9
18		15.02.11	
19	Ciência do Carnaval	22.02.11	1.3; 1.6; 1.7
20	Políticas Públicas C,T&I	01.03.11	1.6; 1.7; 1.9
21	Dengue	08.03.11	1.2; 1.5; 1.6; 1.7
22	Políticas Públicas e Desenv. Local	15.03.11	1.6; 1.7; 1.9
23		22.03.11	
24	Aniversario 4 anos TV é CIENCIA	29.03.11	1.6
25		05.04.11	
26	Química	12.04.11	1.3; 1.4; 1.5; 1.6; 1.7; 1.9
27	Energia no ES	19.04.11	1.1; 1.3; 1.7; 1.9
28		26.04.11	
29	Dia do Trabalhador	03.05.11	1.6; 1.7; 1.9
30	Mudanças Climáticas	10.05.11	1.1; 1.2; 1.3; 1.5; 1.6; 1.7; 1.9
31	20 anos FACITEC	17.05.11	1.6
32	Seminário Jornalismo Ambiental	24.05.11	1.2; 1.5; 1.6; 1.7; 1.9
33	Corpo Humano	31.05.11	1.2; 1.4; 1.6; 1.7
34		07.06.11	
35	Álcool e Drogas	14.06.11	1.2; 1.4; 1.6; 1.7
36	Seminário Filosofia e Psicanálise	21.06.11	1.4; 1.6; 1.7
37		28.06.11	
38	Museu Solar Monjardim	05.07.11	1.6; 1.7; 1.9
39	Novo Ensino Médio	12.07.11	1.6; 1.7
40	Circuito da Ciência Vitória	19.07.11	1.1; 1.2; 1.3; 1.6; 1.7; 1.8
41	4 Mec Show	26.07.11	1.1; 1.3; 1.6; 1.9
42	Ensino Técnico	02.08.11	1.6; 1.7; 1.9

	Profissionalizante		
43	8 Semana Engenharia	09.08.11	1.1; 1.3; 1.6; 1.9
44	Lançamento Semana C,T&I	16.08.11	1.6
45	XII Feira Científica Cultural STA Ma Jetibá	23.08.11	1.6
46	Mestres Espanhóis	30.08.11	1.6; 1.7
47	Aniversario de Vitória	06.09.11	1.6; 1.7
48	LHC – E Aí?	13.09.11	1.1; 1.3; 1.6; 1.7
49	Inovação Tecnológica	20.09.11	1.1; 1.3; 1.6; 1.7; 1.9
50	8 Semana C,T&I	27.09.11	1.6
51	8 Semana C,T&I	04.10.11	1.6
52	8 Semana C,T&I	11.10.11	1.6
53	Inventar Brasil - Castelo	18.10.11	1.6
54	Desenv. ES e Efeitos Colaterais	25.10.11	1.5; 1.6; 1.7; 1.9
55	8 Semana C,T&I	01.11.11	1.6
56	8 Semana C,T&I	08.11.11	1.6
57	8 Semana C,T&I	15.11.11	1.6
58	8 Semana C,T&I	22.11.11	1.6